REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 4
2018
Anual

Goiânia - GO
Kelps, 2018

Copyright © 2018 by Academia Morrinhense de Letras

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560 - 460 — Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

ACA Academia Morrinhense de Letras.
rev Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 4, Volume 4 – Goiânia : Kelps, 2018.

134 p.: il.

ISSN: 2447-1437

1. Academia Morrinhense de Letras – Revista. 2. Literatura - Prosa e Poesia. Morrinhos (GO). I. Titulo

CDU: 050(817.3)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2018

ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Praça Professor José Cândido nº 679, Centro – 1º Andar
CEP: 75650 – 000 Morrinhos – GO

DIRETORIA DA AML

Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Vice Presidente: Wander Oliveira Melo
1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles
Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas
Bibliotecária: Francimar Bezerra de Almeida
Editor da Revista e/ou Jornal: Wander Oliveira Melo
Secretário Adjunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira
Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente - Cleusa Marina Silva Freitas

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Digitação: Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: Francimar Bezerra de Almeida
João Orlando Luiz de Oliveira
Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2018, a Academia Morrinhense de Letras publica a IV Edição de sua Revista Anual.

A Academia Morrinhense de Letras completa quatorze anos de existência, fundada em 11 de dezembro de 2004, com 25 cadeiras, cada cadeira está sob o patrono de um vulto iminente da cultura morrinhense; tendo como primeiro presidente José Afonso Barbosa, que exerceu esse cargo por dois mandatos.

Em 2016, nossa academia visando adequar ao formato das demais Academias de Letras do Brasil que seguem o modelo da Academia Francesa, criou mais 15 novas cadeiras, totalizando o número de 40.

Hoje, a AML é composta de 32 cadeiras ocupadas, de acordo com o quadro abaixo.

CADEIRAS	ACADÊMICOS	PATRONOS
1	Alaor Barbosa dos Santos	Guilherme Xavier de Almeida
2	Carmen Lúcia Freitas de Mendonça	Elodia Ribeiro Costa
3	Cleusa Marina Silva Freitas	Bruno José Vieira
4	Darcy Chaves Júnior	Senador Hermenegildo Lopes de Morais
5	Francimar Bezerra de Almeida	Vitória Troncoso
6	Ellen Carneiro do Vale	Maria Amabini de Morais
7	Wander Oliveira Melo	Raul Nunes da Silva
8	Antônio de Oliveira Ávila Júnior	José Modesto Oriente
9	Eurico Barbosa dos Santos	Taylor Oriente
10	José Henrique Rodrigues Machado	Cel. Fernando Barbosa
11	Graziela de Souza Reis	Maria Barbosa Reis
12	Hamilton Afonso de Oliveira	Humberto Jacinto Pereira
13	Helenês Cândido	José Cândido Ribeiro
14	José Afonso Barbosa	José Xavier de Almeida Júnior
15	Vanderlan Domingos Souza	Pedro Celestino da Silva Filho
16	Lézia Amorim Canêdo	José Gumercindo Márquez Otero

17	Maria Madalena de Souza	José do Nascimento
18	Maria Purificação Freitas	Pedro Nunes da Silva Filho
19	Helenízio Antônio Marciano	Maria de Oliveira Lisboa Costa
20	Nilo Sérgio Troncoso Chaves	Zilda Diniz Fontes
21	Nilza Diniz Silva	José Mendes Diniz
22	Paulo Tárcio Martins	Florêncio Lopes Zedes
23	João Orlando Luiz de Oliveira	Violeta Metran
24	Sebastião Bento da Silva	Saturnino Sebastião de Azevedo
25	Selma Maria de Freitas	Alice Ferreira do Carmo
26	Edmo Nunes	Jair Luiz Ferreira (Chico Flor)
27	Enio Antônio da Silva	Agenor Braga
28	Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva	Adormevil Rocha
29	Fabiana Aparecida Nunes Tolêdo	Jair Martins do Carmo
30	Tênio do Prado	Maria Amélia Costa
31	Ivanor Florêncio Mendonça	José Elias Pereira
32	Leni de Andrade Oliveira Meireles	Flávio Cascão

Ainda estão vagas 08 cadeiras que poderão ser ocupadas gradativamente.

Durante os primeiros anos, a AML não dispunha de sede própria, e provisoriamente, as reuniões aconteciam na residência da acadêmica Nilza Diniz Silva. Em 2011, na presidência de Helenízio Antônio Marciano, segundo presidente da AML, biênio 2010 e 2011, a entidade passou a ter sede em sala do antigo Fórum, praça Prof. José Cândido, doada pelo Prof. Cleumar Gomes de Freitas, então Prefeito na época.

Atualmente, a AML é presidida pela acadêmica Carmen Lúcia Freitas de Mendonça, que foi empossada em 18 de março de 2017, biênio 2017 e 2018, e ocupa a cadeira número 02.

A AML tem apoiado lançamento de livros, produzidos pelos seus membros e, já está na XIX Edição da Noite Cultural, na Expo-Morrinhos e, neste evento, a acadêmica Cleusa Marina Silva Freitas foi a homenageada de 2018.

Em 2018, em 9 de novembro, está em programação a II Edição do Circuito Cultural – Arte e Literatura na praça; também, em II Edição está o Concurso de Poesias Troféu "Arara Canindé", em parceria com a Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos.

Neste ano, o Projeto Memória Viva aconteceu em dois momentos, abril e setembro, e os homenageados foram Geraldo Ribeiro da Silva, Sebastião Vicente da Silva e Pedro Vicente da Silva (Tião e Pedro Fuzaca).

A presente revista contém trabalhos literários de vários acadêmicos e de pessoas da comunidade, que, em parceria com AML, divulgam suas experiências nas Letras.

São trabalhos que permitem confabular e estabelecer relações fraternas com os leitores. Contém prosa, poesias, crônicas poemas, etc.

Em lançamento da sua 3ª. edição, em dezembro de 2017, duas professoras morrinhenses foram homenageadas: Marizette Romano Campos e Oldina Frauzino Pereira.

Podemos considerar que a AML é um espaço que abraça um mundo recriado por obras de arte, cujo significado está na intimidade de cada um que se apropria da leitura e faz dela, motivos para reflexões.

A AML se orgulha de proporcionar ao público Morrinhense, leituras diversas e prazerosas e aguarda sugestões de acertos para novas publicações.

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Presidente

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: ACADÊMICOS

Vida 17
Natureza 18
Querubim 19
Hai – Cais 20
Noite Compensadora 21
Esperança 22

Partes do Porco 23
Brotos 25

Niquita e seus Filhotes 26
Tocando Boiada na Tempestade 28
Tempo 30

Discurso em Homenagem ao Compositor Morrinhense e, em Homenagem aos Compositores de Morrinhos 31
Apresentação do livro *Imigração – Quem Acolhe, Colhe,* de José Afonso Barbosa. Novembro de 2018. 34
Você Sabe Mesmo a Origem da Festa do Natal? 36
Morrinhos: a Atenas de Goiás? 38

Anjos Selvagens 42
Escrevendo a Bordo 43
GPS 44
Juízo 45
Os Sobreviventes dos Homens 46
Versos Hereditários 48
Lua Cheia 48

Lembranças de Morrinhos de uma Escritora Morrinhense de Outrora 49

Amor 57
Felicidade 58
Laços de União 59
Admiração 60
Liliana 61
Por um Fio 62
Minha Pequenez Diante do Universo 62
Menina Bailarina 63
Simplesmente Esquecia-se de Esquecer 63
Simplesmente Saudade 65
Paredes da Vida 66

Minha Terra Natal 67
Silêncio 68
Nunca desanimar 69
Sofrer com Jesus 70
A vida do poeta 71

Felicidade 72
Bicho de Sete Cabeças 73
Momento Especial 73
Força e ternura 74
Impossível 75

Vaca Baleia e Stella 76
Doce Ilusão 77
A Correlação Entre Prognóstico e Afetividade: Um Relato de Caso 78

A Mulher em Três Tempos 82
A Vida é Bela 85
Estimados Confrades Acadêmicos, Convidados, Acadêmica D. Nilza Diniz 86

O Sorriso dos Olhos Tristes 89
Me Acordem, Por Favor! 90
De Qualquer Jeito 91
Como Se 93
Com Que Direito? 94
Big Bang Digital 94
A Hora, O Segundo, O Piano e O Prato 96
Amor Estranho Amor 99
Canarinho, O Cavalo Velhaco. 100
Vidas Perdidas 103

Casa da Amizade um Olhar Humano para Servir 107
Bazar da Amizade Nasceu do Desejo de Servir 111

KARL MARX – Suas Contribuições e Influência na Atualidade 116

Seminário São José de Morrinhos 123
A Rota 124
O Melhor Cardápio 125
Olina Gosuen Meireles 126
Amor e Só... 127
Decepção com o Presente de Natal 128
Um Filho Feito a Três 129

Dimensões do Eu 130
O Casulo do Meu Ser 132

SEGUNDA PARTE: ESCRITORES MORRINHENSES

O Reencontro da Poesia 137
Momento Íntimo 138
Insônia 139
Obsessão 141

Poesias 142
Silêncio 142
Nostalgia 142
Sinos do Carmo 142
Raça 143
Paradigma 143
Liberdade 143
Escatologia 143
Critão 144
Irmão 144
Fé 144
Vida 144
Criança 144
A Fé 145
A Experiência de Deus como Ausência na Vida de São Manuel Bueno, Mártir 146
O Pacote 148
Dias Sombrios e Inoportunos 152

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 4 – 2018 – Anual

PRIMEIRA PARTE

ACADÊMICOS

VIDA

No meio da vida
Há palavras de Deus...
Conforto,
Alegria,
Amor,
E
Calor!...
Há palavras do mundo...
Frias,
Injustas,
Ofensivas,
Falsas,
Inaudíveis
De quem?...
Do desconforto
Da tristeza
Do desamor
De quem não percebe
A beleza de uma flor...

Carmen Lúcia.

NATUREZA

No Centro do mundo,
Há vida,
Animais e aves,
Dignos habitantes das florestas.
Há águas que jorram cantando,
Que recebem luz que as ilumina,
Do Universo
Das estrelas infinitas,
Da lua faseada,
Que a rigor se faz
Bela e prateada,
Vaidosa...
Espelha-se
Nas águas cristalinas,
Dos rios, das fontes
E do mar.
Nobres Espelhos!
É natureza e vida,
Presentes dos céus.

Carmen Lúcia.

QUERUBIM

Ruivo,
Rubro,
Rechonchudo,
Barrigudo,
Umbigo profundo,
Olhar maroto,
Queixo recortado,
Rubi nos lábios,
Cor do coração...
Asa acanhada,
Mão envolta em véu.
Ele está aqui,
Não está no céu.
É
Um
Anjo
Querubim
Talhado
Em pedra de sabão.
Seus braços abertos,
Oferecem
Meiga proteção.

Carmen Lúcia.

HAI – CAIS

A vida é uma passagem
Que se faz no tempo
Sorrateiro e apressado.

O bem é uma energia,
Em estado de harmonia,
Em comunhão com Deus.

O Sorriso é luz intensa
Que nasce da mente
E irradia ao nosso redor.

Pensamento é energia
Uma mente feliz
Pode comandar o corpo e a vida.

Nas misteriosas
Linhas da vida, na mão
Encontra-se um destino secreto.

Carmen Lúcia.

NOITE COMPENSADORA

No meio de conflitos angustiantes em que ideias vão e vêm, há quem se atormenta no mundo complexo das soluções. Como agir, que atitudes tomar? Turbilhões de pensamentos afloram, como cachoeiras num ribeirão.

Surge cansaço que leva à exaustão, vem o sono agitado, depois tranquilo, mansamente, na madorna, caminhos vão surgindo, com clareza, como se alguém estendesse uma mão.

Uma noite compensadora, velada por anjos, talvez.

Internamente, penetra na alma, divina luz e tudo se faz resplandecer.

Pela manhã, novo ânimo, um renascer. Batem na porta da entrada principal. Ao abrir, uma criança se aproxima, estende um panfleto e diz:

– Trouxe aqui a lembrança de que Jesus te ama!

Bênçãos! Pensamentos voam pro alto, em meditação!

A presença de um inocente, portador de uma mensagem, é o bastante para transformar uma turbulência em águas serenas, percorrendo na imensidão.

O grande Arquiteto não se esquece dos filhos que aqui, na terra, estão.

Carmen Lúcia.

ESPERANÇA

São camisetas, aos milhares, diversas cores, verdes, brancas, azuis, amarelas e outras mais. Chapéus exóticos, cornetas variados em tamanho e forma. Tudo para acompanhar a Seleção Brasileira. É o futebol em pensamento e ação.

O espírito esportivo se alastra, contamina toda a nação. Arrebentam pipoca, preparam churrasquinho, mas antes de tudo, está a TV, preparadíssima, gloriosa, soberana, na sala, imperando a situação.

Jogadores entram em campo, uniformes impecáveis, crianças lhes dão as mãos, à frente está o capitão, orgulhoso de seu país e de seu time, ouvem aplausos que tocam a mente e o coração. Entoam o Hino Nacional e logo começa o jogo e no público aflora emoção.

O mundo se volta para este acontecimento tão esperado, aguardando vitória ou decepção.

Torcida inflamada, alegria, exaustão, no final.

Galvão Bueno, o brasileiro eloquente, expõe sua força na postação de voz e coloca os ouvintes no campo, jogando, driblando aos gritos, é só emoção.

Ganhar é a meta, será hexacampeão?

Jogou e jogou, o time fez bonito, lutou, não aconteceu, mas ficou a lição.

Numa disputa, se faz necessário, ter força e determinação. A briga pela vitória não se deve esgotar. Para se chegar a campeão não é permitido esmorecer, deve-se lutar sempre, buscando o gol até ouvir o apito final. É Brasil, é bola no pé. Explode, CORAÇÃO!

Carmen Lúcia.

PARTES DO PORCO

Meu pai desligou o grande rádio marca Semp, antes do horário previsto. "Amanhã vamos levantar muito cedo para matar porco" – disse em tom de ordem para que, todos nós, os quatro filhos, fôssemos direto para a cama. Aliás, cama muito convidativa de colchão de capim, mas com um travesseiro muito fofo de painas que minha mãe tinha confeccionado para cada um de nós... Colchão de molas era só da cama de casal que, em algumas vezes a gente brincava de câmera elástica..., só até minha mãe ter consciência e dar um "breca" naquele prazer tão raro.

Mas, voltemos ao porco. Meu pai disse que a banha estava no fim, devido a muita demanda de peão e que, no alvorecer do outro dia, iria matar um porco bem grande, um pouco mais de meia seva, mas que iria abastecer a despensa. Esse ritual de abastecimento por meio do sacrifício de uma vida animal, para nós, crianças, era uma verdadeira "festa". Só não gostava da sessão de sangramento... Tapava os ouvidos com os dedos indicadores e... Nada! Aquele "cueeeé"...". cueeeé" grudava no meu cérebro por muitos dias. Mas, enfim, o porco falecia... Que alívio!

Passemos às partes mais fascinantes: cobriam o porco com palhas de milho (por vários dias anteriores guardadas) e chegava fogo para toscar a pele total do suíno. Para o céu subiam resíduos de palhas acesas – disco-voadores da nossa imaginação; após, traziam grandes porções de folhas de bananeiras, colocavam o finado sobre elas e davam um banho com água e sabão e um facão raspando toda a pele, eliminando o excesso de carvão, deixando o porco totalmente liso e corado.

Em seguida, a força do meu pai e do seu ajudante, com a abertura do finado pela barriga, numa verdadeira aula de anatomia: estômago, bucho, tripas, rins, coração, língua, vísceras, tudo muito explicado pelo pai e mestre Chiquito. Tudo tinha proveito: peles para se fazer pipoca, pés para geleia, focinhos para feijoada, toucinho para a banha, até o cérebro (miolo) para fazer um chouriço na palha, e, é claro, a carne, fonte de proteína. Enfim, tudo se transformaria em substanciosos pratos.

Mas, o que mais me impressionava, era um costume, que mais se assemelhava a um pacto entre os moradores da região do Vinagre. Era a democratização das partes do porco. Meu pai chamava o peão e ia colocando em capangas, já determinadas para cada vizinho, uma parte do porco: costelinhas para o seu Manoel Agostinho, a pá para o compadre Joaquim, carne de pernil para a família do seu Benedito, o lombo para o compadre Lázaro, fígado, suã e uma pá para o compadre Joaquim Gomes – pois a família era muito numerosa; um variado de tudo – desde carne até toucinho – para o peão e para as ajudantes Zeca e Lira; um pernil inteiro para os nossos avós – Dinh` Ana e Padrinho Gabriel. Esse, quem levava era o meu pai, que montava o Tesouro e saía marchando em direção à casa dos seus pais, depois de um longo banho, outro banho de perfume e um gole de cachaça pura LP – Lindolfo Pinto.

Durante o dia, depois do espetáculo da matança, vinha a árdua tarefa das crianças: picar o toucinho para a transformação, após fritura, em banha. Também catar toda a carne que se encontrava entremeada às bandas de toucinho. Essa carne era para linguiça. Observava a nossa ajudante espremer tanto os toucinhos fritos e colocá-los, à parte, para, em breve, confeccionar o sabão com patchulin - para higiene pessoal e da casa. Também, a minha mãe tirava uns tacos de toucinho para defumar, no fogão a lenha, e usá-los posteriormente. Minha mãe, ao final, fazia uma carne de lata, para uso nos próximos meses. No final do dia, notava o cansaço e a satisfação em seus olhos verdes, marcados por olheiras, todavia enfeitava o seu rosto um sorriso prazeroso. Como gostava da lida do campo!

Só ficava impressionada com tanto trabalho e tanta partilha. Mas, minha mãe explicava:" fique tranquila, teremos carne fresca o ano todo...".

Cleusa Marina Silva Freitas

BROTOS

Assim, tão natural,

Assim, simples, singelo, doce.

Assim, do tamanho da fantasia,

Assim, sol do dia a dia.

Simplesmente encantos em nomes

Que atendem João, Maria Luísa, Mariana, Nicole.

Simplesmente pão da nossa alegria!

Cleusa Marina Silva Freitas

NIQUITA E SEUS FILHOTES

Wander Oliveira Melo.

Um casal havia acabado de mudar para sua nova residência; estava ainda colocando os móveis no lugar, quando certa noite, escutou, na garagem bem próxima à porta de entrada, um miado bem meigo de gato. Quando olhou, estava lá uma gata de cor preta com pintas amarelas e cinza. Pelo visto, tratava-se de uma gata muito dócil e carinhosa, pois, foi logo entrando na casa e, passando entre as pernas dos donos lhes dando carinho e, conquistando o coração do casal, que pelo visto, adorava gatos.

Dona Amorosa ficou encantada com gata e, foi logo arrumando uma tigela de leite quente e um pouco de carne com arroz para dar de comer à visitante; pelo tamanho da barriga estava amojando. A gata bebeu todo o leite da tigela e comeu todo arroz com carne; deitou-se um pouco no carpete que ficava na sala, enquanto o casal acariciava-a com doçura. Já com a barriguinha cheia de comida a gata saiu de mansinho e foi embora.

No outro dia, na hora do almoço a gata apareceu novamente na porta da sala da casa do casal, miando e pedindo comida. Foi recebida pela Dona Amorosa e seu filho Jorosvaldo, que deram novamente comida e muito carinho. Vendo que a gata era mansa, passaram a chamá-la de Niquita e, sempre que ela aparecia para pedir comida, ora no almoço, ora na janta, era sempre recebida com muito carinho e amor. Até mesmo Senhor Severo, marido da dona Amorosa, passou a gostar da Niquita, que era como se fosse da família para eles.

Por algumas semanas todos os dias a gatinha ia lá, na hora do almoço e da janta alimentar-se, já que estava amojando e, pelo tamanho da barriga estava prestes a parir, precisaria então estar bem nutrida para ter força na hora do parto, também dar de mamar aos filhotes.

Depois algumas semanas indo lá todos os dias, Niquita parou de ir. A família ficou toda preocupa, com medo de ter acontecido algo com a gata. Passados alguns dias, tarde da noite, o casal estava vendo TV com a porta aberta, quando olharam na porta, lá estava Niquita com seu jeitinho

meigo, carinhoso e bem magrinha. O casal deduziu que ela havia parido e, que estava dando de mamar para os filhotes. Por isso estava toda magra e desnutrida. Dona Amorosa, mais que depressa, esquentou um pouco de leite e o colocou na tigela para que Niquita pudesse beber. Pela velocidade que tomou o leite da tigela, via que estava com muita fome; continuou miando e, pedindo mais comida. Dona Amorosa arrumou mais com muita rapidez. A gata comeu até ficar com a barriga estufada. Dessa vez, ela não quis ficar na casa, foi embora rapidamente, provavelmente para dar de mamar aos filhotes. Desse dia em diante ia lá sempre, procurar comida, alimentava-se e ia embora cuidar de seus filhotes.

Jorosvaldo, filho de Dona Amorosa, gostava muito de brincar num condomínio ao lado com outras crianças. Um belo dia, ele e seus amigos acharam em uma das casas desocupadas, a gata e seus filhotes, dentro de uma caixa, provavelmente estava servindo de abrigo para eles. Pegaram a caixa e levaram para o casal ver: dentro havia quatro filhotes, dois de cor amarela, um de cor preta e um de cor cinza, e junto estava a Niquita, protegendo seus filhotes. O casal ficou encantando com os filhotes e, falaram para Jorosvaldo que quando ela parasse de dar leite aos filhotes eles iriam ficar com um para eles.

Jorosvaldo e seus amigos levaram a caixa com os gatinhos e a Niquita, para o outro condomínio. E, todos os dias iam lá cuidar da Niquita e seus filhotes.

Com o amor e a proteção das crianças, Niquita foi criando seus filhotes e, a cada dia que passava, eles ficavam mais meigos e dóceis. Passados alguns meses, os gatinhos já estavam quase podendo desmamar. Numa tarde de domingo, Jorosvaldo e seus amigos levaram os gatinhos na casa dele e Dona Amorosa e Senhor Severo passaram a tarde brincando com os gatinhos e escolhendo com qual ficariam. No final do dia, resolveram deixar os filhotes com a mãe mais uma semana, antes de pegar um para eles.

Essa decisão do casal, trouxe muita tristeza, pois na semana seguinte a gata e seus filhotes sumiram. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu com ela e os filhotes. Dona Amorosa ficou pesarosa de não ter pegado um gatinho para ela. A tristeza foi tanta que ela chegava a sonhar com os gatinhos. Todas as tardes, ela pegava sua bicicleta e saía pelas ruas ao redor

de onde morava, procurando pela gata e seus filhotes. Às vezes, parava e conversava com amigos e vizinhos e dizia que estava procurando "um gatinho" para ela.

Mas sua busca foi em vão, nunca mais teve notícias da Niquita e seus filhotes. Jorosvaldo e Dona Amorosa ficaram muito tristes, até choraram por causa do sumiço da gata e seus filhotes; Senhor Severo não demonstrava tristeza por fora, mas no fundo também estava muito triste com o acontecido.

Passados alguns meses, a família já estava sem esperança de encontrar a gata e seus filhotes. Dona Amorosa, muito triste ainda buscava "um gatinho" para ela. Quando numa noite fria e chuvosa, o casal escutou um miado triste na garagem de sua casa. Dona Amorosa acendeu a luz e abriu a porta correndo; para sua surpresa lá estava Niquita e seu filhotes, todos sujos, molhados pela chuva e magros - pelo visto fazia vários dias que não se alimentavam. Dona Amorosa, seu filho e seu marido, pegaram a gata e seus filhotes, passaram para dentro de casa. Enquanto Amorosa preparava comida para eles, seu filho enxugava-os e seu marido arrumava uma caixa com um cobertor dentro para servir de cama para eles naquela noite fria e chuvosa. A noite que começou fria e triste para o casal, acabou se tornando uma noite alegre e feliz, pois, finalmente, Dona Amorosa encontrou não um, mas vários gatinhos para ela e, Niquita encontrou um lar de muito amor e carinho para ela e seus filhotes.

TOCANDO BOIADA NA TEMPESTADE

Numa noite de tempestade, lá pelas bandas do morro Agudo, seu Marianinho assim como era conhecido por todos, levava uma boiada pela estrada calmamente, montado no seu cavalo alazão, com seu chapéu de palha na cabeça e uma capa sobre os ombros para proteger da chuva.

Ouvindo apenas o trote do cavalo e alguns berros vindos dos bois, Marianinho seguia com sua tarefa, quando logo à frente, em uma encruzilhada, (nome que é dado ao encontro de duas estradas) algo estranho assusta os animais, que se dispersam, indo para vários lados. Para piorar a

situação, a tempestade aumenta com ventos e raios, deixando a noite ainda mais escura e assustadora.

Qualquer outra pessoa desistiria de tocar o gado, indo embora imediatamente; mas seu Marianinho tinha, como uma de suas qualidades, honrar o compromisso feito, mesmo que fosse necessário passar a noite toda atrás desses animais, em meio à escuridão e à chuva.

Havia nas imediações um velho curral, rapidamente improvisado para servir de abrigo aos animais. Enquanto buscava os que estavam extraviados, embrenhou-se no cerrado em meio à escuridão e à chuva e, aos poucos, foi encontrando e levando para o cercado, reunindo assim todos os animais.

Essa tarefa levou grande parte da noite; somente lá pelas duas horas da madrugada, Marianinho conseguiu reunir todos os animais no cercado.

Depois de concluída esta árdua tarefa, já todo molhado e cansado, Marianinho aproveitando que a tempestade havia cessado, amarrou seu cavalo próximo ao cercado, tirou a capa que usava para se proteger da chuva e forrou aos pés de um baru, deitou um pouco para descansar e esperar o dia amanhecer, para continuar a viagem.

Quando o dia foi amanhecendo e os animais começaram a despertar, Marianinho também acordou e, ao contemplar a natureza, deparou com uma visão um tanto diferente; ao invés de ficar com medo e sair correndo, ele com seu jeito matuto apenas deu uma risada e disse:

— É a primeira vez que passo a noite dentro de um cemitério.

Naquela época era muito comum ter cemitérios na zona rural.

Como se isso não fosse nada demais ter passado a noite no cemitério, Marianinho reuniu a tropa, tirou o gado do cercado que havia improvisado e continuou sua viagem pela estrada de chão batido, até chegar à fazenda onde deixaria a boiada para, no dia seguinte, já com outra boiada, seguir em nova missão.

Assim foi a vida de Marianinho, um homem simples que fazia do trabalho sua alegria de viver.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Vinte Contos da Cachoeira.

TEMPO

Nas entrelinhas da vida
Encontramos o caminho
Obscuro do que somos.

Nas ruínas e memórias do passado
Está presente nossa história.

A construção do futuro
Reflete na atualidade
Os obstáculos de outrora.

Somos o que iremos ser,
Porque os pensadores do passado
Fizeram do presente a resposta do futuro.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

DISCURSO EM HOMENAGEM AO COMPOSITOR MORRINHENSE E, EM HOMENAGEM AOS COMPOSITORES DE MORRINHOS

Estimados amigos, amigas, imprensa aqui presente! É com muito carinho que recebemos vocês aqui nesta casa de cultura! Confrades da Academia Morrinhense de Letras, abraço-os todos fazendo-o em nome de Carmen Lúcia Freitas de Mendonça, nossa presidente, Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos, na pessoa de nossa presidente Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva. Membros da sociedade organizada, Rotary Clubes, Lions e Lojas Maçônicas.

Há exatamente 50 anos atrás, justamente no dia 13 de novembro era lançado, em vinil, pelas mãos do Prefeito, desenvolvimentista e dinâmico, Joviano Antônio Fernandes, o Disco Morrinhos e seus Valores, com composições diversas de conterrâneos do cacife das irmãs Nilza e Zilda Diniz, Bruno José Vieira, Maria do Carmo, Joana Darc, Humberto Jacinto... Bruno José Vieira.

Quis o destino que 50 anos mais tarde, um prefeito com as mesmas características estivesse à frente do lançamento de um CD, com mesma significação: mostrar nossos valores aos quatro cantos do mundo! Quis Deus, que eu estivesse ladeando este distinto homem público, Rogério Troncoso, neste momento histórico!

Agradeço a todos!

Em especial a quem sonhou com a Orquestra de Violeiros Chico Flor, e neste momento, Francisco Oliveira, incansável homem público, deputado estadual, a quem devemos uma imorredoura gratidão pelo amparo na realização deste sonho!

Junto com a sua equipe, Francisco Oliveira não mediu esforços para nos amparar e nos fazer acreditar que era possível. Hoje ele não está, mas, sem dúvida, receberá nosso abraço fraterno, de forma muito afetiva. Ele, e sua equipe merecem nossos parabéns. Leve a ele, Luizinho, os intensos dias de espera em forma de gratidão!

Estimados todos que me ouvem!

"Leva da vida as coisas mais simples, pois mais perto estão do coração!" É com este versículo, quase bíblico que começo agradecendo a presença de todos vocês nesta noite! Agradável noite! Com os versos melodiosos da maestrina, compositora, escritora de teoria, prosa e verso, morrinhense Nilza Diniz Silva. De ternura com versos. Amante da boa leitura!

Homenageamos a imprensa, nesta noite de júbilo através de Divino Vieira, Rubens de Freitas e do Jornal da Integração, do ontem Grupo Valterli Alves e José de Freitas, hoje Elisa e Lila Maria e Marlene! Na Rádio Boas Novas, leia-se Etelney Barbosa, através do radialista Sinézio Cláudio, que pelas ondas do rádio, valorizam o sertanejo. Homem da roça! Gente da cidade ganhou esta cultura do rádio!

Sebastião Faca e Nicanor Machado, lembrados pelas composições das trovas da catira!

Teobaldo Pereira, João Ponteado, Delcídio Rabelo, o amigo Ararense, Olentino Nunes Rezende, João Geraldo, dileto morrinhense Foguinho, o casal de voz doce, dupla imbatível Antônio Gabriel e Elenice. O seresteiro e compositor Dade, Sebastião Bento... E o incansável Ênio Antônio, apoiador da cultura de nossa terra!

Lembrar-se do compositor morrinhense é falar em Rancho da Serra e relembrar seus lindos versos, trazido ao mundo por João Domingos que por sopro divino bradou em seus versos amorosos: "Meu destino é sofrer eu canto é pra não chorar, meu rancho é no pé da serra onde canta o sabiá...".

Falar do cancioneiro morrinhense é falar de saudade, do amor a esta cidade, a se ver pelos versos de Sebastião Bento e Foguinho... "Morrinhos, nesta moda sertaneja que canto com emoção, falo de uma cidade que eu amo de paixão, da cultura de um povo, povo de luta, fé e pão. Aqui passei minha vida, nesta terra querida que eu amo de coração!"

Relembrar Joana Darc que em sua composição Meu coração, coloca nos versos a dor de viver uma paixão!

O querido Chico Flor com suas trovas e versos, é relembrado por todos de norte a sul de leste a oeste! Homem simples, comunicador nato. Deixou seu povo órfão de sua voz, alegria e trato!

Djalma Martins, Abadio (do Táxi), Dalmo e Delmo! Quantas vezes levaram o nome de nossa gente!

Na expressão dos versos de Antônio Rosa, o Falcão, brado: "Procure conter seus impulsos não dê na cara tanto assim, há muita gente por perto e alguém pode notar seu desejo por mim. Procure ser mais discreta mantendo a distância que separa a gente, ninguém aqui pode saber que entre eu e você existe amor ardente" Ah! Que saudade! Gente que se foi para outras plagas, as celestiais. Deixou seu legado aqui. "Quem ousa ouvir a composição "Ginásio Senador, o pioneiro do Sul de Goiás"..." "Ergueu-se um dia entre o cerrado, olhando a pequena bem lá do alto!" Versos de Dolores Troncoso Chaves, nossa amada D. Lolita.

Bruno José Vieira, compositor de centenas de canções trouxe o indecifrável sentimento de amor traduzido nas partituras e letras para acalmar corações, embalar as almas que tanto precisam de refrigério!

Relembrar os versos lindos de D. Zilda Diniz em suas composições sobre nossa terra, nossa gente! A cidade ganhava vida em seu tom colorido de vê-la. Morrinhos é a expressão máxima do amor. E, é em nome deste amor que estamos hoje aqui. Amor por Zilda Diniz, amor por quem muito fez por nós. Somos fortes hoje, graças às raízes que tivemos. Zilda de Exaltação a Morrinhos, célebre canção, que nos ensina a amá-la: "Morrinhos a Cidade dos Pomares tem mais vida e mais amor, meu torrão é um lindo poema em flor{..}. Eu quero dedicar estes meus versos com carinho e amor a você minha terra de raro esplendor!"

Vivas aos compositores e compositoras de Morrinhos!

Viva Nilza Diniz, Viva Dolores Troncoso, Viva Joana Darc, Viva Bruno José Vieira, Viva Zilda Diniz!

José Henrique Rodrigues Machado.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO *IMIGRAÇÃO – QUEM ACOLHE, COLHE*, DE JOSÉ AFONSO BARBOSA. NOVEMBRO DE 2018.

Imigrar é conceito nato na vida do homem. Desde a concepção do mundo, o homem imigra de um lugar para migrar em outro para que sua vida tenha mais significação e melhoria.

Desde os primeiros habitantes do mundo imigrar era questão de sobrevivência! Imigrar por comida, fugindo do frio, da seca... Escassez de água, cheias! Andarilho do/no mundo rompeu desbravando, lutando e se estabelecendo.

A imigração no Brasil teve início em 1530 com a chegada dos colonos portugueses, que vieram para cá com o objetivo de dar início ao plantio de cana-de-açúcar. Durante todo período colonial e monárquico, a imigração portuguesa foi a mais expressiva.

Nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes de outros países, principalmente europeus, vieram para o Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho. Compravam terras e começam a plantar para sobreviver e também vender em pequenas quantidades. Aqueles que tinham profissões (artesãos, sapateiros, alfaiates, etc.) na terra natal abriam pequenos negócios por aqui.

No começo da década de 1820, muitos imigrantes suíços se estabeleceram na cidade de Nova Friburgo (estado do Rio de Janeiro). Neste mesmo período os alemães começaram a chegar à Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estes imigrantes passaram a trabalhar em atividades ligadas à agricultura e pecuária.

E foi justo neste contexto que a Cidade dos Pomares ganhou forma de cidade, com isto, se desenvolvendo, inclusive, na tônica da imigração.

E é justo neste intento que José Afonso concebeu Imigração: quem acolhe, colhe!

Acolher José Luiz de Medeiros Júnior, Miguel Jorge Romano, José Miguel Romano, ou Zé Turco, Abrahão Metran, Família Simão Pedro Abdalla, Antônio da Silva Branco, Abel Miguel Hanun, Família Najar,

Elias Abrahão, Luiz Andreto Vesentini, Antônio Ferreira Cascão, Família Felter, José Chaul, Antônio Chaul, Augusto José Goltz Machado, David Troncoso, Família Dragalzew, Família Nasser, Arthur Silva Marques e Antônio Pereira.

Minha falecida avó, nascida na região da Marcelânia nos contava, em criança, um fato acontecido com um dos que ela comumente chamava de turcos, ou russos, não me recordo bem. Mas isto não interessa muito a se contar pela informação sobre geografia que ela tinha, tudo o que passava de Morrinhos era do estrangeiro!

Contava ela, que havia chegado há poucos dias na cidades uns tais "turcos" ou "russos" me entendam! E que careciam de ajuda de alimentos, roupas e o que pudesse ser utilizado. Ela, em seu espírito cristão, olhou na dispensa e não havia muito o que partilhar. Mas havia plantado uma roça muito grande de abacaxis, passou a mão na faca, pegou algumas dúzias e levou no lugar onde estavam os estrangeiros! Fato inusitado é que eles não conheciam bem esta fruta tropical, e foram salvos de comê-los com casca, por muito pouco! Folclórica ou não, a história é interessante. E mostra o quanto temos espírito que acolhe. E hoje colhe o frutos de morrinhenses que tanto contribuem para estas plagas!

Nossa terra acolheu não só o protagonismo, mas muitos sonhos de uma terra nova, nova vida. A Atlântida! Morrinhos, foi para muitos a Terra prometida, para os bons agouros e nova vida!

Morrinhos comportou segurar apartado por oceano amores infindos, promessas de vida eterna! Nos embalos das ondas do mar, levavam também muitos sonhos. Como escreveu Fernando Pessoa "Ó Mar salgado, quanto do teu sal, são as lágrimas de Portugal"!

Espera. Vida plena. Melhorar!

Este livro traz depoimentos muitos, a serem lidos em uma sentada só, com muita promessa de lágrimas. Ao reviver personalidades que até pouco tempo cruzavam nosso caminho na Cidade dos Pomares ou, até mesmo, pela emoção que embala histórias lindas, romances quase shakespearianos! Fugitivos das mazelas das guerras! Dores da alma. Eu estive, em março deste ano, em Awshivitz e, ao visitar os campos de concentração e as câmaras de gás ,fui acometido dos sentimentos de maior pesar, tristeza

e dor que um ser humano pode viver. Dor maior foi ver, no Departamento de Imigração milhares de documentos, passaportes expedidos na falácia de uma imigração. Foi difícil ver alguns daqueles passaportes carimbados com tintas rubras. Fatalmente, os donos daqueles documentos foram sacrificados nas câmaras de gás visitadas instantes antes. A tinta rubra que carimbou o passaporte foi de cor semelhante ao líquido vital que escorreu por aquele chão!

Meus queridos todos! Imigrantes amigos, temos muito o que agradecer a vocês, Antônio Pereira, amigo e companheiro! Arthur Marques, da minha Dindinha Wornecy! A cidade é grata a vocês!

Não sou de recomendar nada a ninguém! Mas ao ler este livro-documentário-*paper* me veio a necessidade e importância de se propagandeá-lo aos quatro cantos! Precisamos propagar às pessoas, os vultos que construíram nossa cidade. Tornaram-na mais bela. Multicultural! Plena, como a temos hoje. Cidade que acolhe e colhe! E se eu, em minha humilde possibilidade de lhes pedir para que façais algo: - Leiam o livro Imigração: Quem acolhe, colhe!

José Henrique Rodrigues Machado.

VOCÊ SABE MESMO A ORIGEM DA FESTA DO NATAL?

José Henrique Rodrigues Machado.

Incrível pensar que o Natal era uma festividade pagã e não Cristã? Absurdo conceber que o Natal era uma festividade Viking, comemorada há uns 15 ou 20 mil anos antes do nascimento do Cristo?

Mas de onde vem tantas desconstruções?

Os romanos aproveitaram uma importante festa pagã e "cristianizaram" tal data, com a comemoração do nascimento de Jesus Cristo. A festa chamada Natalis Solis Invicti, traduzida como "Nascimento do Sol Invencível", era uma homenagem ao deus persa Mitra, que se popularizou em

Roma, também. Comemorado no dia em que o sol está mais longe da terra, logo, o dia mais curto do ano, nomeado como solstício de inverno. Costumeiramente dia 22, mas em alguns casos cai mesmo no dia 25.

Cabe questionar, se o menino Jesus nasceu mesmo neste dia. Confrontada a data por especialistas é quase certo que não. Jesus não nasceu na noite de 24 de dezembro! Só para ilustrar o que traz inclusive a Escritura Sagrada, pela voz do evangelista Lucas, na época do nascimento de Cristo, havia um grande recenseamento que obrigava a todos a saírem do campo e irem para as cidades se alistar. No entanto, nesta época em Israel e região, o inverno é extremamente rigoroso. Conforme a sacra história, o Menino Deus nasceu em uma estrebaria, confirmando ainda mais que nesta época seria impossível tal feito, por questões climáticas, inclusive. Ficando os estudiosos como data provável do nascimento no período de março a novembro.

O Natal já foi comemorado, em tempos antigos, nas mais diversas datas: 6 de janeiro, 25 de março, 10 de abril, 29 de maio. Ficando a Igreja do Oriente com a data de 6 de janeiro, data em que se comemora a Epifania do deus Dionísio. A Igreja do Ocidente escolheu 25 de dezembro para oficialmente celebrar a data, para coincidir o nascimento de Jesus com o solstício de inverno, cuja data já tinha um valor social enorme.

Mas, essa não foi a única festa pagã que foi acrescida ao calendário cristão. Temos a Páscoa, as festas juninas, o Dia dos Mortos e o dia de Todos os Santos, incorporadas e comemoradas pela Igreja até hoje.

Em 274 DC, ou seja, Depois de Cristo, Aureliano, imperador, colocou nas festividades já aglutinadas pela Igreja à prática do "Tronco Natalício" que consistia em um grande tronco, via de regra de carvalho, pinheiro, ciprestes ou de madeira de pinus, queimando por 12 dias nas residências, cujas cinzas e carvões podiam apresentar imagens premonitórias para o ano vindouro, ou coisas do tipo.

Hoje, o "Tronco Natalício" em vez de queimado, recebeu a vida nas árvores, que recebem as luzes, não mais do fogo, mas de luzes artificiais e velas, que iluminam as casas e ruas. Esta última prática, herdada provavelmente, de celtas e druidas.

Já que estamos falando de símbolos de Natal, falemos um pouco do Papai Noel, que remonta também uma prática social de mais de 15 mil

anos antes de Cristo, em que consistia numa iniciação de jovens Vikings, geralmente aos 14 ou 15 anos, que estavam entrando na puberdade, e que precisavam, neste ato iniciático, comprovar sua bravura para com seu clã. Ele saía para caçar o urso branco, se embrenhava nas matas, e ficava por longo período, na época do inverno. Quando conseguia voltar, e se conseguia, já estava com barbas, retirava o couro do urso, que neste momento devia estar todo sujo de sangue; evidentemente, a pele tingia-se de vermelho, e suas barbas cheias de neve, criou-se o estereótipo do Papai Noel, aquele que traz presente!

A Igreja traz em seus contos hagiográficos uma versão também interessante sobre a atribuição do Papai Noel à imagem de São Nicolau, arcebispo da igreja na Turquia.

Espero que agora entendamos que o Natal, tem é uma representação e como tal, deve ter em sua essência maior a humanidade, a humildade, e que aprendamos com o Cristo o poder de amar, incondicionalmente. E, independentemente do dia de fato, comemoremos o dia de direito! Propagando o amor e a paz!

MORRINHOS: A ATENAS DE GOIÁS?

José Henrique Rodrigues Machado.

Durante muitos anos, a nossa amada Morrinhos foi colocada num circuito cultural, em que pese aos escritores e demais agentes de cultura, no estado de Goiás, exportando, inclusive, para o restante do país obras e nomes, que hoje são vultos na história cultural de nossa gente.

Algumas reflexões me vieram à mente quando me questionei enquanto morrinhense, se nossa cidade deixou de ser a Atenas de Goiás. E, logo me veio a força de uma resposta viva e latente. Morrinhos ainda é a Atenas de Goiás. E explico o porquê.

Continuamos com vasta produção artística e literária. Pintores e artistas plásticos. Bordadeiras de mão cheia, ou melhor haveria de se dizer: de

ponto cheio! Uma tratativa responsável de preservação, por parte do poder público, e de membros de nossa comunidade de cultura material invejável. Jornais genuinamente morrinhenses, para veicular a rotina citadina, a dar visibilidade a nossos cronistas, poetas e agentes políticos. Entidades de defesa da cultura e arte a exemplo da Academia Morrinhense de Letras, Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos, somadas aos grupos de dança e expressão artística.

O pensamento de que Morrinhos não é mais a Atenas de Goiás deve-se ao fato em que, em tempos idos, haviam inúmeras conferências e reuniões, debates para se discutir Jean Paul Sartre, Machado de Assis, Guimarães Rosa, dentre outros, no Bar Presidente. Ou de se mencionar os saraus e serenatas... Como já salientei, tempo pretérito substituído pela carga importante do processo de informatização.

A modernidade e a interatividade foram reduzidas a vistas nas janelas de WhatsApp, Facebook, Twitter entre outros.

Não devemos admitir a crítica pela crítica. Morrinhos tem seu valor cultural e isso nunca poderá, nem deverá ser diminuído.

E, foi neste intuito, que admiti estar à frente de uma tarefa difícil. A de gerir uma pasta que me é muito cara. A Superintendência de Cultura, que em sua primeira designação teve à frente o grande mestre e amigo Fernandino Barbosa. Pessoa com a qual tive a oportunidade de trabalhar e desenvolver muitas ideologias da cultura de nosso povo.

Hoje, vejo como um desafio muito grande implementar alguma identidade ao que foi constituído por todos que me antecederam e que prestaram um valoroso serviço e, que agora, caberá a mim propor uma identidade para nossa cultura.

É sabido por todos que a crise pela qual passa o país traz consequências para o serviço público. Uma vez que há a escassez de recursos, principalmente quando a temática cultura é colocada como secundária dentro do processo de formação social. Porém, devo ilustrar que nossa realidade em Morrinhos, ultrapassa esta tônica. Com o aval do prefeito Rogério Troncoso, temos empreendido e inovado, nesses tempos de crise.

A iniciar por um plano estratégico, que nomeamos como Plano Municipal de Cultura. Que dá conta, de forma efetiva, de algo inédito para nós,

no que se refere à documentação. Implementamos ações a pequeno, médio e longo prazos para que atendam de forma consistente a área cultural.

Desenvolvemos no Plano que visou à catalogação e levantamento de grupos sociais de cultura: Folias, Benzedeiras e Benzedores, Curandeiros e Raizeiros, Catireiros, Artesãos, Artistas Plásticos, Pintores, Grupos de Dança/Capoeira/Corais, e também alguns caracteres que envolvem a gastronomia de nosso povo.

Mas, o que mais urgente necessitou de nosso olhar, foi a Lei de Tombo, que está sendo elaborada, e que terá o intuito de oferecer ao povo a segurança de que seus prédios e ou objetos históricos e objetos, tenham o devido cuidado e resguardo, com amparo do poder público, evidentemente. Algo, que por mais que seja privado, e que esbarre na *contação* da história de nossa gente, deverá ter atenção especial, com escrita de Lei específica. A Lei de Tombo virá para que gostos pessoais não devastem nossa história material, a exemplo do que aconteceu num passado próximo, e que nos causa ainda muito ressentimento e traz um clamor popular para o fim de atitudes impopulares e antidemocráticas na área cultural. Vale lembrar que essa Lei virá como forma de apoio e vantagens nos tributos municipais e devido cuidado, com a garantia de que ninguém fique penalizado no processo.

Ao assumir a superintendência, iniciei processos de registro junto ao Ministério da Cultura e também Superintendência de Cultura do Estado de Goiás. E, hoje, estamos devidamente cadastrados, inclusive, concorrendo a editais de verbas para a melhoria da área cultural de Morrinhos, sendo através de verbas públicas e também de mecenato.

Ademais, estamos em processo de conversação para a revitalização de nosso Museu Municipal Antônio Correia Bueno, juntamente com professores do curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos e também da Reitoria em Anápolis, somado aos esforços de seu diretor, o incansável escritor e historiador José Afonso Barbosa, para a garantia de parceria com o notório em saber da área da museologia. Precisamos revisitar a ideologia que permeia o Museu para que atenda especificamente a nossa comunidade. A ideia primeira é propor uma ideologia de sala de memórias. Para isto, a comunidade será consultada, e estaremos

em constante conversação, para que a cultura seja um processo sedutor e de envolvimento da comunidade e seus munícipes.

Vale lembrar que o patrimônio artístico, de forma específica, o Coral Cidade dos Pomares, a Orquestra de Violeiros Chico Flor e a Banda Municipal Lira de Santa Cecília estão todos assegurados com pagamento de bolsa ou subsídios, via projeto de Lei, com a aquiescência da Câmara de Vereadores, através de seu presidente Wellington Dias e todos os edis que aprovaram unanimemente esses benefícios.

Ainda falando de parcerias, recebemos uma emenda do deputado estadual Francisco Oliveira, e teremos a gravação do CD da Orquestra de Violeiros Chico Flor, bem como a aquisição de uniformes para suas apresentações.

Graças ao trabalho eficiente de nossos agentes políticos, recebemos essa semana a equipe de auditoria da Secretaria de Estado da Educação, Esporte e Cultura, para vistoria do local em que será construído um moderno Centro Cultural, que nos coloca entre os 11 municípios do estado de Goiás a receber tal obra.

Queremos, sim, apoiar todos os eventos e agentes culturais de nossa cidade, para engradecermos ainda mais nossa cultura local.

Parcerias e boa vontade para o trabalho são as credenciais para esta empreitada juntada, claro, ao amor por esta terra.

Publicado em abril de 2018 no Jornal do Peninha.

ANJOS SELVAGENS

Javalis ou meninos?
Iluminados na sua viagem...
Corajosos na sua imagem!
Pois num acidente natural
Os Javalis Selvagens foram fechados...
Por acaso? Não sabemos.
Por um fio, um filme o vimos, o veremos...
O que parecia impossível para aquele resgate
Tornou-se verdade.
Voluntários do mundo, unidos, num objetivo único.
Sob o protetor Divino, quando estava previsto inundar.
Inundou, mas antes, no segundo anterior.
Liberou os javalis famintos, de uma caverna inundada.
Para transformá-los num time de futebol adolescente
Em crentes, monges sobreviventes!
Prova maior da presença de Deus, para mais uma vez...
Mostrar ao mundo, ao povo, que só sobrevivemos.
Se estivermos com Ele, único poder, única esperança.
Só o convívio verdadeiro com o saber material e espiritual
É que nos salvaremos!

Em 12.07.18 comecei e terminei em 05.08.18

Graziela de Souza Reis.

ESCREVENDO A BORDO

Num verso de um bordado...
Num bordado de um verso!
Branca, Nova, Dina...
A Gigante tão elegante!
Essas são minhas meninas...
Cadê o Pitoko?
Mago e Barão foram pro Céu...
E o guerreiro escondeu atrás do Tôco...
Pra sobreviver ao inimigo inverso do bem!
Não podia esquecer-me da Novinha e Pretinha
E minha fiel Belinha!
São dez nomes que escrevi e bordei no coração
Para homenagear meus dez cachorrinhos
Que me enchem de emoção!

Em 05.08.18

Graziela de Souza Reis.

GPS

A arte vai além da vida, além dos ventos!
E quando perdemos o controle
Num cenário natural, entra o verdadeiro artista.
Protagonista de todos os templos! De todos os momentos
De todos os tempos...

Literatura rumo ao seguimento artístico, de teatro vai às escolas.
De literatura na praça, no face, no whatsapp.
Você pode transmitir...
Esquecer um livro, e outro achar, ler viajar...
Orientar uma ferida, salvar uma vida!
Em que cada autor, no seu universo íntimo, limita ou imita.
Mas no seu próprio pensamento, inventa, aumenta, lamenta!
Quando transcreve num papel, num personagem que alimenta.
Seu ideal vem direcionado pelo GPS...

GPS rumo a você, para escrever, abraçar, beijar e deixar no ser,
Tatuagens para alegrar os amantes, para deixar nos arquivos.
Na memória, dos que amam sem controle, orientados pelos GPS.
Dos que amam os livros, dos que amam ler.
Com letras coloridas, atrevidas, bordadas ou rabiscadas!

Mas precisam de um rumo, racional...
Para juntos viajar, mapear de todos os tons...
Conhecer novos personagens, novos lugares.
No avião com emoção, carro com segurança, insegurança!
Mas com GPS no coração de sonhos bons...

O rumo do artista tem vários reflexos com GPS e direção
Tão independentes quanto seu brilho
Mas a intensidade é que depende de cada um
De cada identidade, carteira de motorista no celular.
Título de eleitor em aplicativo para incentivar a votar, a voltar.
No seu dom de doar, dirigir, escolher um rumo, um tema, um mundo.
E, quem sabe, Voar! ...

Graziela de Souza Reis.

JUÍZO

Um casaco, um sucesso, uma defesa eficiente!
Um barraco, um abraço, uma beleza - blz.
Que de um laço, de um bordado no blazer.
Surgiu mais um advogado, anjo no espaço...
Contra dispositivo de um juiz carrasco!
Num ano político de eleições, de candidatos livres e presos.
Título de eleitor no celular, para incentivar a votar, a não voltar.
Em quem já votou nascer o dente sizo, do juízo.
Contra reeleição... Pois quem teve poder e não fez
Não vai mais ajudar!
Aquele amigo sem dente, sem parente!
Sem emprego e sem gente!
E quem sabe, seu parente!
Ano de copa do mundo, imundo.
Mas todo mundo presente pra votar consciente
Para resgatar nosso povo, nosso Brasil urgente!
Todos numa só emoção: juiz, promotor
advogado e cidadão!
Lendo o Artigo 6º do Estatuto do Advogado
lei 8906/11...
"Não existe hierarquia, nem anarquia, todos
devem se respeitar"...

Queremos médico, professor, dentista, um real Presidente prudente.
Um governo que governa um administrador competente!
Com juízo, sem libertar bandidos e sem condenar inocentes...
Para salvar nossa gente! Com ação...
Com fundamento na Constituição...
E num processo de elevação do trabalhador, da educação, da saúde.
Para erradicar, acabar com a corrupção e valorizar um cidadão...

Graziela de Souza Reis.

OS SOBREVIVENTES DOS HOMENS

Assaltos à mão armada e sem arma... Rebeliões, leões, fuga de presídios, onde os homens tratam semelhantes como animais, que ficam bravos como bichos. Corte de cabeças, empurrões fatais-feminicídio, mutilações entre parentes e amigos. Como reis maus, ao modo antigo, extremo procedimento desumano. De raiva, insegurança. Onde devia reinar amor e segurança dos que ganham pra nos proteger, mas protegem seus bolsos, sua ganância, seu frágil poder provisório! ...

Quando cheguei à fazenda, pude observar no olhar dos animais, um pedido de socorro! De por favor, cuida de mim! Pitoko, Mago e Barão. Os últimos olhos de mel foi pro Céu... Bravos como homens ideais, animais que por simples instinto do bem, protegem seus donos, em troca de um prato de comida, de ração e carinho todo dia... abanam o rabo e agradecem.

Ao contrário do homem que ganha bem, às vezes usa até revolver ou arma branca, mas que se quer protege sua família, seu vizinho, seu amigo. Mas se puder filma no celular para colocar nas redes sociais! Tem o rabo preso, mas solta na net...

Um simples gesto de colocar água e comida, amparar os animais, para que eles sorriam , agradecendo. Não! Preferem maltratar os animais, seres omissos, sem mexer num saco de ração, sem ação! Preferem abandonar na rua, na chuva, no sol, no tempo e no vento.

Animais, seres verdadeiramente bravos, que vêm sobrevivendo aos ataques dos homens, cheios de falta de tempo, mas com enorme ganância por dinheiro, quer tudo pronto, sem curtir o que é simples e realmente importante...

Não seria mais gratificante tratar bem os animais, produzir árvores que deem frutos, sombras de poetas podem ter! Proteger nascentes para ter mais água, preservar o meio ambiente que também pede socorro, gente! Energia solar, mel orgânico enfim aproveitar o natural! O que faz bem...

Mas querem juntar dinheiro, maldito que só é bom quando não excede, quando é utilizado na medida certa, distribuído para todos só pro gasto, sem desgastes. Somente para suprir o dia a dia e os sonhos bons. E quem sabe para ajudar o próximo a sonhar, a escrever sua história nos seus livros? Prelos ou segundo eles mesmos! O tempo não para, mas os problemas de sobrevivência aumentam, parecem os mesmos de anos atrás!

Pois mesmo os com dinheiro, a cada dia aumenta a solidão, suicídios inexplicáveis de pessoas com abundância de bens materiais, de jovens que deveriam simplesmente buscar a felicidade e serem livres e felizes...

Vejo em cada animal silvestre, em cada animal doméstico, em cada mendigo, homem do bem, um sobrevivente dos homens...

Seja mais um sobrevivente e chute certo: dê um grito de inocente, de voto consciente, de sobrevivente neste cenário de inversão de valores, de divisão e competição sem limites, de falta de contribuição, de falta de melhor distribuição de rendas de modo igual de rendimentos, em que uns têm tão pouco ou nada e outros carregam malas ou "são malas"? Vendo TV, jogando xadrez ou no xadrez e no whatsapp que continua intacto a informar: "13 candidatos a Presidente, num mínimo diferente"!

Os bandidos dominam com armas de fogo; e os de bem como os animais, apenas são mais um... Sobrevivente dos homens!...

Graziela de Souza Reis.

VERSOS HEREDITÁRIOS

Graziela, um dom de tom hereditário...
Neta de João Reis e Maria Barbosa Reis
1979: Meio Século de Magistério...
Três escritores na mesma história.
Na memória... Três reis magos, querendo transmitir para ajudar.
Mas em tempos diferentes, em versos hereditários.
Mesmo que alguns apaguem ou rasguem... Não se apagarão...
Pois estão também, em Versos de Papel! Graziela 2013

Graziela de Souza Reis.

LUA CHEIA

Oh! Que saudades que tenho,
Da minha terra querida
Das noites de lua cheia
Que me enchia de vida!
Sentado à porta de quem, de uma pessoa querida.
A espera da lua cheia. Que me enchia de vida!
Hoje a vida não me quer... Lentamente vou sumindo...
Quando de mim se lembrarem, a lua vai surgindo...

*Letra, música e disco de João Reis.

Graziela de Souza Reis.

LEMBRANÇAS DE MORRINHOS DE UMA ESCRITORA MORRINHENSE DE OUTRORA

Por Hamilton Afonso de Oliveira.

> "Aos que passarem os olhos pelas lembranças de Morrinhos, tenham condescendência para com o arrevesado português, de incongruentes pontuações! Fugindo à análise, apanhem somente o sentido, o costume, daqueles velhos tempos, perdidos nos anais da história!"

Com estas palavras iniciais desta memória que, provavelmente, foi elaborada por Elodia Ribeiro de Castro que peço licença para que esta possa ser publicada na íntegra na Revista da Academia Morrinhense de Letras. **Que esta memória perdure por mais um tempo**!

A memória, provavelmente, deve ter sido elaborada, nos fins da década de 1940 ou 1950. Essa chegou a mim, por um acaso, que certamente teria se esvaecido. Assim, como outros poemas e alguns contos da autora, caso não tivesse chegado até eles já estariam completamente perdidos.

Trata-se de uma memória inédita da história e dos costumes da vida cotidiana que faziam parte de Goiás, especialmente da cidade de Morrinhos, de um tempo em que os ritmos da vida não eram determinados pelo ponteiro do relógio, mas, era pelo do tempo da natureza.

A memória deixa transparecer detalhadamente, a partir do olhar de uma cidadã morrinhense local, a passagem de uma sociedade tipicamente rural de plantadores/produtores para a atual sociedade urbana predominantemente composta de trabalhadores/consumidores.

"Morrinhos, Cidade dos Pomares, das Flores, como era conhecida por todos os viajantes que por ela passavam, desde os longínquos tempos em que era, simplesmente, a Vila Bela de Morrinhos. Elevada à Comarca, passou à cidade de Morrinhos, como mais tarde eu a conheci. Daí, minhas lembranças: parte, por ouvi dizer, outras, até onde alcança minha memória dos tempos de criança!

Situada num terreno plano com pequenas elevações ao redor; regada por diversos ribeirões e córregos; um, correndo aos fundos da cidade

(córrego Maria Lucinda, e, ainda o cabeção do açude, donde vinha a água que abastecia a cidade, correndo numa grande vala, cortando-a em toda a sua extensão, era distribuída sob registros, àqueles que pagavam a sua quota). Encaminhada em pequenos regos ou bicas de aroeira, cruzando a cidade em diversos pontos, chegava ela ao seu destino. Daí a fertilidade do solo, a terra sempre fresca, pronta a acolher a boa semente, desenvolvendo vertiginosamente, tudo que nela plantasse.

As casas, distanciadas uma das outras, eram como grandes chácaras: davam ensejo a uma boa porção de terreno para a formação dos grandes quintais. Como que havia certo desafio entre os grandes proprietários, cada um se esmerando mais para que o seu quintal fosse o melhor plantado. Assim, todos eles tinham as suas especiarias, principalmente, nas variedades das laranjas, bananas e outras frutas, limas da Pérsia, limas de umbigo, laranjas próprias para a fabricação de doces, cidras, limão-doce, fruta do conde, atas, romãs, araçás, jabuticabas, cajus, mangas, estas ainda não generalizadas, apenas duas espécies: a manga grande e a manguinha. Todas essas frutas, em todos os quintais se encontravam. Ainda na área destinada aos marmeleiros, moitas de cana caiana da caninha mimosa, os grandes parreirais como hoje (provavelmente, década de 1950) não se vê, senão raramente, em uma ou outra casa. Havia ainda espaço para os cafezais que todos os proprietários gostavam de plantar, colhendo ao ano uns tantos alqueires, quase que davam para o gasto.

De todos os quintais tinha a primazia o do mestre Antoninho, na especialidade dos enxertos que tão bem ele sabia fazer. Não se via uma laranjeira só; sempre duas ou três espécies juntas – laranja seleta, limão-doce e tangerina – misturando-se por aí afora. Os seus parreirais faziam inveja a quem os visse. Bem tratados, davam com diferença dos demais. Dava gosto vê-los quando carregados, os bonitos cachos de uvas brancas e roxas pendentes da ramaria verde cobiçando a gula. Por baixo, o chão varrido, a sombra convidativa para um bom descanso.

Todas as casas tinham o seu jardim; embora outras fossem as flores que naquele tempo se cultivavam a variedade de rosas ainda não conhecidas; dava-se privilégio nos jardins às rosas de todo o ano: purpurina, maxixe, rosa-amélia, rosa-menina, rosa-chá, rosa-verde, bastante sem graça. Bogarins, jasmins, angélicas, o cheiroso jasmim do cabo, esporas, perpétuas,

malmequeres. Bancando as aristocratas, vinham as incomparáveis rosas--gigantes, o rezedá, saudades, sempre-vivas, cravinas, os legítimos cravos, rosas, brancos, chitas, espécies estas hoje desparecidas.

Parece que o povo tinha o soberano gosto de plantar, mesmo os pobrezinhos, tão pouco tinham o seu! Em qualquer casebre, uma choupana de capim, não deixava de ter ao seu lado, um pé de couve, o pé de manjericão alegrando o aspecto do casebre, e, talvez, aos pobres moradores o que veio dar a Morrinhos a tradicional denominação poética "Cidade dos Pomares.".

Embora Morrinhos tivesse o seu atual traçado de ruas, delas, muitas não tinham continuidade; uma casa aqui, outra ali, outra acolá, becos intermediários davam saídas para outras ruas. Figuravam como ruas principais, a hoje Avenida Coronel Pedro Nunes, a Rua do Comércio, hoje, Barão do Rio Branco. Acima desta, já os campos de guariroba, moitas de gravatás; entre eles, aqui, ali, casinhas de capim. Quando floridos os guarirobais, na fresca da tarde, eram como um painel de brancura, estendendo-se na vastidão, dando à cidade o tom daquela poesia de que era ela mesma, a inspiração.

Na praça, onde hoje é jardim, na Avenida Coronel Pedro Nunes, ficava a casa da Câmara, a cadeia, pequeno prédio de dois andares. Ao fundo da praça, a casa da coletoria. No largo da igreja (Nossa Senhora do Carmo), as casas eram mais juntas, algumas meio arruinadas lembravam a moda da velha capital, pegadas umas a outras.

A rua Dr. Pedro Nunes, hoje é o campo de futebol (Praça da Rodoviária), era o Largo do Rosário; casas semeadas no centro, o começo de uma pequena Igreja, que nunca foi adiante. Não sei como, nem quando, principiou, ali estava acabando-se com o tempo. Bem no centro da cidade, cerrado goiabal. Por ele passavam transeuntes que, encurtando caminho, dirigiam-se à Igreja (Nossa Senhora do Carmo), onde, hoje, prosperam bonitos quintais.

Junto ao cerrado goiabal, existia uma bem formada lagoa, criada das sobras de água dos moradores da rua acima. Na época do carnaval, quando se brincava o entrudo, então em voga, as cabacinhas de cores, os limões de cheiro perfumados de água florida. No último dia, os foliões, não se contentado com o jogar das cabacinhas, levavam as pessoas junto à lagoa, um batismo se fazia em regra.

Em tempos remotos, a rua de cima, Barão do Rio Branco (antiga Comércio) era conhecida (que ouvia contar) como a Rua do Bacobré, do Pega-Fogo e da Batucada. Compunha-se de casinhas ou meia-águas. Ali viviam mulheres de vida pública. O batuque era, então, a dança privilegiada do pessoal da alegria. Substituída de Cateretê, mais tarde, que por sua vez, foi também desaparecendo. E, o batuque de palmas e salteados, ao som de violas ali estrondava pelas noites afora.

Naqueles velhos tempos, fazia-se o velório com tristes cantochões e lamentos que duravam a noite toda, assombrando a população. Com isso, a morte desviava-se do seu natural, para ser uma coisa mais que assombrosa, terrificante, para os que ouviam aquelas lamentações embaciadas de pinga. Ao inverso, quando um anjinho deflagrava asas no espaço, era acompanhado ao cemitério de músicas alegres e foguetes.

Contava a velha Morrinhos, apenas, com duas boticas e nenhuma farmácia. Vendiam-se, também, remédios de emergência nas casas de comércio. Havia apenas três a quatro casas de comércio, sendo, a maior delas, da firma "Coronel Hermenegildo de Moraes", em vendas por atacado, servindo ao interior.

Em tempos idos, a rua, agora Avenida Coronel Pedro Nunes, na casa, hoje propriedade da família Fleury, por muito tempo, Agência do Correio, era residência do Juiz de Direito da Comarca; Dr. Alonso, fluminense, descendente de distinta família; diziam ser o Dr. Alonso muitíssimo culto. Doente, nervoso, sistemático tinha os seus caprichos. Para não ser incomodado, a fim de estudar com sossego, para o bom desempenho do seu cargo, com os processos dependentes de sair sentença, construiu nos fundos da sua propriedade, em pleno pasto, marginando com o ribeirão um sobradinho com dois andares. No primeiro andar, o salãozinho, rodeado de janelas, ventilado, portanto, fresco e aprazível. Num canto a escada, descendo para o térreo, um corredor, entre a banheira e o tanque e, na frente, a porta de entrada.

Contava-se que, ali, passava semanas. Durante os dias, tinha a sua rede para o repouso, seus livros, a mesinha com seus pertences. Na parte térrea, ficava a banheira de imersão, toda ela revertida de grossas tábuas de pranchões de aroeira, e, presa nela à escadinha de mergulho. Dividindo com

ela um compartimento servia de cozinha para se fazer o café, chá preparar o lanche. Abaixo desse telhado baixo, dividido por pranchões, a casinha do monjolo e o tanque de lavar roupas. Trabalho este, admirável da carpintaria antiga. Feito numa só peça de madeira resistente, perfurado com dois grandes gamelões com furos dos lados para o escoamento das águas. Emparelhada com o sobradinho a represa de águas que servia a banheira, o monjolo e o tanque. Corria por baixo do andar superior em bicas de aroeira assentadas nas especas. Na parte alta da represa, junto ao sobradinho e acima dele, o calçamento de pedras de três metros a mais de profundidade, por talvez, metro e meio de largura. Na parte baixa, barranco liso firmado por especas até onde recebia a água corrente.

Ali respirava a poesia emanante das coisas. Na quietude da água da represa, naquelas outras correndo murmurantes ao cair, na amplidão da vista que se descortinava das janelas do sobradinho, nas margens da vala, escoadouro das águas, as flores de quaresma roxas, brancas e amarelas, nos pequeninos arbustos de folhas cheirosas embalsamando o ar. Na cabeceira da represa, a moita de bambus balançantes na viração. Tanto a obra do carpinteiro com o serviço de pedreiro, trabalho que não mais se produzem com a estrutura e solidez empregada. Muitos anos depois, conheci a construção e a represa intactas, desafiando os rigores do tempo. Se naquela época estivesse em uso a natação, Morrinhos já contava com uma boa piscina.

Havia como hoje, ricos fazendeiros, senhores de engenho, antigos possuidores de escravos, época dos grandes teares, o algodão trabalhado a rigor, esmerando-se as fiandeiras no fio a fio e, com ele, produzindo peças admiráveis para o uso doméstico, tecidos na perfeição. Hoje, à nossa vista, teriam o valor de preciosidades como coisa do passado. Fazendeiros como os Rodrigues da Cunha, os Chaves e os Parreiras, não levando em conta os gastos, ficaram afamados pelas grossas farras que faziam. Eram eles os trunfos da cidade. Quase sempre recaía em um deles ser escolhido para as festas da Igreja. Faziam-nas com grande pompa, foguetórios, música e teatro ao ar livre, ou por outra, um barracão de folhas de bacuri preparado para o fim que se tinha em vista. Bonitos dramas eram representados. Chegavam mesmo, diziam, a levar em cena trechos de operetas ora cantados ou falados e todos os que nele tomavam parte interpretavam sem seus papéis.

Na fachada da Igreja, penduradas lanternas, furtadores de papel, ao redor as luminárias de azeite nas casquinhas de laranja. Os leilões animados ascendiam a um preço exorbitante para a época. Vinham, também, às vezes, os tais encamisados não sabem bem como eram, por ouvir contar, consistia num grupo de cavaleiros todos eles montados em cavalos brancos com bonitas arreadoras, peitoral cheio de guisas, amarrados nas patas dos animais outros guizos, na cauda laçarotes de fitas. Todos traziam um ponche branco e chapéus de abas largas. Os cavalos adestrados vinham em marcha sem que um adiantasse do outro. O barulho tilintante dos guizos, as fitas esvoaçando-se, chamavam logo a atenção e uma calorosa ovação acompanhada de fogos, recebiam os cavaleiros que entravam aos pares, davam a volta na Praça da Igreja (Nossa Senhora do Carmo), vindo a postar-se junto ao mastro que se erguia, trazendo a bandeira do santo que festejavam.

Havia, também, o congado, dança dos pretos. Festejavam eles a Nossa Senhora do Rosário. Dentre eles, um casal era escolhido para figurar como rei e a rainha do Congo, sendo eles mesmos os festeiros. No dia da festa, os reis acompanhados dos seus súditos vindos todos de roupa clara, os reis trajando-se do mais apuro, ele de terno completo, ela de vestido rodado enfeitado de fitas de renda, colares de contas de aljôfares no pescoço, anágua engomada, fazendo barulho no caminhar. Depois de ouvirem a missa, dirigiam-se acompanhados de convidados, banda de música, foguetes, à casa da festa onde uma farta mesa os esperava. A festa a expensas dos pretos, cada um dava o que podia, o povo auxiliava. À noite, depois das danças na porta da Igreja, saíam dançando pelas ruas num estridente bater de caixas. Dançavam às portas das casas, recebendo donativos.

Assim era Morrinhos naqueles tempos. A vida era bela e simples em meio àquele farturão; tinha-se de tudo por assim dizer, quase que de graça. Os 40$ réis de cobre tinham o seu valor. Com 40$ réis, as crianças compravam um quadrado grande de pé de moleque! Bons tempos aqueles! Que na escola cantava-se a tabuada: um tostão, cem réis, dois tostões duzentos réis e assim por diante. Com cinco tostões comprava-se um frango e duas dúzias de ovos. Com dez tostões compravam-se dois metros de boa chita.

Os valores do momento, o açúcar, o fumo, o café e a pinga fazia-se o comércio no lombo do burro e, mais tarde, em carros de bois. Por

Morrinhos passavam-se tropas que faziam o intercâmbio de Uberaba à velha Capital. Grandes tropas de dez quinze lotes, cada lote variando de doze a dezesseis burros, seguidos do arrieiro. Na frente, a madrinha da tropa bem avozeada, um brilhante cabeçal com cincerros em cima dele, pingente de plumas de cores, a mais das vezes, a bonita boneca chamando a atenção da criançada. Algumas pernoitavam na cidade, procuravam o rancho do Sr. Domingos ou do Sr. Cirilo. À noite, enquanto fervia o caldeirão de feijão com carne seca para a ração do dia seguinte, puxavam os tropeiros as suas violas, sanfonas e punham-se a cantar trovas do sertão. O rancho enchia-se de gente ouvindo-os cantar. Vinha logo o chá de rapadura e a pinguinha gostosa.

De mais, viva lembrança a Morrinhos das noites enluaradas. As famílias faziam cordão dando voltas nas ruas, apreciando o luar. As bonitas serenatas ouvindo-se modinhas que traduziam no lirismo do verso, o sentimento d´alma, acompanhada de violões, flauta e concertina. Os serões das famílias, ora numa casa, ora noutra para ouvir os contos de fadas de príncipes encantados, da bela adormecida, dos meninos prodígios. Sentados em volta do leitor, todos – grandes, crianças e empregados – ouvindo atentos as histórias engraçadas. Após a narrativa, o quente cafezinho com bolinhos fritos, chá de funcho com queijo fresco.

Havia, também, os bailes de surpresa. Quando já se estava recolhido, despertava-se com o rugir dos foguetes, a orquestra de violões, sanfona, clarinete, cavaquinho fora executando bonito tango. Aberta a porta, os pares entravam dançando, pondo em apuros os donos da casa. Afobados , corriam à venda mais próxima à cata de bebidas, alguns biscoitos, queijos para servirem o café. Procurava-se saber o cabeça da surpresa; em dia menos esperado, vinha à represália.

As noites de Santo Antônio, São João e São Pedro eram festejadas com entusiasmo. Levantam-se os mastros, fogueiras, foguetórios e bailes arrojados. Nas casas mais discretas reuniam-se famílias de amizade, divertiam-se com os jogos de prendas, tirava-se a sorte com os dados, lendo no livro o Fado, os versinhos correspondentes ao número. Vindo às vezes disparates, causando risos na assistência, deixava ao que tirava a sorte encabulado. Ao redor da fogueira, brincavam as crianças arrebentando traques, queimando

pistolões e rodinhas coloridas. Saboreavam-se pipocas, bandejadas de bolos, roscas deliciosas e bolachas e eram servidos com café e chá da Índia.

As casas que os fundos davam para o ribeirão (Córrego Maria Lucinda) assentavam-se monjolos. No nostálgico silêncio das noites, ouvia-se o ritmo do bater dos monjolos, perto, longe, além, depilando arroz comprado em casca. Tinham as casas, o curral, com porteira dando para a rua. Não raro, nas noites escuras, o tropeçar-se das rezes amontoadas nas portas. Perambulavam elas pelas ruas, como senhoras da praça.

E os regos d´água correndo nas ruas? Quantos, nos dias chuvosos, neles se esborravam saindo enlameados! Contudo, o povo feliz, alegre não se preocupava com a carestia da vida.

Morrinhos de hoje tem uma nova feição que a torna transfigurada daquela outra que já se passou. Deixou de ser a rústica camponesa de saia de chita, chinelinhos arrastantes, rindo-se prazenteira para se transformar na senhora granfina, cheia de protocolos, trajada de sedas e sapatinhos de saltos altos.

E, a Morrinhos que ora se nos depara, enfeitada de luz elétrica, água encanada, rádios, piscinas, matadouro, campo de futebol e campo de criação. De ruas alinhadas, passeios calçados, vistosos prédios e belas construções. Casa Paroquial, Igreja reconstruída, a moderna Igreja Protestante, Casa de Saúde, farmácias e drogarias, grandes casas comerciais, grupo escolar, confeitarias, Ginásio Maria Amabini de Moraes de onde sai, todo ano, a turma de diplomadas que vêm, com seus esforços, aumentar o nível da cultura e do seu progresso. Imponentes edifícios, o Fórum, o cinema, Ginásio Senador Hermenegildo de Moraes. Junto aos seus ornamentos, uma boa tipografia, dela sai o Liberal que dia a dia vai se impondo, impulsionado pelo seu competente diretor. Por ele, se desdobrará, talvez, toda a história de Morrinhos. Aqueles velhos tempos eram o que se vai passando. Os velhos tempos daquela gente, que nem sequer pressentia cinema, rádio, o avião, um campo de futebol, mas que soube viver a sua vida, tornando-a bela na expansão da alegria.

É com saudades que encerro aqui essas lembranças tão gratas ao meu coração, ao relembrar-me. R.C. " (Memória, provavelmente, escrita por Elodia Ribeiro de Castro).

AMOR

Nem a distância impediu um só momento,
Que não ficasse junto, na minha mente,
Não saindo, com certeza, do pensamento,
Marcando a tua presença permanente.

De um coração adormecido, um motivo despertou,
Durante muito tempo guardado dentro do peito,
Um grande amor de seu âmago projetou,
Transformando-o de maneira forte, pois, sinto o efeito.

Devagarinho ficou marcada, na minha mente,
A vontade de estar sempre com o teu conviver,
Em tudo e no coração, tua imagem presente,
Despertando o desejo de contigo permanecer.

No peito sinto o rasgar com vigor,
Uma mudança sentida bem diferente,
É a certeza de que chegou o amor,
Deixando claro, que não está ausente.

O badalar do coração está a te reclamar,
Provando que vivo uma grande emoção,
O que significa que o amor veio para ficar,
Dentro dele a permanência de gostosa sensação.

Helenês Cândido.

FELICIDADE

Felicidade, achei que a tivesse encontrado,
Que engano, você foi depressa embora,
Deixando triste quem havia pensado,
Ter ela do seu lado, mas onde está agora?

Talvez no vazio do peito de alguém,
Buscando sozinho, um motivo para pensar,
Que a felicidade vai e vem, sem a ninguém respeitar,
Mesmo sabendo que com ela quero ficar.

A felicidade é como o vento que sopra forte,
Vem com intensidade alguns momentos
E, vai embora, nos deixando à mercê da sorte,
Causando quase sempre muitos sofrimentos.

Saudade sei o que isso significa agora
É a falta de sua presença, neste instante,
Para ficar do meu lado, toda a hora,
E, mesmo assim, não seria o bastante.

Helenês Cândido.

LAÇOS DE UNIÃO

Dentro de mim, uma diferente sensação,
O coração bate forte e apressado,
Trazendo junto uma grande emoção,
Tudo natural e espontâneo, nada forçado.

Na areia branca, na brisa que soprava,
Nas ondas que quebravam, sem parar,
Pude sentir com saudade, quanto a amava.
Em tudo sua presença sem cessar.

É chegada a dura hora da partida,
A saudade chega antes da separação,
Vou-me embora sem despedida,
Levando um grande aperto no coração.

Cada dia mais e mais cresce minha admiração
Sua presença é motivo de muita alegria,
Vendo-a, sinto uma diferente sensação,
Por isso quero tê-la, bem perto, todo dia.

Helenês Cândido.

ADMIRAÇÃO

De repente chegou forte, era o amor,
Que vinha para ficar, rompendo
Todas as forças do coração, com vigor.
Tornando você presente, nunca esquecida.

Queria ficar todo o tempo, bem juntinho,
Para sentir toda a alegria de viver,
Recebendo do meu amor, o carinho,
Sentindo, assim, a doçura do seu conviver.

Seu jeito meigo e seu olhar manso,
Que transmitem às pessoas muita paz,
Gosto de ver você e não me canso,
A sua presença me alegra e satisfaz.

No peito um sentimento gostoso,
Transmitido pelo seu ar de paz,
Deixando na gente um sinal amistoso
Da sua amizade e do bem que me faz.

O seu enrubescer vem com facilidade,
Transformando a sua face em vermelho rosa,
Que bom ver o brilho dos olhos com felicidade,
Deixando-a, assim, ainda mais formosa.

Que bom ter mandado flores,
Da cor amarela, minhas preferidas,
Que despertou em mim amores,
No meu olhar despertou as amarelas queridas.

Helenês Cândido.

LILIANA

Era agosto. Em minha vida aconteceu um fato por demais doloroso; perdia Liliana e, com ela, toda a ilusão. Para mim, tudo havia acabado. A criatura a quem dedicava todo o meu amor, desaparecia e era levada para o outro mundo.

Naquele dia, as lágrimas vinham aos borbotões, corriam face abaixo, como se fossem uma torrente. Parecia, mesmo, que a vida não teria mais razão de ser.

Era a vida de minha vida que Deus chamava para si, e, me deixava em tal desespero e aflição que, pensava eu, que se cometia a maior injustiça sobre a face da terra, privando-me da presença de uma criancinha que apenas começava a me entender e a me amar também. Após alguns meses, veio como costuma acontecer nesses casos, um conformismo, meio forçado, pois, o tempo se encarrega de ajudar e colocar as coisas no lugar.

Hoje, já passados quase nove anos, recordo-me com saudade de você, Liliana. Seu sorriso não sai de minha mente. Lembro-me, também, quando chegava a casa, você vinha com os bracinhos abertos receber-me. Que alegria sentia. Agora, só a saudade, nada mais.

Saudade que aperta o coração e deixa um vazio imenso.

Helenês Cândido.

POR UM FIO

Quando minha escrita está por um fio
Presa pelo revolto mar do saber
Sinto o coração bate forte e certo calafrio
Parece que estou em um sono profundo
Sem nenhuma vontade de pensar e escrever
Liberto-me dos mares, destranco as portas do mundo.
Abro a janela de minha alma pra ninguém me ver
Rabiscar este simples poema só pra você ler.

Vanderlan Domingos.

MINHA PEQUENEZ DIANTE DO UNIVERSO

Não sei se é defeito meu, mas tenho uma paixão imensa pela natureza e, principalmente, quando vejo o pôr, o nascer do sol ou da lua. A grandeza do universo redimensiona minha pequenez diante da natureza. Por mais que a miro, observo que ela é maior do que eu penso. Ao mesmo tempo, ante aos colossais elementos do universo, seja olhando as estrelas ou o cosmos, posso sentir a sua grandeza criada de forma espetacular pelo nosso Pai Celestial, que pulsa e que gira dentro dele, que é latente e sinto que cada pedaço está impregnado nos degraus de minha consciência. Somos apenas um grão de areia em relação ao universo, como nossas emoções e características do nosso atual estágio de ser humano na terra também são. Como uma pedra bruta, a natureza em mim dorme como a um anjo e a sua beleza estética nem precisa ser esmerilhada, pois nós, como ele, nascemos do aperfeiçoamento do caráter.

Vanderlan Domingos.

MENINA BAILARINA

Ao ver essa cena, deparo com uma menina que sonha em ser bailarina e que, ao antevê-la no espelho da vida, é fácil observar o florescer em seu corpo formas esbeltas, femininas, de bailarina. E, montada em seu cavalo Alazão, vê-se em torno de si, a sensualidade e gestos sublimes; é como o repouso de uma garça sobre o rio; é como o voo alinhado dos pássaros que cortam o azul do céu ou de uma pétala de rosa que cai e é levada com suavidade pelo vento.

Vanderlan Domingos.

SIMPLESMENTE ESQUECIA-SE DE ESQUECER

Eu sempre tive dificuldade de guardar nomes, preguiça ou teimosia.
Mas, em certas circunstâncias num caderno o nome escrevia.
Era tanta preocupação em esquecer que me dava até azia
Outras vezes, meio atordoado, esquecia, nem sabia o que fazia.
Do Colégio, tive dificuldades pra lembrar alguns nomes
Recorri a alguns detalhes, comparações e até sobrenomes
E, com certa aflição, perguntei a uma amiga minha
Que me fez lembrar-se da professora Nicinha
E no embalo da conversa lembrei também da Lurdinha.
Repaginando em minha mente o nome da saudosa Carolina
Esse fato me fez lembrar o nome da escritora Coralina.
Para escrever tantos nomes, não tinha combinado nada
Seja num caderno ou numa coisa mais apropriada
E pra que não houvesse tanto esquecimento
Memorizei alguns nomes complicados que me deixou ao avesso
O primeiro nome foi o da professora Celma
Que me fez lembrar-se da cantora Joelma
Não deixa de ser significância o nome de Nívea Maria.
Que educa com muita mestria e sabedoria
Assim como de outras professoras de grande importância

Que foram relacionadas aqui mesmo estando a distância.
Como a Luciana Martins, Luciana Dias e Fabíola.
Que acredito já terem sido vacinadas contra H1N1 e varíola.
Nem todas tinham sobrenomes, mas os nomes foram anotados
Poetizei todos os nomes e nenhum deles foi boicotado
Nenhum, sem dúvida, devo ter deixado de lado ou arguido.
Nomes que vieram para ser lembrados a nunca esquecidos
Então, jamais, podia esquecer-se de Ivoneide, Gláucia e Jéssica
Lembrança que me deixou bastante eufórico e contente
Pois consegui recordar todos os nomes arquivados em minha mente
E isso não tem preço, pois ainda lembrei-me de Jubilene e Ludmila
É como se eu imaginasse uma palavra rimando com argila.
No meu colégio, existia muita competência e certa magia
Tanta qualidade e profissionalismo que se inebriam
Mesmo não querendo saber o jeito que acontece ou como se faz.
Mas, acredito, vem da vontade de fazer sempre de modo eficaz.
De fazer direito e sempre de modo perfeito
Vontade de fazer exatamente aquilo que nunca eu tinha feito.

A Vida é assim...
A vida de um escriba é assim. Escreve com o coração. Apaga nomes, lembra, relembra e ele escreve outros nomes e quanta vez quiser. Na verdade, ele apaga nomes sem querer e reescreve sem perceber...
Percorrendo a estrada da vida, entre trancos e barrancos, surgiram tantos nomes, tantas pessoas amigas, tantas verdades e tantas mentiras; talvez por me encontrar carente nesse mundo virtual é que encontrei nomes, muitos nomes, e dentre eles, o seu, se assim imagino. Têm momentos que eu me emociono, e acho que outros também são assim como eu, que às vezes, vira a página e lê no anverso, faz os dias ficarem diferentes, às vezes alegres, às vezes tristes, talvez em razão da impotência e diante da fragilidade da distância. O escriba relembra os nomes e os poetiza, sente o mais bem amado de todos os seres, então, cabe-lhe retribuir não importa onde e nem quando, mas, com certeza, como último ato, homenagear todas as professoras do Colégio Degraus e, ao mesmo tempo, reservar um espaço confortável em seu coração.

Vanderlan Domingos.

SIMPLESMENTE SAUDADE

Saudade do meu tempo de criança
Saudade dos meus amigos de infância.
Saudade das quadrilhas de São João.
Onde dançávamos ao redor da fogueira
Que de forma tão ligeira
Ia jogando os gravetos no chão.
Pisávamos sobre as brasas
Que eram colocadas em covas rasas.
Saudade dos galos que brigavam na rinha
Saudade que me espezinha
Saudade das cantigas e dos amores que eu tinha
Saudade dos meninos jogando bola de gude e pião
Saudade do pé-de-moleque, pipoca e quentão.
Saudade dos toques de viola, sanfona e violão,
Saudade dos meus tempos vividos no sertão.
O tempo passou e, hoje, seja tarde ou noite de festança
Lá vamos nós novamente pro arraiá cair na dança,
É notório que a gente se alegra, zomba, troça
E todos se divertem , seja na cidade e na roça,
Caboclos vão de carroça, carro e até caminhão
Mas todos imbuídos da mesma coisa: festejar São João.

Vanderlan Domingos.

PAREDES DA VIDA

O sol que passava pela janela, iludia-me, e,
Maliciosamente, me enganava como aquela tinta.
Que esparramei sobre as rachaduras de uma
Velha parede, que mesmo após ser pincelada.
Ainda encontrava dificuldades em se revelar
A si própria. Aquietei-me e um silêncio pairou em
Meu quarto procurando não se indispor contra
O astro rei, o sol. O belo e acolhedor que
Dá-nos vida nunca me informou quantos raios têm,
Então, o jeito foi, pacientemente, em razão do belo
Entardecer, e pelo palpitante nascer da doce
Lua, somente parar para ver o tempo.
Passar, certo de que ele passaria e se manifestaria
Sobre o dia de amanhã.

Vanderlan Domingos.

MINHA TERRA NATAL

Morrinhos, terra querida,
Fazes parte da minha vida,
Meu berço natal, meu amor.
Pra mim és terra Santa
Tua beleza me encanta
Terra bendita, terra do Nosso Senhor.

Quero te dizer neste instante,
Para mim és importante,
Quero sentir para sempre teu calor.

Todos falam bem de ti
Os que passaram por aqui,
Não conseguiram te esquecer.

Falo com emoção
Com alegria no coração:
Como te gosto, Morrinhos!
Minha terra natal,
Para mim não há outra igual,
Meu orgulho é aqui viver.

Este povo é hospitaleiro,
Amigo, sincero e verdadeiro,
Gente honesta, podes crer.
Minha Morrinhos é maravilhosa,
Terra de gente caridosa
Tens poetas pra valer.
Eu amo minha terra querida,
Razão da minha vida,
Que muito pôde me oferecer.
Jesus Cristo é meu ideal,
Mas é na minha terra natal,
Que um dia desejo morrer.

Maria Madalena de Souza

SILÊNCIO

Quando tiver algo para resolver,
Procure se conter, não queira se exaltar.
Faça silêncio, primeiro em seu coração,
Não fale pela emoção, para não se complicar.

Se quer corrigir o irmão,
Exerça com educação, para não se machucar.
Quando ofendido, não se irrite,
Pois se o amor existe,
A resposta está no olhar.

Mesmo com a razão,
Não escolha a discussão,
Seja manso no falar.
Não use a falsidade,
Diga sempre a verdade,
Esta sempre libertará.

Vamos construir nova história,
Colocando na memória, o amor do Bom Jesus,
Sinal de esperança que no mundo ainda reluz.
Com ele está a certeza
De vencermos a tristeza
E caminhar sempre na luz.

Porque com Ele somos capazes
De construir a paz semeando o amor.
Com Jesus ao nosso lado
Não seremos derrotados,
Pelo medo ou pela dor.
Caminhemos confiantes, sejamos perseverantes
No caminho do Senhor.

Maria Madalena de Souza

NUNCA DESANIMAR

Não devemos viver no desalento,
E ao desânimo se entregar,
Elevemos nossos pensamentos
Para o amor propagar.

Quando nos invadir a tristeza,
Querendo nos assustar,
Com nossa força de vontade
Poderemos a derrotar.

Quando soprarem os vendavais
Não devemos lamentar,
Ergamos a cabeça
E continuemos a caminhar.

Nos momentos difíceis
Vamos jutos sonhar,
Para que a vitória
Possamos alcançar.

Não vamos perder a calma,
Conservemos a serenidade,
Para que possamos lutar
Pelo bem da sociedade.

Queremos a harmonia
Com todos os irmãos.
Sempre caminhando
Na mesma direção.

A meta é Jesus Cristo,
Que é nossa salvação.
Por nós deu sua vida
E nos oferece o perdão.

Maria Madalena de Souza

SOFRER COM JESUS

Você que está acamado
Não se sinta derrotado
E procure se alegrar,
Não revolte com a dor
Aceite com muito amor
Esta cruz carregar.
Mesmo sendo um doente
Temos que levar com a gente
Temos que levar com a gente
A alegria de amar.
Se Deus habita em nosso coração,
E com o mundo podemos colaborar.

Nosso espírito não está abatido,
Não devemos nos sentir oprimidos,
Com fé vamos celebrar.
Celebrar a esperança de quem acredita
Que a vitória alcançará.
A vitória é de quem espera, luta e supera
Até ver a aurora chegar.

Não fique triste meu irmão,
Eleve em prece o seu coração,
E não deixe se abalar,
Não abaixe sua fronte,
Busca novos horizontes
Que em Cristo pode alcançar.
Seja fermento, sal e luz
Sofrendo com Jesus
Pode ajudar o mundo a salvar.

Maria Madalena de Souza

A VIDA DO POETA

Quantas vezes na caneta peguei,
No sofrimento humano pensei.
E procurava tudo escrever.
Mas me invadia uma tristeza,
Pois via tudo com clareza
E mais me fazia sofrer.

A fome, a doença, a maldade, a indiferença,
Tudo fervia em meu ser;
O sofrimento de cada irmão
Sempre machuca o meu coração
E aumenta o meu sofrer.

É muito triste a amargura de escrever!
Que nada! Quero de tudo escrever,
Guardava na gaveta caderno, lápis ou caneta,
Tenho outras coisas a fazer.

Mas logo alguém aparece
Dos escritos não se esquece
E pede logo pra ver.
Aí está de novo o poeta contente,
Querendo mostrar pra sua gente,
O que pôde escrever.
E o entusiasmo volta à tona,
O poeta se emociona,
E começa de novo pra valer!

E com alegria no coração,
Escrevo poesias e canções
E teatro pode encenar.
Também escrevo pensamentos e orações,
Mensagens com emoção
Pera quem quiser conhecer.
Como poeta sou alguém,
Que só quer fazer o bem
Nas linhas que escrever.

Maria Madalena de Souza

FELICIDADE

Nilo Sérgio

Um dia um infeliz perguntou-lhe:
– O que é preciso para ser feliz?

Ao peixe só basta à água e o que ela pode oferecer-lhe.
– Quem é a dádiva: a água ou o peixe?

A árvore não se nutre de seus frutos,
Mas sustenta a quem tem fome.
– Quem é a dádiva: a árvore ou os frutos?

A mãe ama os filhos da mesma forma
Ensinando-lhes o caminho da verdade.
– Quem é a dádiva: a mãe ou os filhos?

As flores e os frutos se alternam tanto na vida quanto na morte,
Tornando a vida constante e eterna.
– Quem é a dádiva: as flores ou os frutos?

Aos pássaros, para voarem ,só basta o céu
E esse envaidece de tê-los como moradores.
– Quem é a dádiva: os pássaros ou o céu?

Ao chão só basta a chuva para molhá-lo
E ele se torna fértil e útil.
– Quem é a dádiva: o chão ou a chuva?

À chegada, só basta o caminho que torna
A caminhada mais curta.
– Quem é a dádiva: a chegada ou o caminho?

Na natureza a perfeição tem moradia,
Porque tudo se completa em uma sequência lógica.
Feliz é aquele que é dádiva de sua própria vida,
Sua riqueza é aquilo que lhe basta e não o que ambiciona.

BICHO DE SETE CABEÇAS

Nilo Sérgio

Eu sou o bicho de sete cabeças
Tenho sete cabeças. Uma inibe seis.
Uma é imbatível, a outra está em graça.
Uma é agradecida, a outra pede socorro.
Uma é esporte, a outra é agravo.
Uma é clareza, a outra também.
A dominante é dominada pelas outras.
Mas, as sete cabeças vivem em paz!

MOMENTO ESPECIAL

Nilo Sérgio

Estávamos nós na beira do Araguaia
Fazendo hora no boteco da Noêmia.
Longe do perigo do rabo da arraia
Matando a sede com a loiríssima boêmia.

Estávamos eu, o Apóstolo e a Zeni.
Comendo quibe, bebendo cerveja e cachaça.
Estavam também o Preto, o Tonho e a Celi.
Observando o balanço da barcaça.

Foi num fim de tarde maravilhoso
Quando o sol se punha no poente.
Nós curtíamos aquele ócio gostoso,
Com a areia, a água e o vento quente.

Estavam as galinhas cacarejando
E a vitrola tocando música sertaneja.
Um banzeiro as ondas revirando,
Coisas simples que a alma do poeta fareja.

Em casa, outro Apóstolo e Marlene ficaram.
Com a Rosa e a Ana bailarina, ambas Maria.
A Tuca, o Fred e o Murilo completaram.
A turma daquela especial confraria.

Êta, vida danada de abençoada!
Desse jeito, fica assim mundão.
Deixa-nos nessa empreitada,
Dificulta a coisa pra nós não.

Se Deus um dia me perguntar:
– Homem, onde você quer morrer?
Respondo no ato, sem pestanejar:
– Fico aqui nessas areias. Sair daqui pra quê?

FORÇA E TERNURA

Nilo Sérgio

Venho de gente que tem raça.
Venho de gente que tem fibra.

Mesmo que a tempestade me fizer afronta.
Mesmo que a dor me desgaste e entristeça.
Não é qualquer ameaça que me amedronta.
Não é qualquer dificuldade que arrego, eu peça.

Embora embrutecido pela vida eu tenha sido,
Ainda, marejam-me lágrimas, enternecido,
Pelas coisas que, às vezes, tenho esquecido.

IMPOSSÍVEL

Nilo Sérgio

... E a população era pobre... Muito pobre...
... Passou a mão pela longa barba e começou...

... Não sou o rio caudaloso que leva as águas para o mar,
Nem sou tão agradável como uma lufada de vento em dia quente.

... Não sou tão nutritivo como o trigo,
Nem manifesto o êxtase inebriante do vinho.

... Não sou melodioso quanto o cantar dos pássaros,
Nem tão belo como o sol.

... Não sou tão necessário quanto o ar,
Nem tão perfeito quanto à natureza.

... Não sou tão bom quanto à dádiva,
Nem tão importante quanto à fé.

... Não sou tão amigo quanto à mãe,
Nem tão tolo quanto à serpente.

...não sou tão verdadeiro quanto à matéria,
Nem tão misterioso quanto ao espírito.

... Não sou a verdade e muito menos a esperança.
Sou apenas a poesia.

Sou apenas um homem comum e, tolo seria eu,
Se quisesse ser mais do que isso.

Digo aquilo que as pessoas não possuem tempo
Ou preguiça de pensar.

E digo:
Impossibilidade é um termo usado pelos fracos
Por acharem o possível sempre impossível;
Já possibilidade é um termo usado pelos fortes
Por acharem tudo simplesmente possível.

Pobre é aquele que não tem corpo e nem espírito e,
Isto sim É SIMPLESMENTE IMPOSSÍVEL...

VACA BALEIA E STELLA

Nilo Sérgio

Havia uma vaca de nome Baleia e uma garotinha chamada Stella.

Todo dia, Stelinha ia ao pasto colher amoras e vaca corria atrás dela. Então, ela subia no pé de amora e começava a gritar por socorro:

– Papai, venha me salvar!

Rafael, pai de Stella, não aparecia aí, aparecia o vovô dela e tocava a vaca:

– Saia, vaca! Saia, sua vaca boba!

A vaca ficava com medo, fugia e deixava a Stellinha em paz. Mas ela era muito custosa, voltava pra colher amoras e a vaca tornava cercá-la e o avô aparecia para salvar a Stella. Mas a vaca estava protegendo a cria, por isso que ela vivia a cercar a Stellinha. Ela não sabia daquilo, então sempre acontecia esta confusão. O dia que ela descobriu, sempre chamava vovô para ir com ela colher amoras, a coisa ficou mais fácil.

A mãe, de nome Laila, foi conferir e também ficou presa pela vaca. O vovô salvou as duas e o filhote que estava escondido, apareceu. A vaca se acalmou e ficaram todos em paz.

Nilo Sérgio Troncoso Chaves 31/10/2017

História escrita para a sua neta Stella

DOCE ILUSÃO

Nilo Sérgio

De salto alto, lábios pintados,
Deixam-nos imobilizados.
Chegam com delicadeza,
Impondo-nos sua beleza.
Aos poucos vão lapidando-nos,
Um simples e genuíno presente pode custar-lhe caro,
Hoje um perfume, amanhã um sapato, camisas, presentes barato e até caro.
Todo seu guarda-roupa renovado
E você sonhando, que os presentinhos são simples agrado.
Um belo dia e já era,
Do brucutu de outrora,
Agora nem o cheiro resta.
Tornou-se o boneco de vitrine, um belo exemplar,
Pra ela desfilar e as amigas provocar.
Quem te ama precisa te aceitar
E não querer te transformar
Sonhando com o dia desfilar.
Doce ilusão,
Tem o homem de dominação.
Que força você tem frente à sedução?
Fica a dica, cuidado com elas, os agrados e a proteção,
Mulher carinhosa
É perigosa!

OLIVEIRA, Viviane G. L.
CHAVES, Nilo S. T.

A CORRELAÇÃO ENTRE PROGNÓSTICO E AFETIVIDADE: UM RELATO DE CASO

OLIVEIRA, VIVIANE, G. L.[1]
CHAVES, Nilo, S. T.[2]

"Cada um com sua especialidade, não importa com aquilo que faço o importante é aquilo que não faço". (CHAVES. 2018)

Para que o leitor possa compreender a beleza deste artigo, aqui será compartilhado o processo terapêutico de um paciente que estou atendendo. Decidimos juntos escrevermos sobre o movimento e experiências que estamos vivenciando nas sessões de fonoaudiologia. Eu, como profissional e autora, apresentarei este caso; ele, o paciente é o orientador e responsável por revisar este artigo.

Em março, fui indicada para fazer atendimento fonoaudiólogo domiciliar, o paciente é um senhor que, no ano 2017, foi acometido por dois acidentes vasculares cerebrais (AVCs, um hemorrágico e um isquêmico). Ficou entubado, em coma 40 dias e traqueostomizado. Informaram-me que ele era uma pessoa extremamente dinâmica, cheio de alegria, que gostara de viver intensamente cada instante, se possível, com muita dose de adrenalina. Viagens e aventuras em boas companhias era assim que curtia o dia a dia.

Chegando, para realização da avaliação, vejo um senhor receptivo e amigável, calvo, tatuado, com anel de caveira motociclista/metaleiro, cadeirante, com comprometimento motor (de membros inferiores e superiores). Alimenta-se por via sonda gástrica; com disfagia. Quanto à oralização, afônico, as palavras eram articuladas, porém sem sonorização. Referente ao estado emocional, em alguns instantes ficava evidenciado a fragilidade, o choro facilmente lhe vem à face, mas não há indicativos de depressão; o que

[1] Viviane Guimarães de Lucena Oliveira. Fonoaudiologia, Letras-Libras com pedagogia em curso. Três especializações na educação. Mestranda na UFG. Psicopedagogia do Núcleo de Acessibilidade UFG desde 2014. viviartefono@gmail.com

[2] Nilo Sérgio Troncoso Chaves. Medicina Veterinária UFG. Mestre em Medicina Veterinária UFSM. Doutor em Clínica Cirurgia Veterinária. Pós-doutorado na área de Oftalmologia na Escola de Veterinária na Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha).

percebo é que ele está passando uma fase difícil na vida, enfrentando-a com determinação, força e desejo de superação - não desistiu de viver.

Na avaliação do desempenho intelectua,l o próprio informou-me sobre a carreira docente, as diversas qualificações e titulações (mestrado, doutorado e pós-doutorado na área da saúde animal), autor de vários livros e poeta. Logo, no primeiro encontro, percebi a complexidade do quadro, bem como o desejo de superação e o prazer em viver. Ao ler um dos poemas que ele escreveu em 2013, fiz o convite:

> Seja persistente, estude, trabalhe, arrisque, empreenda, surpreenda, busque o improvável, o inatingível, "o que é fácil já foi feito". É melhor consertar, fazer de novo, do que dizer que não fez porque não daria certo. (CHAVES. 2013; p.19)

Fui objetiva, expliquei que não seria fácil, porém impossível também não, caso permitisse-me, gostaria de arriscar e buscar o improvável. O desejo é de estar com ele em busca do surpreendente, sem desistir. Com um lindo sorriso, os olhos cheios de lágrimas apertou minha mão, acenou com a cabeça em concordância e sussurrou: " sim, pode". Então, partindo dessa experiência, decidi como estratégia terapêutica investir e apostar na capacidade intelectual e no forte desejo em viver, superar e recuperar sua autonomia.

Objetivando a oralização, nas sessões sempre trabalhamos a autoestima e o bem- estar, ele compartilha comigo suas aventuras, histórias, contos, poemas, teorias, princípios e causos. Cantando, rindo e chorando falamos sobre os prazeres e desprazeres vividos. Então, escolhi como foco não falar por ele, não subestimar sua capacidade, nem o tratar de forma mecanicista, um corpo (boca) que não esteja desempenhando suas funções adequadamente. Com respeito, estou mediando como (FOUCAULT, 2017, p.133) diz que "a teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falassem por elas próprias." Dando voz ao sujeito para que ele me conduza sobre qual é a ação mais adequada a cada instante.

As sessões são compostas por dois momentos, exercícios fonoarticulatórios - lábios, língua, bochechas, laringe, voz - e na fala sempre busco como fio condutor seus poemas e causos. Conversamos sobre o significado do que foi escrito, refletimos e articulamos algumas citações, a exemplo,

(FREUD. 2018) em O mal-estar na civilização e Foucault (2017 p. 35-170). Este momento é dele falar sobre questões subjetivas, seus sentimentos: felicidade ou tristeza; feio ou belo; vida e morte; Deus e o capetinha (tema recorrente); amor, dor, destino, castigo ou consequência, prazer e desprazer, é momento de deixar fluir e externar os pensamentos sem pudor de ser censurado ou julgado. Embora, francamente, se existe algo que não o preocupa é com a opinião do outro; se ele quer falar ele fala mesmo, sem rodeios.

Para ele, "erramos quando tentamos eliminar os nossos demônios" (CHAVES, 2013, p.14). Retomar essa fala é importante para não afastá-lo da realidade do presente, estar consciente da realidade é ter a oportunidade de fazer escolhas, a fuga não nos permite almejar a superação e planejar o futuro. A grande maioria das pessoas sofre demasiadamente na eminência de encontrarem a felicidade afastando-se da realidade e no isolamento social. Ele é bem consciente que somos imperfeitos; a este propósito escreveu "tento ser bom e conviver com minhas imperfeições." (CHAVES, 2013, p.23).

Os devaneios da indústria da beleza que vende a ilusão de um corpo eternamente jovem, belo e perfeito é uma armadilha para muitas que, por medo de não serem aceitas ou amadas, tornam-se paranoicas. Para ele, viver é envelhecer, correr riscos, escreveu: "quando nasci comecei a morrer, crescendo e envelhecendo." (Chaves 2013, p.24). Esses conteúdos internos são grandes aliados para que o mesmo não entre em depressão, sempre estamos discutindo sobre esses princípios e temas.

Freud (2018, p.26) diz que, muitos "homens se esforçam em obter a felicidade e manter a distância o sofrer". Chaves escreveu que "nunca fui feliz, tenho momentos de alegria" (2013, p.24). Não se coloca na causalidade do destino e nem é revoltado com Deus. O posicionamento é de autor da sua vida e não telespectador, consciente que a felicidade é um bem- estar de momento, viver sem sofrer desprazeres é impossível, ficar em lamúrias só vai piorar os dias e prolongar o sofrimento. Neste propósito trabalhamos com a música Coração Pirata:

> Levo a vida como eu quero, estou sempre com a razão, eu jamais me desespero. Sou dono do meu coração. Ah! O espelho me disse você não mudou. (...) As pessoas se convencem de que a sorte me ajudou, mas plantei cada semente que o meu coração desejou (...) Blanc e Silva (1990)

O prazer em viver sem lamúrias, a sensatez de que a vida é instável e que temos escolhas de como viveremos frente a cada dificuldade, deu-lhe o direito de escolher viver com alegria e sem vitimismo. Essas escolhas têm modificando o prognóstico e exercido forte influência na superação dos limites que o corpo está tentando impor-lhe.

Ele é um grande desafio, um mistério, em sua companhia cada dia é uma novidade, um revelar de possibilidades, uma personalidade singular que muito tem me ensinado. Nossos encontros são momentos de trocarmos experiências, revelar-se e ser desvelado, ensinar e aprender, escutar e falar, cuidar e ser cuidado, rir e chorar. Neste movimento, aos poucos ,o sorriso ocupou o espaço das lágrimas e a oralização o do sussurro.

Apostar na afetividade e no bem-estar do paciente foi uma feliz escolha, ainda precisamos aprimorar as conquistas do paciente. É necessário trabalharmos a dicção, voz e articulação dos fonemas. Continuaremos no percurso que juntos escolhemos seguir: bom papo, momentos de reflexão e alegrias onde o sucesso[3] é à base das nossas escolhas e nesta vida não estamos aqui pra assistir e, sim, agir.

REFERENCIAL:

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 6° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017

FREUD, S. O mal-estar na civilização. 10° ed. São Paulo: Schwarcz. 2018

CHAVES, Nilo S. T. Roleta russa. Goiânia: Gráfica e editora Vieira. 2013

Coração pirata, autor. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora%C3%A7%C3%A3o_Pirata>. Acesso em: 06/10/18, às 21h00min horas.

Letra da música coração pirata. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?ei=j6C6W-WUB4SW5wLj1KOQAQ&gs_ivs=1&q=letra+da+m%C3%BAsica+Cora%C3%A7%C3%A3o+Pirata&oq=letra+da+m%C3%BAsica+Cora%C3%A7%C3%A3o+Pirata&gs_l=psy-ab.18...494631.496273.0.497052.0.0.0.0.0.0.0.0..0.0....0...1c.6.64.psy-ab..0.0.0....0.ipwXXIdPUY8>. Acesso em: 06/10/18, às 21h30min horas.

[3] Sucesso, neste contexto não é referenciado em metas e sim no empenho, dedicação e determinação em fazer e obter o melhor possível.

A MULHER EM TRÊS TEMPOS

Nilza Diniz Silva.

PASSADO

Fui escrava,
Dominada,
Sem querer, sem vontade,
Sem pensar, sem agir.
Desde séculos imemoriais
Como ser inferior fui tratada.
Traziam-me escondida
Velada.
Submissa quase sempre.
Figura apagada, em segundo plano colocada.
Pensavam por mim, queriam por mim, sentiam por mim.
Resolviam por mim.
Quem era eu?
O que era eu?
Sem direito a escolher meu companheiro.
Aos braços de um estranho era jogada
E nem sempre amada.
O amor?
Ora o amor...
Viria com o tempo, se viesse...
Era submissão total ou quase total!

PRESENTE

Minha vida está mudando.
De submissa e escrava, torno-me companheira.
Ganho força, ganho coragem.
As névoas do passado se dissipam.
Novos horizontes
    Novas perspectivas
        Abrem meus olhos
            Clareiam minha mente.
Meu corpo desliza mansamente,
Acompanhando o ritmo de meu ideal.
Sombras do passado ficaram para trás.
O presente é minha vida,
Ele prepara meu futuro.
Posso criar,
    Posso fazer,
        Posso sentir,
            Posso pensar.
"Meu pensamento é livre como o vento."
Posso esquecer o passado que me prendia,
O passado que tolhia meus movimentos,
Me deixava inerte
Sem forças.
O passado que não me dava o direito de ser eu.
Hoje sou gente... E amanhã?
Amanhã é outro dia.

Não mais as tristezas do passado
É a alegria do presente me conduzindo ao futuro.
Ao meu futuro, como gente.
Ao meu futuro como mulher.

FUTURO

Agora não posso parar.
O futuro se descortina para mim
Como uma tela pintada por gênios do bem.
Para trás ficaram as incertezas,
    Os medos,
            A covardia,
                A submissão.
Minhas mãos agora não podem parar.
Minha mente é digna da força que possui:
    Ela pensa,
            Ela age,
                Ela realiza.
Meu corpo conhece as delícias da vida.
Minha alma se extasia
Ante as belezas do universo:
Ante as perspectivas de uma vida construída
Palmo a palmo,
Em harmonia com ideal de meu coração.
Minha imaginação percorre regiões desconhecidas
Que são transportadas para o papel,
Que vão descansar placidamente
Nas telas envoltas cores,
Em perfumes sutis,
Em mistérios a serem desvendados.
Meu coração está preparado para o amor.
Sou mulher atuante,
Companheira,
Sou gente.
Sou mulher na plenitude da vida!
Caminhando com firmeza
Ao encontro de um novo dia!

A VIDA É BELA

Nilza Diniz Silva.

A vida é bela, mesmo com dores.
Há muita música perfume e flores
Tudo que existe na natureza
É hino célico de real beleza
Cantemos juntos os esplendores
Desta terra que é nossa
E os seus fulgores.

O sol é lindo quando aparece
Lá no horizonte e a terra aquece
Bem de mansinho, no arrebol.
Em tarde plácida se esconde o Sol.
Que maravilha de Sol poente
Como o nobre "Astro Rei"
Inspira a gente.

A grande noite envolve a Terra
Com seus segredos o dia encerra
Sonho e saudade vem à poesia
É hora calma de nostalgia
Reina o silêncio, bom companheiro.
De uma prece bem sincera
No mundo inteiro.

Luar de prata do céu derrama
A Lua Plena o poder reclama
E pouco a pouco o orvalho frio
Cai sobre as plantas, terno e macio.
De madrugada a passarada
Enche o ar de melodia
É sinfonia.

Ainda temos sempre a pulsar
Um coração feito pra amar
Coração rico de sentimentos
Que se emociona a todo o momento
Amemos tudo com fé e ardor
Dando graças todo o dia
Ao Criador.

ESTIMADOS CONFRADES ACADÊMICOS, CONVIDADOS, ACADÊMICA D. NILZA DINIZ

Ao receber, por ofício senti-me em labor de obrigação, a missão de apresentar o livro de tão nobre escritora; pensei num monte que me levasse à importância que tal obra tem. Irei, pois, dividir com vocês algumas doses, a conta-gotas, deste livro, que li em um fôlego só, pois me prendeu tanto a atenção que me fez viajar para Guatambu, pelas tortuosas estradas lamacentas da chuva que acompanhava a família de Dulce.

A crítica literária me permite enquadrar esse livro em prosa realista, com extremo cuidado, inclusive a uma poética, muito particular da autora. Com traços extremamente delicados, a trama se tece em fios muitos finos com enredo rebuscado e interessantemente voltado para mostrar algo real, com devoção próxima à máxima literária realista que apregoa que "o ser é

uma resposta muito firme do meio em que vive e que suas interações com as pessoas, conseguem sim, responder seus atos". Em outras palavras, Jonas via-se, como pai, em necessidade de convivência, a obedecer aos devaneios e aventuras de sua esposa.

Dura e firme, Dulce recebe do narrador, aqui-presente e onisciente, a dura dor do viver. Observador que era o narrador traz uma vida minguada e de dor, cujo fato de ser primogênita da família torna-se um fardo muito dolorido para a jovem menina de 16 anos.

Ao enveredar pela vida de Dulce, conseguimos vê-la, também em uma das personagens de Clarice Lispector, que sente na pele as agruras do viver, com resiliência e muita dor. Macabeia, emparelhada com Dulce, não tem muitos momentos bons, seja para Dulce, ao comemorar seu aniversário com alguns trocados a mais, utilizando-os para comprar um chocolate, que, por sorte, estava derrancado... Perdido... Vencido.

A história vai ganhando forma, em uma fôrma muito bem feita.

A firmeza do guatambu, usado para a lida, cabeando ferramentas, foi também a Guatambu o pano de fundo de um cenário, em que o espaço passou, inclusive a ser psicológico metafísico... Ganhou vida!

Prelúdios e símbolos são observados o tempo todo como, por exemplo, o canto do garnisé, trazido como símbolo temporal para a trama, que ganhou caráter técnico, e o entregou de forma muito particular ao texto.

João Mineiro, uma espécie de anjo materializado, emprestou ao livro um tom poético e doce, em meio ao amargor das personagens para com a nossa protagonista. Digo nossa, pois nos é muito particular... Dulce está aqui e acolá. Hora ou outra a vemos materializada. João, personagem que causa estranhamento, e que de estranho é espetacular.

Me peguei várias vezes olhando a cortina do passado, e pensando como Dulce em momentos pontuais como, por exemplo, quando ela assim se expressou: "Não quero nem pensar no momento da chegada. Não quero nem chegar." E nós aqui presentes, quantas das vezes quisemos também "não chegar"?

O livro lida com o sentir, com elementos da natureza, terra, fogo, água e como respirar! É pujante, latente... Telúrico!

Guatambu ensina que "Humano é quem sabe conquistar o coração do próximo. É quem não coloca barreiras entre si e seu semelhante. A gratidão é à flor do coração. E é essa flor que conquistou Dulce.".

Quando li o conto Falsas Credenciais, do livro Nove mais Nove contos, de D. Nilza, pensei que havia se exaurido tudo o que pudesse ser de criativo para a autora. Depois, ela me aparece com a passagem "Busca da vida as coisas mais simples, pois mais perto estão do coração"; pensei ter ela completado tudo o que de original alguém pudesse propor. Pensei que o tempo havia passado. E que a grande obra ainda teria o tempo certo, sem desmerecer a todos os outros.

Mas, hoje vejo que Guatambu, de texto próximo, leitura doce, boa de ser degustada, com o lirismo particular de D. Nilza veio no tempo certo. Afinal D. Nilza é o tempo. E sua obra chega em tempo!

Obrigado a todos!

José Henrique Rodrigues Machado
Cadeira nº 10

O SORRISO DOS OLHOS TRISTES

Você, menina linda dos olhos tristes,
Como consegue a alegria deste sorriso?
É dupla personalidade? É duplo sentimento?
É alegria e tristeza ao mesmo tempo?

Como é possível estas duas situações juntas?
Você seria especial? Ou mais do que isso?
A verdade é que você encanta,
Como diaba ou como santa.

Espalhar um sorriso de luz ofuscante,
Por uma face dividida, alegre e sofrida...
Extremos de sentimentos, que não vejo explicação,
Só você sabe a resposta... está no seu coração...

Uma coisa você já sabe perfeitamente,
Você é diferente...! E que diferenças marcantes...!
Desculpe-me a insistência, mas em toda minha existência.
Nunca tinha visto isso antes.

Posso arriscar um palpite? Sem muita importância...?
Será que seus olhos nunca viram o seu sorriso...?
Sorria para um espelho, tire uma foto se for preciso,
Mas não deixe os dois nesta distância...

Paulo Tárcio Martins

ME ACORDEM, POR FAVOR!

Eu preciso acordar deste pesadelo que me faz sentir medo de quem me deveria proteger, me dar segurança, proteção;

Eu quero acordar e ver que tudo não passou de mais um sonho ruim, quando me apresentaram os candidatos ao pleito eleitoral;

Me recuso a sonhar com os sacerdotes e presbíteros e outros "mensageiros" de Deus que estupram e corrompem em suas sacristias e púlpitos, as inocências desamparadas, desassistidas e relegadas a um plano tão inferior que não tem nem classificação;

Eu quero despertar desta minha sonolência que me faz ver barbaridades cometidas em nome do poder, da fama, da riqueza desmedida e sem quantia que chegue; atrocidades em nome da religião como se Deus fosse um guerreiro que conseguiu tudo pela força e pela pressão;

Eu preciso acordar desta minha letargia e ver que estava errado quando não contribuí para as "crianças esperanças" e outros programas comandados por grandes corporações adaptadas ao gênero e ver que, bem acordado, realmente, o dinheiro arrecadado está sendo usado legalmente;

Eu preciso deixar de sonhar e na realidade acreditar que tudo está melhorando, que a distribuição de renda está mais justa, que os profissionais de saúde estão dando a mesma importância aos segurados sociais que aos detentores de planos de saúde ou atendimentos particulares;

Eu preciso parar de devanear, em sonho, quando penso que o dinheiro dos vários impostos que pagamos estão sendo aplicados em prol de todos e não só dos Marcos Valérios, dos Delúbios, dos Dudas Mendonças, de Moluscos invertebrados e inveterados na arte de se locupletar, de forma escusa e obscura com o suor do povo;

Eu quero acordar, e mesmo suado e com taquicardia, constatar que foi só um susto, quando li em meu sonho, que um sujeito queria comprar a Amazônia;

Só acordado eu vou acreditar que as músicas que os jovens estão ouvindo e idolatrando seus interpretes, não passaram de letras sem nexo, bobas e vazias que o meu cérebro criou enquanto eu dormia;

Só com os olhos abertos eu verei que tudo aquilo que presenciei ou que passou pela minha retina, com referência à destruição da terra, via extermínio da natureza, era uma simples simulação do que poderia acontecer, caso aquilo se tornasse realidade;·.

Não passará de coisa sem importância, quando eu acordar e ver que es escolas do meu País não discriminam os negros, os gordos, os feios, os pobres... Com quotas especiais e que garantam o seu ingresso nelas; que os nossos alunos se tornarão bons profissionais, depois de formados, pois temos um ensino muito bem pago (pago?) pelos governantes a donos de redes de ensino;

Quando eu acordar, não serei mais obrigado a acreditar em falsos juramentos proferidos em altares, jantares e festas de formatura; poderei não acreditar em falsos capetas e em verdadeiros deuses e então poderei bradar como disse um dia um poeta: "Sou ateu, graças a Deus!".

Socorro! Me ajudem! Me acordem! Quero estar de pé quando a caravana passar! Eu também quero aplaudir...

Paulo Tárcio Martins

DE QUALQUER JEITO

Não tem jeito, não a esqueço,
Nem sei se posso ou se mereço,
Só sei que em você reconheço,
Todos os motivos por que padeço.

Você vive em minha mente,
De várias formas presente:
Molhada, suada, cheirosa somente,
Dengosa, manhosa, formosa, carente...

Amiga, amante, santa, bandida.
Irada, nervosa, serena e contida,
Na vista, na lista, na morte e na vida.
No amor, na dor, alegre e sofrida.

Sem medo ou enredo, errado ou certinho,
Bonita na fita, na foto e na minha,
Na sua e na dele, na nossa festinha,
Na oração, no pecado e na fé que eu tinha.
Na cama, na rede, dormindo ou desperta,
Cantando ou calada, no som da seresta.
Correndo ou parada, no tempo que resta,
Sofrendo ou feliz, com a parte que presta.
No pensamento que voa que corre, que anda,
Que planeja, que sonha que obedece, que manda,
Na vida sem graça que o riso comanda,
No quarto que chora a dor na varanda.
No céu ou na terra, no espírito ou na alma,
No aperto, na folga, no agito ou na calma.
No calor ou no frio, no morno que salva.
Na poeira ou na chuva, na pele tão alva.

No tudo ou no nada, na música cantada,
Odiada ou querida, mas sempre falada,
Na doença ou na cura, na mentira safada,
Na verdade verdadeira, tantas vezes pregada,
No terço rezado de alma lavada,
Eu peço a Deus, por você, minha amada...

Paulo Tárcio Martins

COMO SE...

Hoje me peguei a pensar em você...
Como se você já não fizesse parte do meu pensamento.
Hoje eu precisei tanto de você...
Como se eu não precisasse em todo momento.

Hoje eu adormeci sonhando com você...
Como se eu não sonhasse até acordado.
Hoje sei que não vou esquecer você...
Como se um dia eu tivesse tentado.

Hoje eu me vi ao lado de você...
Como se um dia eu tivesse saído.
Hoje eu sei que existe só você...
Como se um dia outra tivesse existido.

Hoje seria um dia como outro qualquer...
Se não existisse você e a flor.
Hoje seria só mais um dia comum...
Se não existisse você e o amor...

Hoje seria um dia como os demais,
Se não existisse o destino,
Se não existisse o menino,
Que um dia ficou pra trás,
Que hoje acordou pensando,
Que adormeceu sonhando,
Que sempre a seu lado estava...
Mas lembrou-se que já se fez homem
E a realidade sombria lhe esmagava.

Paulo Tárcio Martins

COM QUE DIREITO?

Que direito eu tenho sobre você?
Se sou tão simples, tão menor...
Com que direito eu me julgo o bom?
Se sou tão comum... Talvez pior...

Que direito eu tenho sobre as pessoas?
Se tenho defeitos que não estão sós...
Com que direito eu posso lhe julgar?
Se sou sem alma, sem pena, sem dó?

Com que direito eu exijo de você,
Uma coisa que eu não posso fazer?
Se eu não posso, você pode?
Se eu não quero, você tem que querer?

Não! Você não pode...
Você só pode aquilo que merecer.
Viva a personalidade, o caráter...
Viva a liberdade que nos faz viver!

Paulo Tárcio Martins

BIG BANG DIGITAL

Ao longo da idade e da história da Terra, no meu modesto modo de entender, imensurável, sempre ocorreram grandes acontecimentos nas suas mais diversas eras: catástrofes das mais diversificadas magnitudes, tais como a destruição dos dinossauros, supostamente provocada pela queda de um grande meteorito; as duas grandes guerras com seu holocausto; as grandes endemias, epidemias e pandemias; e até o suposto dilúvio

apregoado pela Bíblia Sagrada como castigo divino; o nascimento, vida e morte de Jesus Cristo, só para citar alguns.

Todas estas ocorrências e tantas outras que não foram aqui destacadas impuseram impactos devastadores ou de grande relevância para a humanidade, para o meio ambiente, fauna, flora e toda a cadeia que compõe nossa casa de expiações, tanto no campo das ciências quanto no campo religioso.

Pois bem, baseado nesses acontecimentos e nos seus resultados provocados e, baseado também na minha dose de loucura ou maluquice (todos nós temos a nossa dose), cheguei à seguinte pergunta ou questão: E se houvesse, hoje, um Big Bang Digital? E se a internet, de repente, não funcionasse mais? E se todos os computadores, CDs, DVDs, Pen Drives e outras formas de armazenamento e transmissão de dados sofressem um "delete" inexplicável...?

Alguém vai dizer em resposta: Isso é impossível! O mundo está preparado para que isso não aconteça! Será? Será que o meteorito que destruiu os grandes répteis e outros animais era possível prever? Os vírus mutantes e as bactérias resistentes a tratamentos e medicamentos poderiam ser previsíveis? O grande atentado às Torres Gêmeas poderia ser previsto e prevenido com antecedência? A grande crise hoje existente no mundo financeiro era previsível?

Tenho as minhas dúvidas!

É claro que estamos trabalhando no campo das hipóteses, mas a grande verdade é que é possível um grande "boom" na internet que venha prejudicar, sobremaneira, a nossa vidinha aqui na Terra. É bom pensar nisso e arrumar uma "caixa preta" para guardar nossas informações que eu me arriscaria a dizer: Imprescindíveis e quase indispensáveis ao nosso século XXI.

O caro leitor já prestou a devida atenção na velocidade que se estão construindo aparelhos eletrônicos, principalmente os de uso móvel? Hoje, são o que há de mais moderno, amanhã são obsoletos e descartáveis (cuidado para não descartar os chips junto).

Senhas então existem para tudo. Sem senha não existimos mais...

E por falar nisso, qual é a sua? Envie para o meu E-mail, criptografada ou para o meu celular em forma de torpedo.

Volto a divagar: O que poderia acontecer se este Big Bang Digital ocorresse? No mínimo, teríamos uma terceira guerra mundial de arcos e flechas. E se... Ah, deixa pra lá! Estou atrasado para checar os meus e-mails, ver se o meu saldo no banco mudou de vermelho para preto; se não, tenho que fazer uma transferência, tenho que preencher a minha declaração do imposto de renda, renovar meu seguro, comprar uma bateria para o meu celular, checar extratos de cartões e conversar com meus filhos e netos via MSN. Isso, depois que eu passar um antivírus no meu notebook e torcer para que o Big Bang Digital não ocorra agora.

Fuuuiii.

Paulo Tárcio Martins

A HORA, O SEGUNDO, O PIANO E O PRATO

É comum e, até corriqueiro, presenciarmos nas grandes organizações a discriminação de pessoas quanto à função ou posição que exercem.

É chefe menosprezando os chefiados, é gerente boicotando os gerenciados, é patrão selecionando os "chegados" e assim por diante.

"Arrastação de tapetes" então é prática bastante difundida entre os diversos escalões constantes de um organograma.

Nesse nosso mundo, dito globalizado ou moderno, em plena Era de Aquários, com a informatização não encontrando limites para o inusitado, para o dito impossível, é até vergonhoso ainda convivermos com ações trogloditas e rasteiras como as que hoje enfrentamos.

O homem terá, por bem ou por mal, que entender ou compreender que não será por essas práticas que ele concluirá seus intentos aqui no nosso "cansado" planeta.

Alguém poderá dizer: Mas como se enveredar pelos caminhos do bem se os maus prosperam cada vez mais; se os "picaretas" vivem como nababos e os que trabalham muito não têm tempo de ganhar dinheiro?

Difícil resposta ou cada um tem uma...

Mas talvez seja justamente essa individualidade das respostas que estão norteando as ações hoje ditas normais ou naturais.

Há uma citação de um pensador que diz:

"A união do rebanho faz o leão ir dormir com fome."

O nosso problema é que o leão, sabendo disso, está criando alternativas para minar esta união, provocando a desordem, a calúnia, a difamação, o caos... Justamente para não ficar sem sua ceia diária.

O leão está pregando que é necessário "puxar o saco" para não puxar carroça; que no amor, nos negócios (sem falar em política), vale tudo.

É preciso parar com a prática de querer levar vantagem em tudo, senão estaremos marchando para uma guerra (3ª ou última?) sem precedentes, com táticas escusas, sem nenhum mérito, sem nenhuma honra ou glória... Sob pena de alimentarmos demasiadamente o leão e torná-lo tão poderoso ao ponto de sermos transformados em simples súditos, bobos da corte ou escravos de sua vontade.

Estamos tomando conhecimento de grandes corporações encamparem as menores, ou as mais fracas, grandes bancos se associarem ou se fundirem a outros criando monopólios dificilmente de serem superados, tornando-se leões do mercado.

Ora, mas eu não me propus a falar sobre a hora, o segundo, o piano e o prato?

Sim! E falei. De certa forma, é claro!

Estão menosprezando os segundos em favor da hora...

Estão relegando a 2º plano o som do prato na orquestra em favorecimento do piano, do violino, da flauta... Do rico, do bonito, do famoso, do poderoso...

Meu avô, de saudosa memória, já dizia, na sua época produtiva, que chegaria o tempo que teríamos o dinheiro, mas não teríamos a mercadoria para comprar... Principalmente a mercadoria humana, a força de trabalho de cada um.

Pai boia-fria não quer ver seu filho boia-fria; mãe doméstica não quer ver sua filha doméstica. Todos querem o melhor para seus parentes (será isso nepotismo na vida?). E não poderia ser diferente! É óbvio e ululante que todos queiram vencer, viver melhor, ter boa vida... Enfim.

O problema é que chegaremos a um ponto em que, para ser boia-fria ou doméstica, teremos que ter um diploma, uma boa formação escolar... E quanto isso vai custar aos leões? Vamos ter que importar mão-de-obra barata de qual País? E a densidade demográfica? E o efeito? Estufa ou não estufa? E o degelo das geleiras? Como fica meu uísque? E os furacões? Os terremotos, abalos sísmicos e acomodações das placas tectônicas? E os mensalões da vida? O que farão os leões?

É necessário iniciarmos uma "campanha da fraternidade", mas sem terceiras intenções, no sentido de valorizarmos o ser humano da hora, do segundo, da orquestra como um todo... Tocando piano, flauta, violino... ou prato... Para darmos mais importância a todos os nossos semelhantes e que esse semelhante também se conscientize e não deixe sua existência, sobrevivência ou qualquer outra "ência" só por conta dos "cartões e bolsas" alheias e originadas nas dependências de tocas de leões e agora também de leoas.

É preciso valorizar cada segundo de nossa existência, porque um punhado de segundos (exatamente 60) formam um minuto e outro punhado de minutos a hora, o dia, o ano... A nossa vida.

É preciso prestarmos mais atenção, de forma igualitária, a todos componentes da orquestra, do piano ao prato, como o maestro de ouvido apurado que consegue, com clareza, ouvir a todos os instrumentos, em curto espaço de tempo, em um segundo talvez, para formar horas de verdadeiro deleite e harmonia musical para nossas vidas...

Temos que, não fazer o leão (ou seria a leoa?) ir dormir com fome, mas tentar mudar seu cardápio, por exemplo...

Vai uma alfacinha com agrotóxico aí, senhor leão...?

Sim! Sim! Aceito! Aceito!

Um segundo, por favor, vou apanhar o prato...

Paulo Tárcio Martins

AMOR ESTRANHO AMOR

Às vezes me ponho a pensar,
Como eu consigo ser assim:
Será que alguém gosta de mim?
Ou será só eu que vivo a amar?
As pessoas que me rodeiam.

De vez em quando eu me acho diferente,
Meu jeito de ser, meu comportamento...
Até quando será que eu aguento?
Brincando de ser E.T., não sendo gente.
Será que elas entenderão?

Mas uma coisa eu posso afirmar:
É amor sincero o que eu sinto.
É verdade! Sobre amor eu não minto,
Não sei fingir, não sei negar...
Esse amor estranho amor...

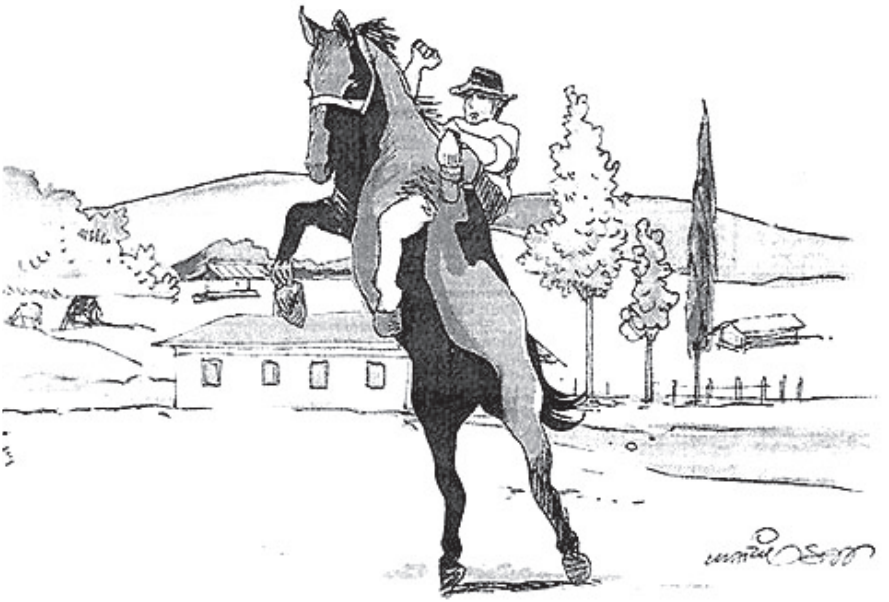
Que amor é esse? Que não pede retorno.
Que sentimento é esse? Que não reivindica.
E o meu viver? Como é que fica?
Nem frio, nem quente e nem morno?
Será preciso muita compreensão...

Mas, enfim, amor é amor! E é bom,
De dar, de sentir, de praticar, de fazer...
E eu faço o que posso o que devo ser,
Amante estranho, diferente, sem cor e sem som.
Mas um dia eu vou vencer,
Esta grande solidão.

Paulo Tárcio Martins

CANARINHO, O CAVALO VELHACO.

Edmo Nunes.



Ninguém gosta mais de um causo ou de uma mentira bem contada do que criança. Falo criança de antigamente, porque as de hoje gostam mesmo é de computador, internet e videogame. Lembro-me que perto da fazenda do meu tio Florêncio morava uma família composta da viúva, muitas moças e um rapaz de nome Osias. Ele era a diversão da meninada, contando os causos mais absurdos. Inventava, floreava, dava uma roupagem especial para cada história e ia assim fazendo a alegria dos ouvintes. Mas o que interessava mesmo é que todos gostavam, fosse criança ou adulto. Era o Osias chegar e logo era rodeado pelos meninos com o pedido de "conta um", "conta outra"! E ele, fazendo-se de difícil, alegava que não sabia causo nenhum, que esquecera tudo.

Osias gostava demais de fazer um drama. Depois, pouco a pouco, ia-se soltando, fazia uma horinha como se tivesse buscando na memória e, por fim, contava um. A gente sabia que era mentira, mas não estávamos nem aí! O bom mesmo era ouvi-lo narrar uma trapalhada com a maior cara de pau, e, assim, todas as vezes que ele aparecia, fazia-se logo o ajuntamento ao seu redor.

Canarinho era um cavalo pertencente à Dona Telina, mãe de Osias. Sua fama, conhecida em toda a região, era a de cavalo mais velhaco da redondeza. Era voz geral na vizinhança que não havia outro igual. Ninguém conseguia pegá-lo nem levá-lo ao curral, mesmo montado em outro animal e Osias tinha uma raiva tremenda dele porque, não o montava nunca. Mesmo numa grande precisão, mesmo estando o cavalo ali pertinho, à vista, era impossível. Somente a proprietária, Dona Telina, é que conseguia encabrestá-lo. Saía ela com uma espiga de milho e, quando o localizava, ia chamando-o pelo nome, mostrando a espiga, descascando-a e o cavalinho vinha chegando mansamente para comer o milho. Aí ela podia colocar o cabresto que ele não se importava. Era assim a vida do cavalo, trabalhar somente para sua dona, para mais ninguém. E tinha mais! Se Dona Telina ficasse sabendo que alguém tinha montado o cavalo era briga na certa.

– O cavalo é meu. Se oceis quisé andá, anda no doceis.

Assim, com a proteção de Dona Telina, o cavalo vivia sempre gordo, viçoso, cada dia mais velhaco, mas Osias e suas irmãs vinham jurando que um dia o pegariam para descontar toda a raiva que tinham dele. Não perdia por esperar. O que estava faltando era mesmo uma oportunidade. Mais cedo ou mais tarde, tinham fé, apareceria uma maneira de realizar a vingança. Enquanto isto, Canarinho ia vivendo num "bem bom".

Uma tarde avistamos, lá na curva da estrada, um cavaleiro e, ao chegar mais perto, identificamos que era o Osias. Ele costumava fazer um passeio todas as tardes, logo depois do serviço diário. Chegou, apeou e andou meio manco, mostrando certa dificuldade de locomoção, reclamando de dores nas costelas, mas nós não demos importância e já fomos pedindo: "conta um causo Osias!".

– Num tô bão, tomei um tombo danado de grande.

– Que tombo? O que foi? Alguém perguntou.

– Eu ando muito enfezado com o Canarinho. Num há de vê que inda ontem vinha vindo do serviço onde tava rachando madeira, era umas duas horas das tarde e o sol tava pegando fogo. Vinha descuidado quando vi o Canarinho dormino na sombra debaixo de uma árvore. Tava lá forgado. Pensei! Ocê hoje me paga cavalo danado, minha mãe num tá aqui pra te acudi. Fui chegando devagarzinho, pé por pé, e ele dormino sucegado! Cheguei bem de mansinho e montei nele sem cabresto, sem nada, segurei bem na crina, bati cos carcanhá na viria dêle e gritei: conheceu Canarinho! Num falei que um dia eu te pegava? O cavalo acordô e saiu em disparada pela capoeira, passano em moita de espinho, debaixo de pau, enroscando em cipó até que num teve jeito, caí de costa. Machuquei muito tô manco até agora.

É. Se a vingança é um prato que se come frio, pelo visto este ainda estava bem quente. Osias que o diga!

Edmo Nunes é bancário aposentado.

VIDAS PERDIDAS

Bariari Ortencio.

"Vidas Perdidas" livro de Edmo Nunes, é o próprio retrato do sertão, descrição da labuta sertaneja, de uma família com todos os "prazeres" e dificuldades. Sem estradas, sem noticias, pessoas decididas, falta de braços para os serviços mais urgentes, também encomendas de mortes, enfim, a vida rude e custosa sertaneja.

Neste livro há muitas surpresas, Estórias de várias gerações. A sina de uma família que seria de paz, mas com filhos pendentes para o crime, resultando tragédias, assassinatos e vinganças... Personagens condizentes, não sobram nem faltam. Cada um com os seus afazeres. A formação de uma família de inicio ao fim.

O autor, muito culto, dá nomes aos bois, pois tem conhecimento completo de tudo que aconteceu e ainda acontece na roça e nas pequenas cidades.

Dina, filha do velho Olegar, decidida, mulher-homem, cabeça e braços para toda obra, seja na roça, carpindo, plantando, colhendo ou nas lidas da casa humilde com quatro crianças mal alimentadas e farrapentas.

Leitura recomendada para quem nasceu conviveu ou viveu em fazendas antigas, ainda sobre o comando de pessoas com tendência de velhos coronéis... "mandou tá mandado!"

A tecnologia com as suas poderosas máquinas, principalmente as colhedeiras, enviaram os rurais para incharem as metrópoles e principais cidades, procurando melhores meios de vida. Por outro lado, os jovens deixando seus lares sertanejos para frequentarem os estabelecimentos de ensino contribuíram para que os autores e cantores de raízes sertanejas fizessem surgir o "sertanejo universitário", com outros falares, mudando a temática sertaneja pelo convívio com os colegas citadinhos.

O leitor também ficará, tenho certeza, torcendo para os personagens, como a sentida morte do Manoelão, segundo pretendente à mão de Dina, a infeliz analfabeta, também em caso de relacionamento amoroso.

Como sempre digo, não basta apenas elogiar o livro e seu autor, mas transcrever alguns textos para o leitor "tomar pé" do conteúdo:

Quem casa, quer casa. "Assim que se casou com o malfadado violeiro folgadão Chico Viola, foi preparada a mudança para uma pequena área separada na fazenda. Quando foi marcado o dia da mudança de Dina, ela começou a ter consciência de que não dispunha de nada. Umas roupinhas de vestir muito pobres, nenhuma roupa de cama, meia dúzia de galinhas e um cachorro, seu companheiro inseparável. Mas seu Olegar era bom pai. Encostou o carro de boi, foi fazendo a carga e dando ordens para a filha. Leve aquela cama, não vai me fazer falta. Uma mesa, pelo menos duas cadeiras e um pilão. Assim colocou no carro tudo o que achou de primeira necessidade para a filha, inclusive cinco sacos de arroz em casca, uma lata de banha, sal e tudo o que ela fosse precisar para alguns meses. Ainda, algumas panelas. E não se esqueceu de colocar no carro um pouco de arame farpado para cercar um pedaço de chão para prender o cavalo de Chico."

O plano para livrar-se do marido Chico Viola – Chico Viola desaparecia, pagodeando, cantando e só dava "as caras" depois de muitos meses, sem trazer dinheiro e deixando a pobre infeliz "esposa" com mais um filho no bucho. O plano estava sendo colocado em prática. Durante vinte e um dias ela levou o machado à pedra para amolá-lo. Passou a ser uma obstinação, queria a ferramenta, tradicionalmente muito grossa, com corte de navalha... Do mesmo modo, com afinco de sempre, tratou de preparar a cova. Fez a medida do comprimento, da altura e largura de modo que acomodasse bem o corpo e todos os pertences de Chico, tais como o arreio, viola roupas... Tudo muito bem pensado para quando chegasse o momento não houvesse impedimento algum. Lembrava-se todo momento das últimas palavras de seu pai. "A gente deve fazer de tudo para não chegar num ponto sem volta, mas se chegar à coisa tem de ser feita direitinho de modo a não deixar rastros."

O insepulto – A morte do patriarca da família - "Acontecera com a morte do pai do seu Olegar. Já velho cansado das lidas rurais, entretanto

ainda gozava de boa saúde, apesar de todo sofrimento pela labuta diária. Nascera e vivera numa época de nenhuma tecnologia, de nenhum meio de transporte que não fosse animal, de todas as dificuldades de locomoção por falta de estradas e em tempo que nem mesmo balsa havia no Rio Paranaíba para sua travessia. Com as enchentes, passava a maior parte do ano isolado, havendo somente uma saída. Era para coqueiros, única cidade onde podia-se fazer as compras e muito raramente procurar um médico de farmácia. Nem estradas havia ainda para a cidade, eram somente trilhas nas matas fechadas. Nunca se gabou, mas todos sabiam que foi também pela força da carabina que sobrevivera naquele mundo de capangas, onde se matava por qualquer motivo. Sempre prevalecia a lei do mais forte e também do mais esperto, daquele que sabia, por antecipação, descobrir seu inimigo oculto. Uma troca de olhares para a mulher do outro, um gracejo para a filha solteira, qualquer ato assim terminava em tiro e morte. Foi nesta situação que seu Jerê criou a família constituída pelo seu Olegar e mais dois irmãos que morreram ainda na juventude. Sua preocupação era de dar menos trabalho à família o que o levou a construir seu próprio caixão. "Meu caixão está pronto e guardado, não quero mais despesas com meu enterro". Não preciso de roupa nova e nem boina de loja" Quando morreu, devido a um aguaceiro próprio do tempo das águas, o seu corpo não teve condições de ser enterrado no cemitério e sim no casarão abandonado ao lado, onde se guardavam arreatas, cangas e mais despejos. Por isso o casarão passou a ser assombrado e um bisneto de seu Jerê pediu: "Quando eu morrer não quero ser enterrado no casarão onde está meu bisavô, que ficou assombrado". Era ou ainda é frutos daqueles tempos.

Vamos ficando por aqui, que há grandes surpresas neste livro, do começo ao final.

Finalmente, o autor - "Muito obrigado pelos elogios, fiquei deveras emocionado. As palavras lisonjeiras vindas de um mestre como você são muito importantes para quem está começando. Sou bancário aposentado, somente depois de "vestir o pijama" foi que me dediquei à literatura. Amante da leitura, leio tudo que me cai nas mãos, fui bastante incentivado pela esposa e uma filha e daí, criando coragem, escrevi o primeiro livro "Destino de um Criminoso". Muito ligado à zona rural , tenho total predileção pelo

tema, o que me ensejou escrever também "Mulheres do Pecado" e "Últimas Bodas", sempre ligado ao cotidiano do campo. De pouca escolaridade – cursei somente a quarta série ginasial, hoje oitava série – não me deixei abater. Sempre com uma gramática por perto, estou no meu quarto trabalho que espero seja do agrado de meus leitores. Tenho a grande honra de pertencer à Academia Morrinhense de Letras, cidade onde a cultura é um expoente. Dos autores que mais me prendem, destaco Bariani Ortencio, Jorge Amado, Bernardo Elis e Mário Palmério, dos quais posso dizer, sem medo de errar, já li tudo".

Vamos aguardar o lançamento deste retrato sertanejo, livro que vem ressuscitar o gênero regionalismo que, infelizmente, anda esquecido.

Macktub!

(Bariani Ortencio – barianiortencio@uol.com.br)

CASA DA AMIZADE UM OLHAR HUMANO PARA SERVIR

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

Desde a fundação de Rotary em 1905, as mulheres desempenharam um papel importante, pois formavam comitês temporários para organizar os eventos, com dedicação de uma boa esposa deixava tudo muito organizado e de muito bom gosto para os jantares, com toalhas, talheres e louças bonitas e o espaço ornado com flores naturais deixando o ambiente muito agradável e alegre, a fim de que seus esposos pudessem usufruir de companheirismo e amizade em suas reuniões. As esposas dos rotarianos não eram sequer convidadas para as reuniões festivas, mas faziam tudo com muita amor. Elas não participavam das decisões rotárias, mas conheciam a dedicação de seus esposos. O primeiro Projeto de Rotary foi à construção de um banheiro público na cidade de Chicago; com essa obra, os rotarianos descobriram o potencial de servir. O segundo passo foi construir creches. Assim que a construção das creches foi concluída, as esposas de rotarianos incluíram as creches em suas visitas assistenciais, pois já faziam em hospitais doando roupas e levando carinho e conforto a quem necessitava. As esposas dos rotarianos procuraram conhecer Rotary. Amavam o Rotary, pois conheciam os objetivos e sabiam que o ideal de cada Rotariano era o SERVIR. Jean Thompson, esposa de Paul Harris dedicou sua vida a acompanhar o esposo pelo mundo, abdicou de construir uma família com muitos filhos, pois o ideal do casal era cuidar da humanidade. Em 1914, a participação da mulher ganhou espaço no meio rotário, na Convenção Internacional no Texas. As senhoras Ann Brunnier e Ann Gundakerm, esposas de rotarianos estiveram presentes e causou surpresa entre os presentes, pois como já disse as mulheres nunca eram convidadas para nenhum evento. As Annas do Rotary, como foram carinhosamente chamadas, deram um jeitinho especial e ganharam espaço no evento. Após a convenção, começaram com ações na comunidade e incentivaram as esposas a irem às reuniões acompanhando seus esposos. Enquanto os rotarianos se reuniam,

elas, as esposas também começaram a traçar metas e planejar ações filantrópicas e foi criado nos EUA a Sociedade de Damas Rotárias, associação das esposas dos rotarianos daquele país. Em 1923, na cidade de Manchester, Inglaterra, no dia 15 de novembro, foi criado um comitê presidido por Margareth, com 27 esposas de rotarianos e, após, criaram uma associação. Em Janeiro de 1924, reuniram novamente e algumas ações foram planejadas, com alguns patrocínios. Confeccionaram roupas e agasalhos e distribuíram em vários lugares da cidade. Margareth sugeriu a nomenclatura Inner Wheel [roda interna, em português]. Várias outras instituições foram surgindo e expandiram pela Europa. Em 1967,foi criado o órgão INNER WHEEL. Hoje existem 100.000, associadas à Inner Wheel em 101 países. O Rotary foi ganhando espaço no mundo e elas foram adquirindo notoriedade, no Rotary Internacional. Intensificaram as confecções de agasalhos, meias, mantas e enxovais para recém-nascidos e visitavam creches, asilos e hospitais, distribuindo roupas às pessoas que necessitavam. Distribuíam também mantimentos. Nos Estados Unidos, as esposas de Rotarianos ou voluntárias que se associam, fazem parte das INNER WHEEL. O emblema delas são duas rodas rotarias, uma dentro da outra. Em 1936, o Brasil conheceu o casal Paul Harris, Eles foram recebidos pelo governador Getúlio Vargas, no Palácio Rio Negro em Petrópolis. Jean Thompson, foi a única presença feminina na comitiva formada exclusivamente por rotarianos e políticos, sequer uma outra presença feminina foi notada neste evento histórico para o mundo Rotário e Político do Brasil. A verdade é que a mulher nunca esteve ausente de Rotary; prova disso vemos na figura de Jean ao lado do seus esposo, sendo conselheira, companheira. Deu exemplos a nós que precisamos ser presença no meio rotário, que nós desenvolvemos e executamos muitas tarefas rotárias, em nosso caminho. Muitos foram os trabalhos executados pelos rotarianos que foram sugeridos por Jean. Em 1938, a querida e saudosa Violeta Loureiro, esposa do Rotariano Alencar de Carvalho, Presidente do Rotary Clube de Bauru, convidou umas amigas esposas de rotarianos para reunião em sua casa e acompanhadas de uma boa conversava regada na amizade e com um bom café, decidiram que reuniriam uma vez por semana, para desenvolver o companheirismo e amizade. As reuniões eram alegres, festivas e informais na residência de

Violeta. Decidiram que, com essas reuniões, as amizades foram estreitadas e nasceu um desejo de fazer algo em prol das pessoas de baixa renda, proporcionando às crianças agasalho, pão e leite. As senhoras, esposas de Rotarianos, resolveram que ajudariam o lactário, o dispensário, existentes na cidade de Bauru. Esses ajudavam as famílias carentes. A ideia brilhante de Violeta, cresceu e tornou- se

A Associação de Senhoras de Rotarianos. Em 1940, as esposas dos Rotarianos do Rotary clube de Santos, incentivadas pelas senhoras de Rotarianos de Bauru, fundaram o Club da Damas do Rotary Clube de Santos, para realizar trabalhos filantrópicos, os quais tiveram grande aceitação pela população daquela cidade. A associação surgiu do sentimento do povo latino-americano, e a nomenclatura Casa da Amizade, surgiu em 1948, quando aconteceu a 65ª Convenção de Rotary Internacional, na Cidade do Rio de Janeiro. Na convenção, as senhoras Nair valente e Susie Fernandes, preocupadas com as esposas dos rotarianos, que acompanhariam seus esposos ao grande evento rotário, decidiram criar um espaço com o seguinte nome "Friendship house", que traduzido, quer dizer "Casa da Amizade". Assim, poderiam confraternizar, trocar experiências e uma boa roda de conversa envolveu aquele ambiente tão acolhedor, e criaram laços de amizade por todo o mundo. A instituição composta pelas esposas de Rotarianos está presente em mais de 50 países, com várias denominações, Casa da Amizade, Associação de Senhoras de Rotarianos; Inner Wheel; Asociaciones de Esposas de los Rotarios; Comités de Damas de Rotary; Asociación Damas del Rotary Club de Buenos Aires. No Brasi,l temos 38 Distritos e somam-se 18000 instituições compostas por esposas de Rotarianos, e em cada distrito, a associação das senhoras recebem um nome: Casa da Amizade, Associação de Senhoras de Rotarianos ou outras denominações correlatas; é uma entidade formada por esposas de rotarianos, senhoras e senhoritas da comunidade, compostas por Sócias **Efetivas** – Constituídas por esposas ou viúvas de rotarianos do Rotary; **Cooperadoras** – Constituídas por senhoras e senhoritas que têm relação de parentesco com sócias efetivas, com rotarianos e ainda aquelas que a diretoria resolver admitir nesta categoria; **Honorárias** – Constituídas por senhoras e senhoritas que tenham prestado serviços relevantes no campo filantrópico, ou ainda por ter contribuído

para ações de Rotary e da "Casa da Amizade; **Beneméritas-** Constituídas por pessoas que em virtude de donativos ou colaboração relevantes forem julgadas merecedoras. Possuem emblemas, bandeiras, estatuto próprio, regimento interno, autonomia e programas próprios, com vida totalmente independente. Em dezembro de 1969, o Presidente Médici sancionou a lei federal denominando que as associações de senhoras de Rotarianos é uma entidade civil, considerada de utilidade pública, pela lei n 5.575. A participação é voluntária, não tendo nenhum vínculo jurídico com Rotary. No Distrito 4770, composto pelos Estados de Mato Grosso, Sul e Sudoeste Goiano e Triângulo Mineiro, a Associação de Senhoras, recebem o nome de Casa da Amizade. Alguns Distritos possuem as duas nomenclaturas Casa da Amizade e Associação de Senhora de Rotarianos. Em 1953, surgiram as primeiras Casas da Amizade do Distrito 4770, sendo Casa da Amizade de Uberaba e Casa da Amizade de Goiânia, mulheres abnegadas, com forte desejo de servir, foram inspirando outras esposas de rotarianos a criarem suas associações. Em 1954, nasceu Tupaciguara, 1957 Araxá, 1958 Frutal, 1959 Araguari, 1960 Morrinhos, 1961 Itumbiara. Muitas foram as ações e o entusiasmo que regiam essas mulheres. Que sem nenhuma estrutura física, e sem reconhecimento, dispuseram a quebrar todos os paradigmas, de que o trabalho em equipe não seria exclusivamente de rotarianos. Temos registro de companheiras que tem mais de 60 anos que pertencem à Casa da Amizade. Mais de meio século a serviço do bem ao próximo! Nossa presença, às vezes, não é notada, mas nossa ausência sentida pela comunidade onde atuamos. Em Morrinhos, as Casas da Amizade fazem histórias desde quando foram fundadas. Desde 1992, o cargo de Gestora Social do município é ocupado por sócias efetivas da Casa da Amizade. Fizeram história desenvolvendo trabalhos humanitários que faz que o indivíduo se torne cidadão de bem. Fizeram a semeadura, aguardamos a colheita que por certo trará bons frutos. Essas companheiras, assim como seus esposos, aplicam o Servir. Em vários conselhos municipais temos representantes, somos convidadas para muitas ações que envolvem a filantropia e assistência social em muitos segmentos da comunidade. Embora sejam merecedoras de elogios e incentivos em nossos desempenho nas filantropias e na assistência social, nossas Ações não podem ser endossadas pelo RI. Em

2010, na reunião do Conselho de Legislação de Rotary Internacional, o Governador do Distrito 4660, Miguel Schmitt, propôs para que todas as Casas e Associações de Senhoras pelo mundo fossem admitidas pelo Rotary, reunindo em uma mesma chancela as entidades latino-americanas, europeias e dos demais continentes. Várias foram as pessoas que nos apoiaram, mas perdemos no plenário. O mais interessante é que no Distrito 4770, temos algumas presenças masculinas nesse universo de Casas da Amizade, são esposos e filho de companheiras que despertaram o lado filantrópico e assistencial que envolvem as Casas da Amizade. Para nós é motivo de muita alegria por sabermos que fazemos algo que desperta interesse e que os homens sentem o desejo de servir juntamente conosco. As companheiras das Casas da Amizade, além dos trabalhos filantrópicos têm a responsabilidade de organizar toda parte festiva dos jantares das reuniões, seja ela ordinária, extraordinária ou festiva. O maior companheirismo rotário é proporcionado pelas companheiras da Casa da Amizade. Parabéns a todas que fazem parte do mundo Rosa que compreende as ações de Rotary!

BAZAR DA AMIZADE NASCEU DO DESEJO DE SERVIR

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

As esposas dos Rotarianos sempre prontas a servir, apoiam seus esposos nas ações humanitárias no mundo, com o ideal de Rotary, que é servir! Nossa cidade compõe o Distrito Rotário 4770, que envolve os Estados de Goiás, Mato Grosso e Triângulo Mineiro. No Brasi,l existem 38 Distritos que é administrado por um Governador indicado ou eleito pelo Conselho de Governadores de cada Zona e Distrito. O ano rotário inicia em 01 julho do ano corrente e termina no dia 30 de junho do ano seguinte. Muitas são as tarefas e metas de um governador de acordo com o planejamento de Rotary no mundo que é administrado pelo Presidente Internacional. Quando se inicia o ano Rotário, o Governador faz suas visitas aos clubes

acompanhado de seu cônjuge. Ela recebia o nome de Governatriz ou simplesmente de esposa do Governador. As esposas inspiraram-se em Jean Thompson, esposa do fundador de Rotary Paul Harris, que não media esforços para acompanhar seu esposo e colaborar com as ações de servir. No Distrito 4770, as esposas dos Rotarianos participam de uma Associação com o nome **Casa da Amizade.** O Governador era auxiliado pelo representante de área. Em 1997, na governança de Getúlio Lima, criou-se a figura de Governador Assistente e, consequentemente, a Coordenadora Assistente, pois havia instituído que a esposa do Governador seria a Coordenadora das Casas da Amizade. Pois bem, voltando ao Ano de 1992, o governador Distrital Ursulino Leão e Esposa do Governador Gislene-D. Lena, Rotary Clube Goiânia, com o Lema Rotário – **"Olhe mais além de si mesmo",** e foi isto que eles fizeram, olharam para o futuro. Iniciaram as viagens de visitas às casas rotárias pelo Distrito. D. Lena esposa dedicada, companheira de primeira hora, estava ali, ao lado do governador. A esposa do Governador era recebida com muito entusiasmo e carinho em todas as Casas da Amizade que já praticavam a Arte de Servir nos municípios que evolviam o Distrito 4770, através de filantropias e assistências sociais. D. Lena, muito observadora, percebia que onde as mulheres esposas eram mais atuantes as reuniões eram mais movimentas com número elevados de rotarianos. Visitou a Casa da Amizade de Itumbiara umas das pioneiras do Distrito em agosto de 1991, foi recebida, pelas companheiras, com muita alegria e carinho, pois afinal receber a esposa do Governador sempre foi motivo de festa. D. Lena falou de como seria o trabalho para o ano, e que gostaria de contar com o apoio de todas. A **III Conferência Distrital** aconteceria em maio de 1992 na Pousada do Rio Quente, e para que houvesse uma festa bonita, todas as companheiras precisavam participar, e pediu a todas que doassem duas prendas, por companheiras, para a uma Feira de Artesanatos, que aconteceria paralela à Conferência Distrital, proporcionando a todos os momentos de descontração e entrosamento e aquisição de lindas peças de artesanatos oferecidas pelas companheiras de todas as Casas da Amizade. D. Lena pediu às companheiras que incentivassem os maridos a participarem das reuniões e eventos rotários, pois assim, com o incentivo de cada companheira, a presença de rotarianos seria garantida e o evento um

sucesso. Cada visita um aprendizado novo. A esposa do Governador era revigorada a cada dia com tamanha era a vontade de cada casa em servir. D. Lena deixava um pouco de si e levava um pouco de cada uma. E na arte de servir criaram laços profícuos que o tempo jamais apagou. Nos clubes que não existiam a Casa da Amizade, ela fazia o mesmo pedido às esposas dos rotarianos para que incentivassem a participação deles nos eventos de Rotary. Antes do desmembramento do Distrito, final da década de 80, início de 90, aconteciam as conferências e encontros das companheiras. Era de responsabilidade da anfitriã, que preparava uma pequena mostra com brindes para que as companheiras adquirissem e fizessem a troca de mimos na hora do chá. Portanto, temos registro que a primeira feira de artesanatos, que mais tarde tornou-se Bazar, cujas prendas foram oferecidas por cada companheira aconteceu na III Conferencia Distrital, realizada em maio de 1992, na Pousada do Rio Quente. Em 1993, O casal Governador Galba Gouveia e Iara Gouveia – Rotary Clube Uberlândia - saíram na missão destinada ao Governador do Distrito, visitar os Rotary Club, com o Lema Rotário "**A verdadeira Felicidade está em ajudar o próximo"**. Iara também pedia o incentivo às companheiras, para seus esposos participarem dos eventos rotários. Fazia menção na honrosa participação da mulher em Rotary, tanto como Rotariana (nesta época já havia admissão de mulheres em Rotary) ou como companheira da Casa da Amizade. As duas participações eram benéficas para a Instituição. Orientou as companheiras para a importância da contribuição anual de um dólar por cada companheira para a Fundação Rotária, obedecendo a orientação de RI. Nas visitas, informou que nos dias 13, 14,15 de maio de 1993 aconteceria a **IV Conferência Distrital** em Uberlândia e o **Encontro Distrital das Senhoras de Rotarianos**, com um espaço destinado a elas com o nome de Sala Cultural- Valorização da Mulher de Rotarianos, dando oportunidade para desenvolver o companheirismo e troca de experiência. Algumas palestras foram ministradas neste encontro como Formação Rotária, Fundação Rotária e Papel da Esposa de Rotariano. Cada companheira foi novamente convocada a doar duas prendas, para realizar o BAZAR PAUL HARRIS, nome que recebeu a feira iniciada pela coordenadora Lena. E continuava a proposta, que toda renda do Bazar seria destinada à Fundação Rotária. Trabalho de

muito êxito pelas companheiras da Casa da Amizade. E, para a **V Conferencia Distrital**, Lema Rotário "**Acredite no que faz. Faça aquilo em que acredita"** coordenada pelo Casal Governador Joanildo e Maria José Rotary Club Goiânia Oeste, realizada em maio de 1994, na Pousada do Rio Quente, continuava com as doações das prendas sendo duas por cada companheira, com espaço destinado ao **Encontro Distrital das Senhoras de Rotarianos**, com palestras especificas e as esposas de Rotarianos disfrutaram de momentos agradáveis e de muita emoção, quando puderam conhecer melhor as companheiras. Com isso, muitas amizades sinceras foram cultivadas e que até hoje são perpetuadas ao longo dos anos. E, para a surpresa de todas, nasceu **Bazar da Amizade**. E, nos anos seguintes, todas as coordenadoras realizaram sua missão de visitar cada Casa da Amizade, conhecendo a realidade de cada uma e levando a mensagem **Dar de Si Antes de Pensar em Si, e Mais *se Beneficia* Quem *Melhor* Serve.** Muitas das coordenadoras não se encontram em nosso meio, outras ainda ativas colaborando com o ideal de servir, em que todas fizeram história dentro da Coordenadoria Distrital. Temos um enorme sentimento de Gratidão por todas as coordenadoras. O tempo foi passando e continuamos a colaborar com a Paz Mundial. O Bazar da Amizade continuava forte, dinâmico, com lindas peças de artesanatos muitas confeccionadas pelas próprias companheiras, que fazem oficinas de artesanatos toda a semana e que valorizam mais ainda a participação de todas. Os encontros das companheiras, momento de reencontrar, fazer novas amizades. O chá da Amizade, com os peculiares temas, escolhidos com muito carinho é o mais esperado, pois o companheirismo se faz presente transformando o momento em estado de Graça, do dever cumprido. O Casal Governador Silvio e Lúcia, gestão 2017/2018, Rotary Club Morrinhos Cidade dos Pomares, saíram na árdua missão que lhes foi confiada - dirigir os destinos do Distrito 4770 com o Lema **"Rotary Faz a Diferença". V**isitaram cada Clube levando a proposta de Ser a Diferença. A coordenadora Lúci,a em cada visita realizada, deparava com uma Casa da Amizade forte, participativa com muitas histórias e serviços prestados na comunidade. Casas da Amizade com mais de 60 anos SENDO A DIFERENÇA. Em cada visita, reafirmava o compromisso de anos anteriores e que o sucesso de uma conferência dependia da participação de todos, e nós

mulheres fazíamos a diferença com nossa presença incentivando nossos esposos a participarem. E, neste ano Rotário, a XXIX Conferência, terá o nome "Luz da Diferença". Convidava a todas para colaborar com o Bazar da Amizade com a doação duas prendas por todas as companheiras, continuando a tradição de tantos anos. Através do olhar de D. Lena Além de si Mesmo e de Iara que percebeu que a verdadeira Felicidade estava em ajudar ao próximo, Maria José acreditou no que fazia, e fez aquilo que acreditava. Lúcia, somando tudo que foi proposto por todas suas antecessoras, foi a Diferença, em um universo de tantas ações, que realizou e proporcionou a realização, com projetos de subsídios que mudou a vida de muitas pessoas, nos estados de Mato Grosso, Sul e Sudoeste de Goiás e Triângulo Mineiro, que fazem parte do Distrito 4770. E, assim, continuará em todos os anos o desejo que o Bazar da Amizade, realizado nas Conferências, seja um sucesso com o apoio de todas as companheiras que compõem as Casas da Amizade! Deixo aqui meu abraço fraterno a cada uma de vocês que compõem as Casas da Amizade e dizer que todas são importantes para as ações rotarias no Distrito! Vocês são especiais! Paz e Bem!

KARL MARX

Suas Contribuições e Influência na Atualidade

Por Álvaro de Toledo e Silva.

O antissemitismo no século XXI e suas raízes

A bibliografia histórica presente nas escolas e faculdades atuais, geralmente não mencionam o fato de o antissemitismo ter sido uma criação muito antiga; este ódio não surgiu em meados da Segunda Guerra Mundial e do temperamento irracional de Hitler e sua ideologia nefasta.

Por incrível que pareça, um dos primeiros precursores do antissemitismo foi o "judeu" Karl Marx, conhecido popularmente pelos seus estudos socialistas e a criação do comunismo científico. Todavia, a sua história no passado é pouco conhecida, ele chegou a escrever um livro intitulado "Sobre a Questão Judaica", publicado em 1844.

Apesar de o filósofo carregar a origem semita, Karl Marx desprezava a sua fé, Ele preferiu seguir o ateísmo e desacreditar em qualquer espécie de culto religioso, verdades absolutas e divindades; o maior exemplo disto é o fato da sua ideologia ter perseguido cristãos, budistas, xintoístas e muçulmanos no mundo inteiro. Karl Marx disse que o povo judeu era

ganancioso, passavam o tempo todo endeusando as moedas e cultuavam a luxúria do Bezerro de Ouro.

Usarei os textos do autor para viabilizar a sua visão antissemita:

"Qual é a religião mundana do judeu? Huckstering. Qual é o seu Deus mundano? Dinheiro. […] O dinheiro é o deus ciumento de Israel, diante do qual nenhum outro deus pode existir".

"O dinheiro degrada todos os deuses do homem – e os transforma em mercadoria. […] A cédula de dinheiro é o verdadeiro deus dos judeus. Seu deus é apenas uma moeda ilusória. […] A nacionalidade quimérica do judeu é a de um comerciante, um homem do dinheiro no geral".

"Em última análise, a emancipação dos judeus é a libertação da humanidade do judaísmo" (Qual seria a melhor interpretação desta frase? A de que o Karl Marx queria que o povo judeu abandonasse a sua fé ou eliminar o povo judeu – usando a força – da Terra?).

(Capa do livro feita pela editora Bomtempo)

Vale a pena frisar a construção do mito da Dominação Mundial Judaica impulsionado em meados do século XX; esse mito foi extremamente importante para o massacre do Holocausto (feito por nazistas) e as políticas Antissionista (feita pela URSS).

A monarquia russa de Nicolau II (membro da família Romanov) acreditava piamente nas maquinações maquiavélicas do povo judeu. Nicolau II criou campos de concentração para punir judeus suspeitos de golpear e sabotar a Rússia; o Rei usou como fundamento o pequeno livro "Os Protocolos dos Sábios de Sião", uma das maiores farsas da humanidade.

Esses protocolos são baseados em duas obras de ficção com conteúdo antissemita; a primeira obra é o "Diálogo no Inferno" entre Maquiavel e Montesquieu e o romance "No Cemitério de Praga", escrito por Biarritz. Ambas as obras criam um tema sombrio, ilustrando o povo judeu como os Donos do Mundo, controladores de uma sociedade secreta oligárquica, interessados em acabar com as soberanias nacionais, criar bancos centrais, prostituir o nível da arte, corromper a juventude e sobrecarregar o mundo com taxas de juros.

Leia algumas citações da edição brasileira do livro "Os Protocolos dos Sábios de Sião"; desta maneira, fica mais fácil compreender como funcionava o pânico antissemita do século XX:

"A imprensa nos será uma boa ferramenta para oferecer aos homens, tantas opiniões diferentes que eles perderão qualquer visão global e se perderão no labirinto das informações. [...]

[...] Assim, eles chegarão à conclusão que o melhor é não ter opinião (política)."

"Vemos, na economia mundial, que se defrontam, não só a oferta e a procura paralisadas, sem esperança de se tornarem a equilibrar; mas também, dum lado, os camponeses empobrecidos, incapazes de adquirir objetos manufaturados, máquinas e utensílios; do outro, as massas operárias tão empobrecidas que não podem mais satisfazer suas necessidades indiretas de matérias primas. Tanto menos o camponês compra trabalho quanto mais a produção da indústria diminui, aumentando o número de fábricas fechadas e de desempregados, e os operários compram em menor quantidade de pão ao camponês. E o ciclo recomeça... O sistema está num beco sem saída. Os depósitos, as salas das fábricas sem vida, os exércitos de desempregados crescerão ainda, incharão e chegaremos à morte pelo congelamento da economia mundial...".

"Dum ponto de vista elevado, pode-se, com justiça, falar da judaização das sociedades contemporâneas e da cultura moderna. Estamos dominados por princípios ético-econômicos saídos do judaísmo, e o espírito de revolta que agita o mundo o inclinará ainda a se enterrar mais nesse sentido."

(Edição brasileira do livro
traduzida por Gustavo Barroso)

Antes de a Segunda Guerra Mundial começar, Hitler e Stalin nutriam o ódio antissemita; Hitler usou a Gestapo para sequestrar e enjaular judeus, Stalin ordenou a morte de Trotsky e condenou a IV-Internacional. Além desse fato, houve o pacto secreto nomeado "Pacto Ribbentrop-Molotov" feito entre a Alemanha e a URSS, destinado a fazer uma troca de materiais bélicos, minérios, instrumentos de tortura e alimentos; a imprensa da URSS alardeou o mito do Complô dos Médios Judeus dentro da Nomenclatura soviética, dizendo que agentes americanos e sionistas tinham assassinado membros do Partido Comunista. Todavia, o processo foi arquivado após a morte do ditador Stalin, devido à ausência de provas factuais.

Nos períodos da década de 1964-1982, durante o governo de Brejnev na URSS, ocorreu o movimento judaico "Let My People Go!" (Deixe o meu povo ir!); a reivindicação da causa era pedir a saída dos semitas da URSS e a emigração para o Estado de Israel, pois os judeus queriam obter melhores condições de vida, emprego, educação e saúde, pois eles sofriam um tratamento racista da Rússia. Eram escarnecidos como "parasitas" e "sionistas subversivos". No entanto, os vistos eram negados e a KGB enviava os judeus para prisões na Sibéria.

Anatoli Charanski e Yossif Begun foram dois judeus importantíssimos que sofreram as punições do totalitarismo soviético; Anatoli permaneceu sete anos na prisão e passou cinco anos executando trabalhos forçados. Em 1977, Yossif Begun foi condenado a executar sete anos de trabalhos forçados em um exílio devido à "agitação e propaganda antissoviética" e "violação da regulamentação de passaportes"; esses senhores foram os porta-vozes do movimento de emigração judaica.

(Cartaz da campanha de libertação
do povo judeu)

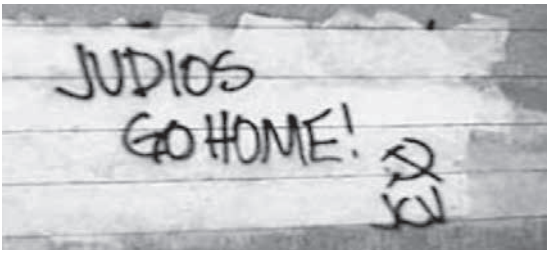
Em 29 de março de 1983, o Kremlin da URSS aprovou a criação do Comitê Antissionista Soviético, reunindo cientistas, escritores, artistas e jornalistas socialistas, dedicados a denunciar a violação de "direitos humanos" dos membros do Movimento de Libertação da Palestina criado em 1959. O Comitê comparou o Estado de Israel com as políticas raciais virulentas do Regime Nazista de Hitler, eis o manifesto do programa:

"Pela sua natureza, o sionismo concentra o ultranacionalismo, chauvinismo e intolerância racial, inventa desculpas para fazer ocupações territoriais, oportunismo militar, valoriza políticas promíscuas e irresponsáveis, demagogia e desvios ideológicos, táticas sujas e desleais".

Um dos períodos mais marcantes da Guerra Fria foi às guerras árabe-israelenses; sabe-se muito bem da presença do agente da KGB Yuri Andropov nesse conflito. A URSS estava apoiando o radicalismo islâmico e queria acabar com a "política sionista" de Israel; Yuri Andropov forneceu armas e equipamentos de defesas para os muçulmanos. Aliás, traduziu cópias do livro "Os Protocolos dos Sábios de Sião" para o idioma árabe; existem documentos russos de 1991 esclarecendo o contato de Yasser Arafat e Mahmoud Abbas com o serviço de inteligência secreto da KGB. O grupo da Palestina aprendeu técnicas de guerrilha e instrução ideológica de milícias soviéticas.

Atualmente, o Movimento de Libertação da Palestina continua persistindo no Oriente-Médio; eles usam pipas incendiárias, armas de fogo e explosivos para ameaçar a integridade territorial de Israel. Neste ano, o presidente dos EUA, Donald Trump, cortou o orçamento desse grupo terrorista, com o intuito de impedir futuros desastres e genocídios. Todavia, o governo russo de Vladimir Putin exerce muita influência negativa nessa questão, pois o Putin e o governo do Irã ajudam a mover ações terroristas da entidade Hezbollah para agredir a segurança de Israel.

Como se não bastasse, temos a colaboração de países latino-americanos neste caudilho islâmico; a Venezuela de Hugo Chávez e Nicolás Maduro foram coniventes com atos de vandalismo antissemitas em sinagogas, caricaturas difamando a cultura hebraica, palestras protegendo o movimento da Palestina, envio de passaportes para terroristas iraquianos e colaboração militar na companhia de autoridade do Irã.



(Ato de vandalismo feito pela
Juventude Comunista Venezuelana)

Por Álvaro de Toledo e Silva (graduando do curso de Bacharelado em Direito pela Unicerrado, Goiatuba - GO).

BIBLIOGRAFIA:

AZAMBUJA, Carlos. A Hidra Vermelha. 2ª Edição. 2016.

GELLATELY, Robert. A Maldição de Stalin. 1ª Edição. 2017.

PACEPA, Ion Mihai. DESINFORMAÇÃO. 1ª Edição. 2015.

BARROSO, Gustavo. Os Protocolos dos Sábios de Sião. 5ª Edição. 1991.

http://genocidewatch.net/2015/01/07/venezuelan-government-accused-of-doing-little-to-curb-anti-semitism/

http://www.conservadorismodobrasil.com.br/2017/07/karl-marx-o-racista.html

https://www.tercalivre.com.br/trump-corta-verba-que-iria-para-palestinos/

https://www.tercalivre.com.br/pipas-incendiarias-obrigam-israel-a-reforcar-bloqueio-da-faixa-de-gaza/

https://www.tercalivre.com.br/como-a-venezuela-vendeu-passaportes-a--terroristas/

https://en.wikipedia.org/wiki/Anti-Zionist_Committee_of_the_Soviet_Public

SEMINÁRIO SÃO JOSÉ DE MORRINHOS

1965… O início! Burburinho juvenil de alegres vocacionados, entusiasmados pelo ideal bertoniano.

2002… A transferência! O vazio! O silêncio invadiu os corredores… Não há mais as vozes que instruíam as mãos que escreviam verdades que não se apagam, orientadores que traçavam nos corações juvenis diretrizes precisas. Onde está o canto de alegria?

Adeus Seminário São José.

Sentimo-nos menores com sua ida!

É grande a saudade ao contemplar o correr inelutável do tempo, onde se teceu com zelo a história religiosa de nossa terra.

Plantaram-se sementes que certamente germinarão.

Florirão em outras plagas…

de

Leni A. Oliveira Meireles

Escrita em 2007 na ocasião do
Jubileu de Vinho do Ginásio Senador

A ROTA

Leni de Andrade Oliveira Meireles

A Rota - Óleo sobre tela de Leni - Franca-SP, 1975.

O local não aparece nos mapas: é mais uma aldeia do que uma ilha.

Céu permanentemente nublado, mar acidentado, atmosfera sombria.

Ali nasceu ela; num domingo qualquer que não foi festejado.

Neste lugar passou a infância, apagada, mas tranquila.

A mesmice a acompanhava. De casa ao trabalho. Trabalho mau visto na casa famosa, perto do Largo da Matriz da cidade.

A Igreja feia e fria não lhe trazia à memória episódios felizes.

A luz vermelha da casa de emoções era um eterno convite ao proibido, mas a garantia de notas preciosas a seduziam.

Corpo bonito, inspirado em pinceladas vigorosas de Van Gogh, sorriso enigmático de Monaliza. Olhando-a não se suspeitava de seus dramas pessoais.

Foram vários a ocupar aqueles lençóis que não sobrou espaço para abrigar o tão sonhado e verdadeiro amor, no aconchego da alcova de seu coração!

Não houve tempo algum nos dias do calendário para acolher um embrião, um feto, um filho!

Tantos amantes! Uns e outros a enumerar… Corpos apenas, sem mais relevantes lembranças. De tudo, sobrou apenas o desejo louco de ter nos braços o seu "menino Jesus".

O MELHOR CARDÁPIO

Leni de Andrade Oliveira Meireles

Na escola era um menino introspectivo. Poucos amigos, não sorria não se emocionava. Seus olhos negros eram perscrutadores, sua fala, monossilábica.

Bem apessoado uniforme impecável. Bonito menino! Bonito menino triste. Bonito menino triste e solitário.

O material didático que levava na mochila era de ótima qualidade, com estampas de super-heróis, que certamente o fazia viajar pelos campos da aventura, cujo acesso só ele tinha, em seus pensamentos e desejos.

Lindos cadernos, levados diariamente, esperando a inauguração das palavras e os contornos das letras.

Não copiava uma matéria, seja vinda do quadro ou da apostila. Seu olhar perdido no tempo, enigmático… Vagava através do nada, absorto em seus pensamentos.

Quando exigido em suas atribuições de aluno, ele escorregava da carteira e ali ficava sentado no chão, sentindo-se protegido entre os quatro pés de metal. Protegido de quê, só ele sabia.

O sinal para o recreio era um marco para que saísse dali. Aí sim, corria para o pátio mais para agredir do que para brincar. Ouvia-se: "Ele bateu, deu rasteira, enforcou, empurrou, cuspiu!".

O embaraço sossegava com o som redentor do sinal anunciando o retorno à sala de aula, onde acontecia diariamente o momento da merenda, muito aguardado por todos.

Os odores, as cores e sabores dos lanches variados, invadiam o ambiente, os espaços das carteiras preenchidos de guloseimas. Descontração geral! Só o garoto impassível abria mecanicamente, sem ânimo, o seu mais do que conhecido lanche diário: iogurte, que se repetia invariável por toda a semana. Com os olhos decepcionados levantava-se num ritual lento e arrastado, e jogava o potinho, imaculado, no lixo, ignorando os clamores dos colegas que pleiteavam a saborosa mistura.

Testemunhando essa situação recorrente, a professora, em conversa particular, pôde desvendar o mistério do jejum: o que ele mais gostaria de ter como lanche? A resposta veio mista num sorriso doce: "Rosca". Rosca da mãe confeiteira, com cheiro de família e gosto de proteção.

OLINA GOSUEN MEIRELES

(1920-2013)

Leni de Andrade Oliveira Meireles

Nascida em Franca, São Paulo, foi uma artista dotada de muitos dons e habilidades. Ministrou aulas de artes por mais de cinquenta anos. Trabalhava cedo, à tarde e à noite, e ainda tinha tempo para os filhos, esposo e casa. Conquistou estabelecimento próprio, a prestigiada Escola de Desenho e Pintura "Santa Mônica".

Com muita alegria, vinha passar dias radiantes com nossa família em Morrinhos, na companhia de seu filho Melchiades, nora Leni e netos Rubens, André, Celina e Paula, merecendo seu carinho. Era uma festa para todos!

Sempre tão elegante, de saltos altos, brincos, e batom, além de seu cheirinho inesquecível de rosas e um colo quente sempre disponível para os pequenos. De bom humor, passeava todas as manhãs com sorriso no rosto, distribuindo bons-dias e conquistando a todos. Trazia flores colhidas pelo caminho para enfeitar e alegrar nossa casa. Mesmo sendo visita, se oferecia para ajudar nos afazeres domésticos e fazia tudo cantando. Declamava poemas inteiros, desenhava cenas do cotidiano: a hora do chá, do bolo. Qualquer motivação virava arte.

Seu temperamento afável e alegre a acompanhou por toda a vida, mas, após sete décadas, o Mal de Alzheimer foi constatado. Mesmo a já instalada doença não lhe tirou a doçura e seu jeito de viver.

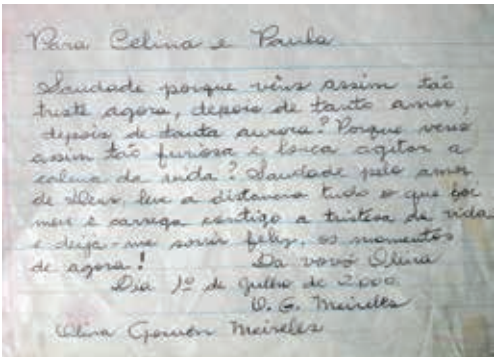
Agora, apesar da saudade, restam as boas recordações e a missão de não deixar faltar a ninguém a lembrança da sua companhia…

A seguir um trecho do poema que gostava de declamar e desenhos que fez na companhia dos netos:

AMOR E SÓ…
(Olegário Mariano)

Você nunca está só. Sempre ao seu lado
Há um pouquinho de mim pairando no ar.
Você bem sabe: o pensamento é alado…
Voa como uma abelha sem parar.

Veja: caiu a tarde transparente.
A luz do dia se esvaiu… Morreu.
Uma sombra alongou-se a seus pés mansamente…
Esta sombra sou eu.



Para Celina e Paula

Saudade porque vêiz assim taõ triste agora, depois de tanto amor, depois de tanta aurora? Porque veuz assim taõ furiosa e louca agitar a calma da vida? Saudade pelo amor de Deus, leva a distância tudo o que taõ meu é carrega castigo a tristeza da vida e deixa-me sorrir feliz, os momentos de agora!

Da vovó Olina

Dia 1º de julho de 2000

V. G. Meireles

Olina Gomes Meireles

DECEPÇÃO COM O PRESENTE DE NATAL

(Xisto Antonio de Oliveira, retirado do Livro 'Minha Vida, Minha Luta, Meu Sucesso')

Toda criança sempre sonha em ganhar presente do Papai Noel no Natal. Eu, por não ser diferente dos outros meninos da minha idade, também esperava ganhar o meu presente. Indagado sobre o que gostaria de ganhar optei por uma sanfoninha, coisa com a qual eu vinha sonhando havia muito tempo. Na véspera do Natal fui dormir e não via chegar a hora de acordar para pegar nos braços aquela esperada sanfoninha e dedilhar seus teclados, tirando dela as mais pela melodias.

Mas, na minha ingenuidade, não fazia ideia das dificuldades financeiras de meus pais, que passavam por uma fase dura, o que tornava impossível eu ganhar aquele presente escolhido. Mesmo assim, para não me magoar, meus pais compraram o presente pedido, mesmo sabendo que não era exatamente aquilo que eu queria. Compraram uma sanfoninha de papelão, medindo 15 centímetros de comprimento por 6 centímetros de largura e 2 centímetros de espessura, contendo dois botões que emitiam dois apitos (fim, fom, fim, fom, fim, fom…). Quando peguei o presente, fiquei decepcionado e, chorando, disse à minha mãe: "O Papai Noel não entendeu qual sanfoninha eu queria ganhar…" Com o coração partido ela procurou me consolar e, enxugando as minhas lágrimas e as dela próprias, procurou justificar o mal-entendido. Nunca maus ganhei presente e Natal, talvez por ter descoberto a verdadeira identidade de quem seria o meu "Papai Noel".

UM FILHO FEITO A TRÊS

(Paula Oliveira Meireles para
Alexandre R. Borges em 02/08/2017)

Desde sempre já amado,
Há tanto esperado.
Por todos era bem-vindo,
E por nós já muito querido.

A espera de um ser
A ansiedade era frequente
Alegria que não cabia
Não podia ser diferente.
Ali dentro de mim crescia,
Num ultrassom realizado,
O resultado foi revelado:
Seria um menino,
Nosso bebê tão esperado.

Era nosso presente,
Tesouro vindo do céu.
Demos nome de anjo
Ao nosso pequeno Miguel.

Hoje tudo é melhor
Depois que ele chegou,
Nosso filho tão amado
Sonho que se realizou.
Diante de tanta bênção,
Cheguei à conclusão
Que nosso filho foi feito a três:
Eu, você e Deus

DIMENSÕES DO EU

Ellen Carneiro Vale

Vejo-me só, rodeada de uma paisagem de solidão, que se estende no ermo de visão ignorada - infinita.

Estou ali parada, de pé, olhar fixo num ponto indefinido do universo.

Nesse perímetro o silêncio é uma força presente.

Solidão é silêncio, é força presente.

Solidão e silêncio, silêncio e solidão.

Meu ser é apenas um dínamo vibrando no desconhecido, num mar de sombras.

Sonhos derramam, sonhos das sombras que me cercam. Sou imaculada nesse além de extrarrealidades "paralelas" – transcendi a razão e os limites do consciente que me amarravam.

Agora sou livre nas obscuras dimensões do inconsciente. Estou arraigada no Eterno, onde não existe a forma.

Meu organismo agora é o próprio sonho do sonhador, que se desdobra em manifestações e explodem no ar, através dos meus dedos e da minha vontade.

As coisas que faço no presente estão ao alcance do agora; para outras mentes, e as minhas realizações energéticas eu as envio para onde quero, com um simples impulso nervoso.

Milhares de pássaros batem asas e voam, num prisma íntimo.

Traçam no ar magníficas ondulações de idas e voltas simétricas, em ritmos preestabelecidos pelo desejo.

Observo-os daqui como se eu fosse um deles, qual eu sou na minha natureza, sem o vulgar dos sentidos.

Todos os meus diálogos são apenas monólogos que o silêncio diz dentro do meu ser... E as ondas que me impregnam o pensamento vêm do mais profundo, do real, em mim, agora e falam comigo...

Vêm do sonho...

Do fantástico...

Dos ermos da fantasia...

E do vento.

Digo as coisas reais para a irrealidade e para a realidade digo apenas coisas irreais.

Falo somente a mim, quando há quietude, e os sons da minha voz são apenas vagas, num mar calmo e abundante...

Águas paradas, espelhos de mil faces, dimensões outras que a consciência registra num imenso disco giratório; milenares vibrações, luzes refletidas a cintilar, indefinidamente, no meu lago mental.

Distendo-me, alma e coração nos braços, e grito ao tempo os "dizeres" que nunca disse.

Nas mãos, desintegro a forma e na essência das coisas traço "formas" com as imagens do "irreal", enquanto do meu rosto grossas gotas de um suor macerado pingam no chão batido, pisado de séculos incertos - terra de homens.

As palavras têm cores que os sons desconhecem, porém, a Verdade tem o som que desconhece a palavra.

Nada digo em termos. Apenas deixo que o vento bafeje o meu rosto e anime o meu ser com o hálito do indizível.

Correnteza leve e suave, porém veemente, me beija a fronte, levando para longe muitas partes de mim.

E, eu, inteira, íntegra na minha condição apenas presencio as levas de um diário enigmático, que a fantasia pinta com as cores do absurdo, e o vento carrega, qual sementes aladas...

O CASULO DO MEU SER

Ellen Carneiro Vale

Minha vida inteira hei de vivê-la
numa bolha de plasma
aura, orvalho,
paredes de sal.

Viverei minha vida
nesta lua diáfana
sob proteção
nesta bolha de ar
transparentes muros
velada de lágrimas
ouvindo os acordes
deste mundo vital.

Deitada na névoa
cercada de véus
sou pura leveza
sou toda mulher.

Cordões de prata
tecem minha alma
envolta de nuvem
nas teias dos céus

Assim viverei nesta bolha de vento
Oceano e luz
levada no sonho
nesta bolha soprada
imaculada, subindo...

Tu és meu quartel
cristal e rocha
Oh, ovo de Akasha!

Célula gemendo
nívea Matriz
meu tudo, meu sol
és centro e és foco
neste espaço de mim.

No ventre da lua
fluí, fecundei
no dorso do tempo
etérea
assim dilatei
lume da vida
semente da raça.

Assim viverei
me convertendo em seiva e nutriz
na bolha efêmera, imaginária
hei de haurir eterna raiz.

Silêncio...
bebendo alento
nesta bolha vítrea...
assim viverei.

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 4 – 2018 – Anual

SEGUNDA PARTE

ESCRITORES MORRINHENSES

O REENCONTRO DA POESIA

Hoje eu te reencontrei;
Tu que és a essência minha,
aquela que em mim se aninha
fazendo a poesia nascer.

Não consigo sorrir harmonias
para depois meus versos tecer,
pois em mim as melodias
só existem em meu sofrer.

Sempre possuí dois lados,
um eufórico e outro calado
que é quando consigo escrever.

Nas noites mais tristonhas,
contemplo as minhas entranhas
conseguindo me entender.

Por Kleuber Eterno.
(13 de Março de 2018)

MOMENTO ÍNTIMO

Sento-me no sofá da sala,
retiro a máscara e a peruca,
qual palhaço, desfaço a farsa
e revejo a nódoa do existencialismo.

Nesse momento me empalideço,
reflito, desabo e enlouqueço.
Nas horas mais negras do dia
Reencontro meu endereço.

Refaço as malas,
nelas coloco as letras.
Empacoto tudo sem ordem para o sujeito.

Tranco a porta e escondo a chave.
Entorpeço-me durante a viagem
e, no fim, encontro o paraíso.

Por Kleuber Eterno.
(21 de Janeiro de 2018)

INSÔNIA

Deitado de bruços,
rolando na cama,
chamando o sono,
contando as perdas e danos.
O sono me pega
e dormindo eu sonho,
acordo assustado,
durmo calado
e o dia já vem.

Um campo minado,
sigo calado,
sempre zangado,
olhos pesados,
humor degolado.

Alguém humorado
conta uma piada,
rio empolgado
e perco o ar até me esgotar.

Chego em casa abatido,
mente ferida,
começo a chorar.

Não sei o meu nome,
nem o que sinto,
de que planeta eu venho,
nem mesmo o que tenho
eu sei decifrar.

Toda semana vou ao divã,
desato a vida,
falo de dores,
choro os amores,
as lutas vencidas,
descubro as feridas que nunca fecharam.

Pago a conta,
compro a alegria,
escondo as chagas,
ando na rua,
me finjo um comum.

Por Kleuber Eterno.
(04 de Fevereiro de 2018)

OBSESSÃO

Quantas vezes eu dormi pensando em você
e à medida que os sonhos chegam
eu insisto em lhe ver.
Amanhece o dia e ele passa tão veloz,
mas, na minha mente, só escuto a sua voz,
O trabalho não é capaz de afastar
o amor que insiste ao meu peito incendiar,
Queima um fogo brando que me agrado em sentir
a sua doce chama a me consumir.
Ando pelos cantos imaginando seu olhar
a encontrar o meu pra depois um beijo eu ganhar.
Passa os anos e eu insisto em a querer.
O amor que sinto é de enlouquecer
mesmo que nunca você vai corresponder,
mas o que interessa é o que sinto por você.
Só seu eu serei.
Amor igual ao meu você não verá,
nem sentirá outro coração assim pulsar.
Por amor eu me afoguei em alto mar
só pra ver você me resgatar.
Minha vida é vazia e infeliz.
Longe dos seus braços
eu me sinto incapaz,
pois só consigo eu sinto plena paz.

Por Kleuber Eterno.
(13 de Dezembro de 2017)

POESIAS

Por Pe. Alex Nunes, CSS

SILÊNCIO

Tarde de céu azul
Sol tímido
Galo canta,
Brisa leve,
Pura poesia.

NOSTALGIA

Na Cidade dos Pomares,
Onde canta as araras,
Faz chorar de saudades,
Ouvir do Carmo, as badaladas,

SINOS DO CARMO

Se há melhor coisa no mundo,
Não sei;
Sei que bom é descansar no casarão,
Ver arara azul em céu azul;
Enquanto pra dentro da casa e do coração,
Os sinos ressoam como a beleza de um pavão.

RAÇA

Meu sangue,
Sangue nobre;
Tem o ouro dos Palácios,
A alegria do cocar,
A força da senzala.
Meu sangue,
Sangue luso,
Sangue tupiniquim,
Sangue Puro,
Sangue de Olorum.

PARADIGMA

A vida é uma resposta generosa e gratuita ao Espírito de Deus,
A vida de Cristo é tomada como paradigma.

LIBERDADE

O ser humano é liberdade encarnada.

ESCATOLOGIA

As realidades últimas, não nos livram da responsabilidade com as realidades penúltimas.

CRISTÃO

Ser cristão significa essencialmente passar do ser em prol de si mesmo,
Para ser em prol dos outros;

IRMÃO

Queres estar do lado Dele, precisas estar ao lado deles, seus irmãos.

FÉ

Os atos de fé são possíveis porque são humanos. A fé é graça encarnada.

VIDA

A vida é uma metáfora nupcial, se abre e se fecha na alegria das núpcias de um Deus que se apaixona pelo ser humano.

CRIANÇA

Cadê a criança que estava aqui?
Leveza, ternura, sorriso, pureza e paz;
Cadê a criança que morava aqui?
A criança partiu.

A FÉ

Por Pe. Alex Nunes, CSS

A fé é algo vital. Ela envolve pessoas e grupos a partir de dentro, carregando em si uma força capaz de "mover montanhas". Ele penetra a existência humana no seu âmago. A fé é visceral, ela dá a sentido a palavras e gestos no mundo. A fé ilumina a razão e o homem na sua autoconsciência: "*fides quaerens intellectum*". A fé para o homem religioso é uma resposta sem resposta, sobre o sentido da vida. Ela pode até ser negada, mas não deixa de ser uma preocupação universal.

Segundo os teólogos Niebuhr e Tillich, a fé antecipa a própria religião, é fundamento da mesma. Ela é uma questão de sustentação do ser, mesmo para o ateu. A fé dá sentido a sua própria negação. É preciso crer para negar; é preciso crer para duvidar e é preciso crer para ignorar. A fé é um absurdo que nos move até mesmo, quando decidimos não nos mover.

A fé, na realidade, não é um conhecimento ou um objeto que se apresenta vindo de fora. É um conhecimento possuído como conhecido. É uma atitude interior daquele que crê, abrindo-o para o essencial, onde o homem sabe-se e sabe qual é sua procedência. A fé revela ao ser humano uma realidade estranha, e este tem que confrontar na fé, sua autoconsciência com a totalidade de todos os seus condicionamentos sejam eles psíquicos, espirituais, culturais etc.

Arrisco a dizer que fé é a exegeta do mundo, pois contribui muito para compreensão do mesmo e do homem na sua eterna busca por sentido. A fé se antecipa a qualquer crença ou religião. Ele pode até mesmo negar essas duas realidades, que tentam prendê-la numa "gaiola de ouro". A fé é livre para fundamentar ou não, a religião e a religiosidade. A religião e a religiosidade podem ser um derivativo da falta de fé; ou do seu ocultamento; ou ainda a deturpação da mesma.

Enfim, a fé, segundo alguns teólogos contemporâneos, é uma realidade destinada a permanecer, pois ela dá motivos para a humanidade esperar sempre. Ela organiza o homem como ser que crê. A fé faz pensar o ser humano a partir de uma antropologia teologal.

Referência Bibliográfica:

FOWLER. James W, **Estágios da Fé.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 1981.

A EXPERIÊNCIA DE DEUS COMO AUSÊNCIA NA VIDA DE SÃO MANUEL BUENO, MÁRTIR

Por Pe. Alex Nunes, CSS

A experiência e a espiritualidade cristãs participam da tensão interminável entre a dúvida e a fé, entre a tentação e a certeza. Isso se observa no romance de Miguel de Unamuno, em que São Manuel Bueno, Mártir tido como santo por todos, vive esta tensão interiormente. Nele, Deus se revela uma presença-ausente.

Não há certeza de fé para São Manuel. A escuridão é espessa na sua vida interior, mas quanto maior esta se manifesta, mas ele brilha como aurora para sua aldeia, servindo a cada um com amor evangélico. A vida de São Manuel Bueno acontece dentro da dinâmica de um Deus-ausente, a exemplo de Jesus na cruz que grita: "*Eloi, Eloi, lamá sabachtháni*?, isto é: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" (Mc 15,34; Mt 27,46). Manuel confia em Deus e o acolhe na solidão, na dúvida e na noite escura. A dúvida é a forma de São Manuel participar da paixão de Cristo e do destino dos incrédulos. Ela é também desafio diante da fé de seu povo, traduzida como serviço aos mais necessitados de sua paróquia-aldeia de Valverde, de Lucerna.

Em São Manuel vê-se que a vida espiritual implica perseverança profunda e compromisso com o ser e o agir cristão. A sua espiritualidade é totalmente gratuita no ser e no servir, mesmo que este ser, ontologicamente, esteja marcado pela total ausência Daquele que é o sentido de todo ser e agir fiel e que não haja mais sentido para continuar. Manuel não desiste; às apalpadelas, segue caminhando no serviço ao próximo e aos mais necessitados sem nenhum interesse e não buscando nada, nem mesmo Deus. Ele simplesmente ama e isso basta.

A espiritualidade da ausência traz à tona um "talvez seja verdade", em que credulidade e incredulidade, fé e dúvida, constitutivos da existência humana, fazem com que fiel e incrédulo participem cada um a sua maneira da verdade que oscila entre ter fé e não ter fé, presente no ser humano que leva a sério o que significa ser e existir. Encontramos esta sinceridade em São Manuel. Ele vive com intensidade a sua dúvida, pois ela é possibilidade constante não só de reencontrar Deus na solidão, mas de Deus mesmo

se fazer presente na sua falta de fé. Para Manuel "tudo é graça" mesmo na ausência da graça.

A vida de São Manuel é marcada pelo amor: fundamento de toda e qualquer espiritualidade cristã. O amor toca a fímbria de seu ser, pois ele sabe que o sentido da sua existência é perder-se na alma do povo de sua querida aldeia. No amor e pelo amor, Manuel consola e cura as pessoas que dele aproximam, ensinando-as a sentir a vida e mostrando que é preciso viver sempre. Ele não tira a esperança e a fé de ninguém, ao contrário, a escuridão interior experimentada, transformou-se em luz exterior para o próximo. São Manuel perdeu-se na alma de seu povo, da montanha e da aldeia e, ao se perder, mesmo não crendo, testemunhou o que é crer em total desolação resignada.

Em São Manuel Bueno, as obras bastaram para revelar a sua espiritualidade. Não há no seu agir nenhuma pretensão ou vestígio de racionalizar, doutrinar a fé, ou provar a existência de Deus. Ele, simplesmente traz para o mundo o eterno, apesar de não encontrar nesse eterno nenhum consolo para si próprio. São Manuel proclama com a vida marcada pela incredulidade que, a revelação de Deus não se dá apenas nas palavras, na presença, na certeza, mas também no silêncio, na ausência e na dúvida.

A oração de Manuel se levanta das profundezas do inferno, do deserto e da ausência de Deus. É uma verdadeira contemplação na hora da escuridão transformada em serviço. São Manuel participa, com sua vida, da solidão radical e do abandono de cada ser humano. Nele, Deus-ausente se faz presente na escuridão. Deus está lá onde já não se faz ouvir nenhuma voz.

A experiência de Deus deste santo é fazer com que todos sejam felizes. A experiência de escuridão e solidão vivida por ele brilhou como um farol para Valverde de Lucerna. O Deus-ausente de Manuel iluminou os corações dos habitantes da aldeia. Ele fez da sua agonia alívio para o outro; da escuridão, luz; do desespero, esperança; da incredulidade, fé e da tristeza, alegria para seus conterrâneos.

Ele que cria não crer e, não esperou a imortalidade, tornou-se ícone daquela doce e alvissareira esperança de imortalidade que move cada ser humano na fé, a se lançar nos braços de Deus. Para São Manuel Bueno, Mártir, espiritualidade e revelação se dão pela conduta de vida. O amor ao próximo é a sua verdadeira espiritualidade, pois este fundamenta, sustenta e conserva a fé e a esperança, mesmo que a única presença de Deus seja marcada por uma profunda ausência.

O PACOTE

Rosélica Moreira Rosa

Ao receber o pacote, envolto a um papel amarelado do tempo, vinha preso em forma de laços na fita branca de cetim envelhecida, não pude perceber naquele instante, quão belas seriam as mãos que o conduziam, pois elas usavam luvas, costume comum para ocasião. Como presente ou tesouro, algo muito precioso havia ali a nos surpreender...

Ao desamarrar os laços, e segurá-lo nas mãos, percebi que aquele pacote era leve e o que poderia trazer aquele embrulho para as mãos que o recebia? O conteúdo que havia em seu interior seria então para uma pessoa, centenas ou tantas mil? O inesperado, ou algo previsível? Trazido pelas mãos misteriosas vestidas de luvas de seda/cetim, que por um instante passaram despercebidas como toque de pura magia, talvez utopia.

Ao ser aberto, olhei-o vagarosamente em seu interior, percebi que neste se encontravam três Pergaminhos; quando meus olhos os contemplaram sem entender como se ajustaram tão bem, vi que havia uma sequencia numérica para cada um, "**primeiro, segundo e terceiro pergaminho". A**o imaginar tudo o que poderia estar escrito e, assim dividido em três partes, antecipei em escolher, desenrolar e ler o **segundo,** me colocando assim, ao meio termo no patamar dos curiosos e ansiosos.

- Diziam então as primeiras palavras: Caro leitor, **como vê Morrinhos de hoje**? Continua: Este é o ano de 2013 (dois mil e treze) um ano ímpar em muitos aspectos; se seus olhos podem ver a Morrinhos nesse ano, verão quantas transformações e crescimento. Cidade próspera de um povo honesto, passivo, homens e mulheres intelectuais ao tempo em que coloca a educação e a cultura como forma de progresso humano, tanto dos que lidam no campo, como os da Cidade. Esta Morrinhos tendo um pleito administrativo em que o povo é colocado em primeiro lugar se reconstrói através de muitas mãos talentosas que bravamente assume um papel de destaque ao comparar-se a outras cidades.

As luzes que clareiam nossa Morrinhos, ao vê-la de longe, refletem um estandarte, em grande significância no campo religioso, político e

cultural. Grandes nomes fazem parte desta história, cada ser seja ele de que área ou segmento for, perambulam por ruas onde todos se conhecem, são cativos e frequentam os mesmos lugares como munícipes respeitados. Acolhedora e mãe, nossa Morrinhos hoje tem um berço de exemplo; os lençóis que são estendidos neste berço amplo permitem que vivam confortáveis todos aqueles que dela precedem e sucedem.

... Ao colocar-me envolta de tudo o que havia lido, concordei emocionada, e ansiosa para apreciar todas as maravilhas que ainda se encontravam naquele Pacote; minhas mãos, involuntariamente, lançaram-se para o próximo pergaminho, imaginado rever pacientemente cada um deles em momento menos curioso e ansioso. Escolhi assim o terceiro pergaminho; quantas surpresas! Vi que ali poderia dar asas à minha imaginação, pois as primeiras linhas estavam em branco com apenas um ponto de interrogação.

Tendo no meio um questionamento inesperado: **Imagina você o futuro de Morrinhos?** Pensei tão logo em uma grande metrópole, imaginei Morrinhos com 80 (oitenta) mil habitantes, com mais indústrias, sem violência, com mais universidades, pontos turísticos, teatros, cinemas. Limitei apenas em ser esperança, sonhos, demência ou talvez incertezas...

Voltando à realidade, percebi que eu poderia escrever nas linhas em branco, colocando ali, migalhas de contribuição para a construção do futuro de nossa cidade. E, no mundo imaginário da escrita, redigi as seguintes palavras: Morrinhos do futuro, ao alcance dos meus olhos, filhos e netos, estará sendo vista como a Cidade dos Sonhos, onde haverá universidades com cursos de medicina e direito, entre outros mais, jovens políticos ocupando cadeiras nas esferas Estadual e Federal, a saúde em alta, possuindo seu próprio centro de hemodiálise, clínica de referência para mulheres, UTI móvel mais bem equipada, etc.

Pensei também em um plano de governo que venha ao encontro, ao anseio do povo, para que não haja mais pobreza, nem fome, com mais moradias populares, que todo cidadão tenha dignidade vivendo confortavelmente com o salário do seu próprio trabalho registrado.

Vi a Morrinhos com uma Delegacia especializada da Mulher, Criança e do Adolescente; sonhei com Legislativo formulando Leis para promover a igualdade racial com projeto de sistema de cotas racial e social

em concursos público municipal... E eu sou parte do plano de construção desta cidade do futuro, onde as praças continuam arborizadas e bonitas, porque delas não extrai a flor, onde as ruas são impecavelmente limpas porque nelas não joguei o lixo, a cultura é preservada porque através dela fui educada; sim sou parte deste acervo; pois nela não vi mais a violência, porque respeitei o direito de cada ser. Acordada ou dormindo, sendo criança ou adulto, creio na superação das incertezas quando o seu futuro puder ver-se com amor.

Então, depois de contemplar Morrinhos no presente e, de forma pregressa, a imaginar seu futuro, retomei a última opção; queria que aquele momento durasse um pouco mais, que houvesse outros pergaminhos a serem apreciados; pois estava muito radiante, um momento febril de tantas emoções! O pergaminho que ainda me esperava sendo o último do PACOTE, inexplicavelmente tinha ordem numérica 1º (primeiro). Não precisei relutar para abri-lo... E, mais uma vez, que surpresa!

– Este se encontrava em coerência com os demais, com letras bem desenhadas, uma arte em modelagem, e discorreu o epígrafe em poucas laudas da seguinte forma: "**O Passado Subscreve**", Morrinhos nasceu há algum tempo, o que se sabe do seu passado? Basta olhar pela janela da vida de seus fundadores; deixe que o vento em força das mãos que trabalharam aplaudam sua criação e seu crescimento. Sua bela história não começa no cemitério onde jazem aqueles que nos antecederam, mas sim nas dádivas dos que por ela eternizaram.

Dos tempos passados deste berço, nasceram ilustres Coronéis, Governadores, Senadores, Padres, Religiosos, Juízes, Cantores, Escritores, Atores, Educadores, e outros mais. As mulheres pleitearam lutas para promover uma ação social acolhedora e incentivadora objetivando fomentar a inclusão social dos menos favorecidos. Sabemos ainda que num passado, não muito distante, Morrinhos foi também força política e regional das estatais goianas, tais como, Celg, Receita Federal, Telegoiás, Saneago, Banco do Brasil, Subsecretaria de Educação, Regional de Saúde, Previdência Social, IBGE, entre outras.

Ao regressar um pouco mais atrás, recordei as primeiras famílias que eventualmente aqui chegaram construindo os alicerces desta Cidade

e, foi neste instante, em que percebi que meus pensamentos vagavam até os meados de 1936/1949, e que as mãos que me entregaram o Pacote eram as mesmas que iniciaram a cultura em nossa cidade através da construção dos cinemas Hollywood e Cine São José e eram dádivas de Ilma. Sra. Maria Amabini de Moraes. E, os laços que envolviam o Pacote na sua simbologia, evidenciavam a confiança e zelo, possuindo assim forma de patrimônio, educação e cultura; as luvas eram as virtudes; as mãos bem feitoras representavam cada prefeito e demais primeiras damas que por Morrinhos trabalharam. Os 03 (três) pergaminhos eram a nossa querida e próspera Morrinhos do passado, presente e futuro.

Entretanto, as mãos que receberam o pacote escreveu este conto, para que todo aquele este ler possa também interpretá-lo, com suas próprias características, previsões e aspirações. Pois afinal, seu codinome é "**Pacote de Perspectivas"**.

Rosélica Moreira Rosa
(Roseli – autora memorialista)
(premiação 3ª lugar)

Concurso Estadual de Contos – Morrinhos: Passado, Presente e Futuro.
Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos/2012

DIAS SOMBRIOS E INOPORTUNOS

Rosélica Moreira Rosa

Não era possível imaginar que até os céus chorariam por você naquela manhã.

A angústia de esperar na noite anterior fizera frias e cambaleantes todas às emoções. Ao surgir o sol após a madrugada fria, o mesmo parecia tímido, pálido e escondido na neblina do dia que se rompia; tudo parecia tenebroso, estreito e angustiante, mas o coração partido auxiliava a fé dos que ali caminhavam...

Um corpo, talvez quase santo, estendido no solo sagrado, pensamentos e lamentações escoavam em cada alma; no olhar mais profundo de cada ser podiam perceber e somar em inúmeros sentimentos de despedidas...

Onde estava você?

Fizera de todos os pedaços de dor. Seu semblante era ameno, doces lembranças de seu sorriso nos fazia percebê-lo tão vivo e bem próximo. E, no silêncio, era permitido ouvir o toque dos passos e sussurros em todos os cantos. O que pensaria você se pudesse nos ouvir? Como magia, estava presente, através da brisa suave poderia os mais sensíveis senti-lo como o sopro que refresca e acalenta a saudade distante que agora é presente.

E agora, onde estava você? Todavia, foi amado, seus feitos heroicos serão sempre lembrados, de todos nós será eterno, em mundo infinito também procurado.

No mistério do tempo, ouviu-se o estampido da arma, ladeira de sangue, o choro do corpo; tombou-se em terra bruta ao meio capinzal, no silêncio a coragem, a incerta razão. Deus ouviu seus gemidos e aliviou sua dor, do canto dos pássaros ao encanto da alma. Na certeza que seu próprio movimento calou sua voz, seu intenso desejo de resgatar a vida fez perder a sua.

Mas, onde estava você? Nos dias de espera ninguém saberia. Vozes diversas se elevaram os mais belos cantos e orações, um filme que conta a história de um jovem representada em fotos no mural: cartazes e faixas,

bandeiras e lutas... Despediu-se da vida e falou do adeus, no silêncio da solidão nos mostrou que caminhava descalço até o além, ao despojar-se da matéria nos fez entender que estaria aquecido nos braços de Deus.

Sim, por aqui passou você, conseguiu plantar a semente da alegria em terras áridas e distantes, e delas colheu a flor.

...Para onde iria, na oração procurei, pois nas mãos de Deus foi o que encontrei nosso jovem querido, **Padre Gisley.**

"Padre Gisley Azeredo, morreu vítima de latrocínio, tinha 31 anos quando foi assassinado em Brasilândia no Distrito Federal em 16 de junho de 2009". O mesmo exercia seu sacerdócio na congregação dos Sagrados Estigmas; entre outras pastorais e movimentos que atuava, sua bandeira favorita era como assessor nacional da juventude da CNBB. E, sua luta nos arredores de Brasília era contra o "extermínio de jovens"...

In memória,
Poema de dor.

Morrinhos, 10 de Agosto de 2015.

Rosélica Moreira Rosa (ROSELI)
(Autora memorialista)

Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Pronto Editora Gráfica/ Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da Pronto Editora Gráfica/ Kelps, no papel: Off-set 75g/m², composto na fonte Minion Pro, corpos 8, 10, 12
Novembro, 2018

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor